

**A INTERAÇÃO CONJUGAL E O USO DA VIOLÊNCIA
EM FAMÍLIAS COM FILHOS PEQUENOS**

Fernanda Vaz Hartmann

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de grau de Mestre
em Psicologia sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Rita Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, outubro de 2004.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas merecem meus sinceros agradecimentos:

Minha família: meu esposo, Alexandre, pelo amor, apoio e compreensão e, principalmente, pela cumplicidade nos momentos difíceis; e meus filhos, Isadora, com 3 anos, e Theodoro, com sete meses, que são os meus tesouros e que me oportunizaram aprender um pouco mais sobre a fase retratada nesta dissertação;

Meus pais, pelas oportunidades oferecidas e pelo incentivo que sempre me ofereceram;

Meus sogros, por terem se tornado como pais, sempre presentes e carinhosos; Em especial, à minha mãe e à minha sogra que sempre me socorreram oferecendo cuidado e carinho aos meus filhos;

Minhas irmãs, pela presença e estímulo a enfrentar os desafios oferecidos pelo mestrado;

Minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Rita Sobreira Lopes; por não ter medido esforços no acompanhamento e melhoramento do trabalho;

As auxiliares de pesquisa Maria Luiza Imbert (Malu) e Josiane Pawlowski, por terem acompanhado e participado na execução deste trabalho;

Os professores do Pós-Graduação, pelo conhecimento que me ofereceram durante o curso;

Os professores da banca examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Olga Falceto, Prof^ª. Dr^ª. Cleonice Bosa; Prof. Dr. William B. Gomes, pelas contribuições e auxílio oferecidos no melhoramento desta dissertação;

Os funcionários; da UFRGS, especialmente Margareth Bianchessi, pelas informações sempre precisas e úteis e pelo atendimento prestado aos alunos;

E, finalmente, aos casais que participaram deste estudo, sem os quais esta dissertação não existiria.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
I INTRODUÇÃO	10
1.1 Apresentação	10
1.2 O Subsistema Conjugal: a dinâmica relacional entre os pólos de individualidade e conjugalidade	14
1.3 A Violência Conjugal	21
1.4 Famílias com Filhos Pequenos: a passagem da díade para a tríade	29
1.5 A Intergeracionalidade como Mantenedora de Padrões de Relacionamento	34
1.6 Objetivo e Justificativa	38
II MÉTODO	40
2.1 Participantes	40
2.2 Delineamento e procedimentos	42
2.3 Instrumentos	44
III RESULTADOS	47
3.1 Análise das Entrevistas e Genograma Familiar	48
3.1.1 Casal 1	48
3.1.1.1 Apresentação do casal	49
3.1.1.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal	50
3.1.1.3 Síntese da entrevista do casal	51
3.1.2 Casal 2	58
3.1.2.1 Apresentação do casal	59
3.1.2.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal	60
3.1.2.3 Síntese da entrevista do casal	60
3.1.3 Casal 3	67
3.1.3.1 Apresentação do casal	68
3.1.3.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal	69
3.1.3.3 Síntese da entrevista do casal	71
3.1.4 Casal 4	76
3.1.4.1 Apresentação do casal	77
3.1.4.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal	78
3.1.4.3 Síntese da entrevista do casal	80
3.1.5 Casal 5	86
3.1.5.1 Apresentação do casal	88
3.1.5.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal	89
3.1.5.3 Síntese da entrevista do casal	90
3.2 Análise da Interação dos Casais	97
3.2.1 Categorias de interação	99
3.2.2 Síntese da análise da interação	101

IV DISCUSSÃO	107
4.1 Aspectos Singulares	107
4.1.1 Caso 1 - Fábio e Luciane	107
4.1.1.1 A individualidade e conjugalidade do casal	108
4.1.1.2 O uso da violência como reguladora de distância	111
4.1.1.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência	113
4.1.2 Caso 2 - Miro e Veruza	115
4.1.2.1 A individualidade e conjugalidade do casal	115
4.1.2.2 O uso da violência como reguladora de distância	118
4.1.2.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência	119
4.1.3 Caso 3 - Mariana e Gil	121
4.1.3.1 A individualidade e conjugalidade do casal	121
4.1.3.2 O uso da violência como reguladora de distância	125
4.1.3.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência	126
4.1.4 Caso 4 - Darlei e Cristina	127
4.1.4.1 A individualidade e conjugalidade do casal	127
4.1.4.2 O uso da violência como reguladora de distância	133
4.1.4.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência	135
4.1.5 Caso 5 - Marisa e Henrico	138
4.1.5.1 A individualidade e conjugalidade do casal	138
4.1.5.2 O uso da violência como reguladora de distância	142
4.1.5.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência	143
4.2 Aspectos Comuns	145
4.2.1 A individualidade e Conjugalidade do Casal em Famílias com Filhos Pequenos	146
4.2.2 O uso da violência como reguladora de distância	151
4.2.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência como reguladora de distância	155
4.3 Considerações Finais	158
V REFERÊNCIAS	165
APÊNDICE A	173
APÊNDICE B	175
APÊNDICE C	176
APÊNDICE D	178
APÊNDICE E	182
APÊNDICE F	185

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1: Dados de Identificação dos Casais</i>	42
<i>Tabela 2: Dados Sócio-demográficos do Casal 1</i>	48
<i>Tabela 3: Dados Sócio-demográficos do Casal 2</i>	58
<i>Tabela 4: Dados Sócio-demográficos do Casal 3</i>	67
<i>Tabela 5: Dados Sócio-demográficos do Casal 4</i>	76
<i>Tabela 6: Dados Sócio-demográficos do Casal 5</i>	87
<i>Tabela 7: Interação dos Casais</i>	102
<i>Tabela 8: Interação dos Casais por Sexo</i>	105
<i>Tabela F1 - Interação do Casal 1</i>	192
<i>Tabela F2 - Interação do Casal 2</i>	200
<i>Tabela F3 - Interação do Casal 3</i>	210
<i>Tabela F4 - Interação do Casal 4</i>	220
<i>Tabela F5 - Interação do Casal 5</i>	230

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1: Genograma de Fábio e Luciane</i>	48
<i>Figura 2: Genograma de Miro e Veruza</i>	59
<i>Figura 3: Genograma de Mariana e Gil</i>	67
<i>Figura 4: Genograma de Cristina e Darlei</i>	77
<i>Figura 5: Genograma de Marisa e Henrico</i>	87

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo compreender as dinâmicas interacionais estabelecidas pelos casais na etapa do ciclo de vida de famílias com filhos pequenos e o uso da violência na relação conjugal, entendendo as dinâmicas interacionais dos casais a partir do equilíbrio da individualidade e conjugalidade e o uso da violência como reguladora de distância. Para tanto, foi realizado estudo de caso coletivo (Stake, 1994) com cinco casais, em que os pais se encontravam com mais de 20 anos e que tinham apenas um filho com idade entre 12 e 36 meses. O casal foi entrevistado conjuntamente. Foi realizada análise do conteúdo das falas e análise da interação dos casais. A análise da interação dos casais foi feita através de uma adaptação do estudo de Destri (1996) que permite avaliar como os casais estão equilibrados entre as dimensões de individualidade e conjugalidade. Os achados deste estudo apóiam a expectativa de existir uma relação entre a dinâmica interacional do casal e o uso da violência. Considerando que a etapa de famílias com filhos pequenos introduz uma mudança significativa no sistema conjugal, ao acrescentar mais um membro, transformando a relação conjugal de dual para triangular, questionamos como os casais reorganizam a sua dinâmica interacional, dentro das dimensões de individualidade e conjugalidade, e em que medida utilizam a violência como reguladora de distância. A análise dos dados revelou que os casais deste estudo apresentaram uma interação em que se sobressai a dimensão da individualidade em relação à conjugalidade. Este funcionamento com predominância da individualidade parece criar uma certa distância entre os cônjuges, gerando descontentamento com a relação. Na busca por maior intimidade e cumplicidade, surgem as queixas, discussões e, algumas vezes, até a violência física. A

violência surge então, como reguladora de distância para conquistar mais intimidade entre os cônjuges. quando o casal perde o controle das emoções. Com esta pesquisa conseguimos adicionar a compreensão da violência em famílias com filhos pequenos utilizando as perspectivas interacional e do desenvolvimento.

ABSTRACT

The present study aimed to compare the interactional dynamics of couples during the life-cycle phase of families with young children, as well as the use of violence in the marital relationship. The interactional dynamics was understood in terms of the balance between individuality and conjugality and the use of violence as distance regulator. A collective case study was carried out, with five couples, in which parents were older than 20 years and had only one child aged 12 to 36 months. The couple was interviewed jointly. A content analysis was carried out, as well as an interaction analysis. The interaction analysis was based on an adaptation of Destri's (1996) study which enabled to evaluate the balance between the dimensions of individuality and conjugality in the marital relationship. The findings support the expectation of a relationship between the interactional dynamics and use of violence. Considering that the phase of families with young children introduces a significant change in the marital system, as one more member is added to the system, transforming the relationship from dual to triangular, we wondered how couples reorganize their interactional dynamics, alongside the dimensions of individuality and conjugality, and the extent to which they use violence as distance regulator. The analysis revealed that couples had an interaction in which the dimension of individuality predominated. This functioning with predominance of individuality seems to create a certain distance between the partners, generating disappointment with the relationship. In searching for greater intimacy, there are complaints and discussions and, sometimes, even physical violence. The violence emerges as a distance regulator in order to achieve greater intimacy between the partners, when the couple loses the control over the emotions.

I INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Pesquisadores de diversas áreas como a Sociologia, Antropologia, Genética, Psicologia têm estudado a violência com a intenção de obter algumas respostas para o aumento frenético deste fenômeno em diferentes âmbitos. A família tem sido um dos muitos contextos sociais que registram maiores índices de violência. As formas de violência são variadas e apresentam-se com diferentes combinações: entre o casal, entre os pais e os filhos, entre os irmãos, com a família extensa. Entretanto, dados de pesquisa indicam que o maior índice de violência dentro da família está na relação conjugal (Grosman, Mesterman & Adamo, 1989).

No estudo de Schafer e Caetano (1998), fazendo uma tentativa de retratar a seriedade do problema da violência conjugal na sociedade americana, são referidos os dados obtidos pela The National Family Violence Surveys em estudos realizados em 1975, 1985 e 1992, estimaram que, de cada seis casais americanos, um experimenta, pelo menos, um episódio de violência conjugal, e que de cada três mulheres, uma é agredida pelo seu companheiro. Em sua própria pesquisa, estes autores ampliam a amostra para casais que coabitam, além daqueles que oficializaram o matrimônio pelo casamento; e obtêm resultados ainda mais alarmantes: mais de um em cinco casais nos EUA experimentaram pelo menos um episódio de violência conjugal.

Gelles (1997), citado na pesquisa de Salari e Baldwin (2002), realizou um estudo de amplitude nacional na sociedade americana e obteve resultados preocupantes:

74% dos homens e 75% das mulheres afirmaram utilizar, pelo menos uma vez por ano, violência psicológica contra o seu parceiro.

Na realidade brasileira, a violência entre os casais também gera preocupação. Em pesquisa feita pelo Banco Mundial, constatou-se que a violência dentro da família causa perda de, aproximadamente, um ano de vida saudável e produtiva para uma de cada cinco mulheres de 15 a 44 anos (Brasil, 2002). Esta pesquisa informa também que 70% dos incidentes de violência contra a mulher ocorrem no lar, tendo como agressores os maridos e companheiros e 40% se caracterizam como lesões graves.

Segundo informações da Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul (2003), ocorreram 1904 óbitos no estado em decorrência de agressões físicas. Outro dado importante é do Comitê Estadual de Mortalidade Materna que detecta a violência doméstica como a segunda causa de morte materna indireta em todo o Estado do Rio Grande do Sul durante o ano de 2000. O elevado número de pessoas atingidas em diferentes etapas da vida, com repercussões graves de saúde, levam os órgãos públicos de saúde a considerar a violência doméstica uma questão de saúde pública. A Organização Pan-Americana de Saúde (1993) declara que "a violência, pelo número de vítimas e magnitude de seqüelas emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública."

Estes índices tão altos revelam que a violência conjugal, assim como outras violências que ocorrem no ambiente familiar e que têm sido reportadas como violência doméstica, é um problema social e de saúde pública, que necessita de maior compreensão e de estudos. Pesquisadores da área social têm respondido a esta necessidade e desenvolvido muitas pesquisas sobre violência conjugal.

Em uma revisão bibliográfica sobre o fenômeno, vimos que a violência conjugal tem sido explorada na sua conjunção com outros temas que parecem estar colaborando com a sua produção ou mesmo na sua contenção. Pesquisas atuais relacionam a violência conjugal com a etnia (Jasinski, 2001), com o uso de substâncias psicoativas (Baugh, 2001), com a religião (Cunrad, Caetano & Schafer, 2002), com preditores sociais (Cunrad, Caetano & Schafer, 2002) e com a transmissão intergeracional (Nelson, 2002).

Além disto, são freqüentes os estudos que descrevem modelos e estratégias de intervenção terapêutica para a violência (Gerbi, 1994; O'Leary, 1996), porém poucos estudos tentam buscar uma base teórica para o fenômeno.

Outro aspecto a se considerar é que as pesquisas que abordam a violência conjugal costumam compreender este fenômeno a partir do ponto de vista das mulheres, freqüentemente as vítimas na relação conjugal. Esta é a abordagem que envolve o maior número de pesquisas (Appel, 2002; Dilillo & cols, 2001; Gonzales Bravo & cols., 2002; Mead, 2001; Miller & Bukva, 2001; Rosen & cols., 2002;).

Quando os autores tentam retratar o posicionamento masculino e o feminino frente ao tema da violência conjugal, utilizam-se de procedimentos e instrumentos que obtêm a informação separadamente (Armstrong & cols., 2002; O'Connor, 2002; Olson, 2002; Wilson, Jovic & Daly, 2001). Desta forma, os estudos que buscam uma compreensão do casal sobre o tema, ou seja, que investigam aquilo que é produzido na relação, abordando-a, são muito mais raros (ex. Lawrence, 2002; Salari & Baldwin, 2002).

A intenção deste estudo é tentar compreender o fenômeno da violência conjugal em uma perspectiva interacional, ou seja, através do discurso e da interação do casal,

partindo de uma abordagem relacional. Para fazermos esta leitura interacional, utilizaremos o pensamento sistêmico, que entende a violência como algo que surge a partir das relações e dos papéis estabelecidos na família, onde uma maneira de operar se instala e pode se manter através das gerações, ganhando uma dimensão de historicidade.

Partindo da concepção de que a família é o berço social e psíquico do indivíduo, onde padrões de comportamento se estabelecem e interferem no desenvolvimento, faz-se importante a compreensão de um fenômeno como a violência conjugal, mesmo porque o casal é tido como a base estruturante de uma família, responsável, portanto, pelos padrões transacionais que se instalam na família (Sager, 1980).

A legitimidade de abordar a violência em conexão com a família numa fase específica do ciclo de vida parece relevante, tendo em vista que grande parte dos estudos não leva em consideração as repercussões dos períodos críticos do ciclo vital. O fato de não considerar as especificidades de cada etapa de uma família, negligencia as mudanças que ocorrem a partir das exigências de cada fase e que, por consequência, geram novas dinâmicas interacionais na família. Neste estudo temos a intenção de focar o período conhecido como "família com filhos pequenos", tentando compreender como as mudanças que ocorrem neste período específico repercutem na dinâmica interacional do casal e se eles se utilizam da violência ou não.

O Ministério da Saúde (Brasil, 2002) reconhece a importância de os estudos sobre a violência serem norteados pelas noções de ciclo vital, que determina a atenção de acordo com as necessidades de cada estágio. Segundo o material sobre violência intrafamiliar desenvolvido pelo ministério, a atenção aos aspectos biopsicossociais pertencentes a cada etapa do ciclo de vida representa a compreensão do fenômeno em

uma lógica mais abrangente que reconhece os fatores do meio como participantes no desenvolvimento da problemática.

Compreender a violência conjugal na fase da família com filhos pequenos é tentar entender este fenômeno em uma fase de mudanças significativas nas interações conjugais, pois neste momento a relação deixa de ser dual para se tornar triangular. O casal se vê testado na sua capacidade de manutenção do equilíbrio da dinâmica interacional conjugal, mantendo ou não o equilíbrio entre os pólos de individualidade e conjugalidade. Quando os casais não conseguem ajustar este equilíbrio, lançam mão da violência, que passa a ser um mecanismo regulador da distância do casal (Bartle & Rosen, 1994).

Neste sentido, o presente estudo pretende investigar a dinâmica interacional de casais na fase conhecida como "famílias com filhos pequenos" (Carter & McGoldrick, 1995), identificando de que forma as dimensões de individualidade e conjugalidade se apresentam e como estão relacionadas com a violência na relação conjugal. Inicia-se a exploração deste estudo fazendo uma revisão da literatura sobre os seguintes tópicos: o subsistema conjugal e a violência conjugal. Em seguida, retrata-se o período do ciclo de vida familiar aqui referido, famílias com filhos pequenos, na tentativa de explorar as principais mudanças que ocorrem neste período. Adiante, examina-se a transmissão multigeracional de padrões de interação familiar, incluindo padrões de violência conjugal.

1.2 O Subsistema Conjugal: a dinâmica relacional entre os pólos de individualidade e conjugalidade

A organização de um sistema familiar se dá pelas funções e papéis que os subsistemas assumem. Os subsistemas podem ser formados por geração, sexo, interesse ou função. Cada indivíduo pertence a distintos subsistemas com diferentes níveis de poder, aprendendo habilidades diferenciadas, ingressando em diferentes relações complementares. A organização de subsistemas de uma família fornece treinamento valioso no processo emocional de se individualizar e de se conectar com o grupo (Minuchin, 1982).

Dentro do sistema familiar, o subsistema conjugal constitui-se no eixo em torno do qual se formam todas as outras relações (Satir, 1972). O casal é tido como a base estruturante de uma família, responsável, portanto, pelos padrões transacionais que se instalam na família. As relações conjugais assumem um funcionamento característico único, pois se desenvolvem a partir dos desejos e esforços mais básicos de cada cônjuge (Sager, 1980).

O relacionamento conjugal é tido como uma grande oportunidade para os indivíduos se enriquecerem e evoluírem. Trata-se do espaço oferecido para os adultos experimentarem a intimidade, o equilíbrio entre a união e a separação, ou entre a proximidade e a distância (Whitaker, 1995). É na relação conjugal que se cria um novo espaço onde cada parceiro reedita as vivências de separação e união com as figuras parentais, pois se ingressa no casamento com a "ilusão de fusão", de retorno à experiência simbiótica vivenciada na relação mãe-bebê, com a expectativa de tornar a vida completa e os vazios preenchidos (Silva, 1994).

Para que o casal consiga transcender a idéia de "ilusão de fusão" é preciso que ambos os parceiros se assumam como indivíduos. Um completo "ele" e um completo

"ela" se fazem necessários para que possam se aproximar da intimidade sem correr o risco de se sentir apagados pelo "nós" (Silva, 1994).

Segundo a teoria boweniana, isto ocorre quando o indivíduo possui um funcionamento autônomo, que se estabelece a partir do equilíbrio entre as dimensões de se conectar com outro e se separar para investir em seus aspectos individuais (Bowen, 1991). Caso contrário, as pessoas ficam aprisionadas em posições polarizadas, resultado da reatividade emocional gerada na interação. A premissa central é que o apego emocional não resolvido na família deve ser resolvido, e não passivamente aceito ou reativamente rejeitado, antes de se poder diferenciar uma personalidade madura e saudável (Nichols & Schwartz, 1998).

Este processo, no entanto, não está sob o controle dos cônjuges, tendo em vista que está impregnado de conteúdo inconsciente que envolve um complexo arsenal de motivações ligadas a vivências emocionais muito íntimas e profundas. Misturam-se desejos de várias ordens, e quanto mais inconsciente o indivíduo estiver em relação a esses desejos, maior a possibilidade de a relação se estabelecer com base neles. O parceiro passa a ser o correspondente de uma imagem preexistente na psique, e desta forma pode ser tido como uma parte da personalidade do outro. Quanto mais o indivíduo tiver dificuldades de reconhecer o que constitui o seu mundo interno, maior será a possibilidade de ele buscar no outro os aspectos não reconhecidos dele mesmo (Ramos, 1994).

Quando o indivíduo tem acesso e controle de seus desejos e emoções, ele consegue fazer uma distinção entre o sistema emocional e o sistema intelectual e eleger qual dos dois sistemas vai governar o seu comportamento, conseguindo funcionar

racionalmente nos seus relacionamentos, sem a inclusão de reatividade emocional que desperta caminhos involuntários (Bowen,1991).

O processo emocional de um indivíduo inicia-se na família e é regulado pelo interjogo das forças que direcionam as pessoas a seguirem sua própria direção, para ser independente (individualidade), e das forças que direcionam o sujeito a responder as diretivas dos outros, de estar conectado (mutualidade). Provavelmente, todo comportamento que ocorre nas relações com envolvimento emocional é simultaneamente influenciado por ambos, individualidade e mutualidade, mas um caminho predominante de pensamento ou ação pode ser frequentemente identificado (Kerr & Bowen, 1988). Como este estudo se dedica à compreensão das relações conjugais, passaremos a compreender os pólos da interação como individualidade e conjugalidade.

Quando um relacionamento conjugal é calmo e com um equilíbrio favorável, o interjogo entre a individualidade e a conjugalidade ocorre facilmente. O ajustamento que uma pessoa faz à outra é súbito e automático, quase impossível de ser percebido (Kerr & Bowen, 1988). Estes casais comunicam-se com clareza (a comunicação é aberta e direta), conseguem respeitar a individualidade de cada membro, bem como preservar um espaço coletivo, conservando a idéia de grupo. Carneiro (1996) refere-se a esta capacidade como a habilidade de transitar com tranquilidade pelas dimensões da individualidade e conjugalidade, possuindo regras flexíveis.

Quando o relacionamento se movimenta em direção a um desequilíbrio significativo, a pressão para se ajustar é muito intensa e facilmente observada. Nos momentos de alta ansiedade e sério desequilíbrio, as declarações da pessoa sobre uma situação mudam de um extremo ao outro (Kerr & Bowen, 1988). Os relacionamentos

com alta ansiedade, geralmente se apresentam ou excessivamente ligados ou com pouco envolvimento. Nos casais que estabelecem uma interdependência excessiva, cada cônjuge passa a ser um derivado do sentimento de pertencer ao relacionamento. Isto quer dizer que somente porque estão no relacionamento é que se sentem alguém. Este funcionamento leva os parceiros a experimentarem um sentimento profundo de falta, que nutre desesperança e raiva mútua, originados da impossibilidade de se encontrar consigo mesmo. Estes casais caem numa total estagnação, reduzindo, muitas vezes, a relação a uma convivência destrutiva, que não permite aos parceiros nem mesmo saídas individuais (Ramos, 1994).

O equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade no relacionamento não é estático, mas um estado de equilíbrio dinâmico (Kerr & Bowen, 1988). A natureza dinâmica do equilíbrio é criada por um ajustamento contínuo das pessoas; mudanças ocorrem minuto após minuto, dia após dia. Cada pessoa monitora cuidadosamente o outro através de sinais de mudança, sinais de “pouco” ou “muito” envolvimento.

Ainda que os relacionamentos conjugais existam em um estado de equilíbrio, as características deste equilíbrio não são iguais em todos os relacionamentos. A variabilidade deste equilíbrio resulta da diferença das pessoas no tanto de "energia de vida" que elas estão dispostas a investir no relacionamento, porque cada pessoa investe uma quantidade de "energia de vida" no relacionamento e retém um montante igual de energia para dirigir sua vida separado da relação. Isto ocorre de forma simétrica, ou seja, as pessoas tendem a se envolver com outras que estão dispostas a investir a mesma quantia de "energia de vida" na relação. A quantidade de "energia de vida" investida no relacionamento cria um *continuum*, tendo em um extremo percentagens altas de energia

de vida destinadas ao relacionamento e no outro extremo baixas percentagens. Quando uma percentagem alta de energia é investida no relacionamento, este passa a ser descrito como excessivamente ligado ou como tendo uma restrita separação emocional. Quando uma baixa percentagem de energia é investida, o relacionamento é descrito como tendo uma grande separação emocional.

Esta diferença entre as pessoas, no montante de energia de vida, que estão dispostas a investir no relacionamento, é explicada pelo conceito de diferenciação do *self*. Quanto menor a diferenciação do *self* do indivíduo, maior será o montante de energia investido na relação; quanto maior a diferenciação maior será a energia retida pelo indivíduo para investir em suas questões individuais.

Embora todos os relacionamentos oscilem entre pouco e muito envolvimento, eles estão em um estado de equilíbrio dinâmico, em que a flexibilidade inerente ao estado de equilíbrio fica diminuída quando as dimensões de individualidade e conjugalidade se desestabilizam, e, conseqüentemente, a capacidade para se adaptar a mudanças (Kerr & Bowen, 1988). Em qualquer relacionamento, as pessoas não estão sempre na mesma sincronia em desejar aproximação ou distância, e muitos problemas surgem por esta falta de sincronia. Este desejo de se aproximar ou se afastar é algo dinâmico e em constante transformação.

Quando uma interação conjugal se desequilibra tanto em direção ao pólo da individualidade como ao pólo da conjugalidade, cresce a ansiedade no sistema conjugal. O nível de ansiedade gerado em um relacionamento também não é fixo e invariável, podendo flutuar muito (Kerr & Bowen, 1988).

Quanto mais a interação se dirigir para os extremos de cada dimensão, maior será a ansiedade experimentada pelo casal. Tendo em vista que a ansiedade corrói o

sentimento de bem-estar e que as pessoas agem automaticamente por caminhos elaborados para diminuí-la, os membros do casal, ao perceberem o aumento de ansiedade no relacionamento, vão sentir-se impelidos a desenvolver ações para reduzir ou impedir o seu aumento, diminuindo, assim, a flexibilidade do relacionamento (Kerr & Bowen, 1988).

No momento em que a interação se volta para a conjugalidade, as pessoas mostram-se menos tolerantes e mais reativas uma à outra, direcionando o relacionamento para uma mudança de maior ou menor envolvimento. As expectativas passam a ser mais influenciadas por necessidades infantis do que pela cooperação existente. Existem mais reclamações, mais indagações sobre os direitos violados, e mais conversas sobre como o relacionamento deveria ser. A percepção de um apego restrito ou de muitas limitações geradas pelo relacionamento provoca ansiedade como resposta, e esta ansiedade, ao invés de ser processada, passa a ditar os pensamentos, sentimentos e as ações das pessoas (Kerr & Bowen, 1988).

Uma consequência importante da ansiedade é que ela cria pressão nas pessoas para se adaptarem umas às outras, em caminhos que levam a reduzir a ansiedade de cada um. Esta pressão para se adaptar pode produzir mudanças no comportamento de cada um, que resulta na ansiedade sendo expressa, vinculada, ou absorvida, na forma como as pessoas interagem e funcionam.

Este processo de "envolvimento com ansiedade" pode estabilizar o sistema de relacionamento, mas também, reduzir a flexibilidade do sistema e desenvolver um sintoma na relação. Quando a ansiedade aumenta, intensifica-se a pressão nas pessoas para se adaptarem ou se moldarem ao processo interacional intensifica-se. Esta pressão para adaptação ou acomodação origina-se da reatividade emocional dos indivíduos, e

não de pensamentos sobre a necessidade de compromisso ou aumento de cooperação (Kerr & Bowen, 1988).

Kerr e Bowen (1988) identificam algumas formas de os casais se organizarem para lidar com o desequilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade e com o aumento de ansiedade. A primeira delas é mantendo um certo afastamento físico e restrições no envolvimento emocional dos cônjuges, desenvolvendo uma interação distante; outra forma seria o cônjuge aliviar a ansiedade do outro abrindo mão de um pouco de sua individualidade em prol da conjugalidade para manter a harmonia da relação; há ainda aquele modelo em que os cônjuges se mostram impenetráveis, inflexíveis às pressões do outro em pensar e fazer as coisas ao seu modo, caracterizando o relacionamento como desarmônico e criando uma distância emocional entre os cônjuges: e, por fim, existe aquele modelo em que um dos cônjuges se anula completamente para se adaptar ao funcionamento do outro, criando uma relação assimétrica em que um dos cônjuges se sente desvalorizado e o outro fica mais confiante em seu ponto de vista.

Considerando que estes padrões de interação conjugal se estabelecem em casais em que existe uma quantidade de ansiedade significativa, nos quais acaba interferindo no padrão de interação desenvolvido pelo casal, a violência conjugal passa a ser reconhecida como a ansiedade expressa na relação, ou melhor, a ansiedade "atuada". Nestes casais, a ansiedade ganha proporções importantes, gerando uma reatividade emocional exagerada, que é a violência.

1.3 A Violência Conjugal

De acordo com Perrone (1988), a violência é um ato de ataque à integridade física e psíquica de um indivíduo, em que o indivíduo percebe a situação como de perigo, e sentimentos de coação são despertados.

O ato violento não deve ser visto como um fenômeno individual, mas sim como um fenômeno interativo, que permeia todas as classes sociais, e em que os integrantes da interação violenta não só são vistos como participantes deste processo, como também são tidos como "responsáveis" pelo mesmo. Perrone (1988) refere que todo e qualquer indivíduo adulto possui capacidades suficientes para obter uma vida autônoma e segura. Quando um indivíduo não consegue cumprir com essa responsabilidade, ele acaba estimulando os aspectos não controláveis e violentos do outro, instalando-se uma interação violenta.

Miermont (1994) analisa a violência como sendo "um fato cotidiano que ocorre toda a vez que um indivíduo ou um grupo tenta, através do uso da força ou da astúcia, submeter o outro à sua lei" (p. 384).

Ambas as definições do termo violência a consideram como o resultado de uma interação entre duas ou mais pessoas. Perrone parece lançar a idéia de a violência se manifestar quando o indivíduo perde o controle das emoções. A falta de controle das emoções está associada a relações com envolvimento emocional significativo (Kerr e Bowen, 1988), destacando as relações conjugais como aquelas mais suscetíveis à perda de controle.

Nas relações conjugais, por exemplo, é comum o envolvimento emocional com uma situação que faz com que as respostas sejam dominadas pela intensidade de sentimento e de emoção, perdendo, assim, a razão. Os sentimentos e reações emocionais ocorrem tão rapidamente que acabam modificando a resposta racional, ou seja, o

pensamento é modificado pela pressão do sistema emocional. Algumas vezes, as pessoas estão cientes de que seu pensamento está sendo modificado por sentimentos e emoções, mas na maioria das vezes este processo não inclui a consciência (Kerr & Bowen, 1988).

A violência surge como uma manifestação da falta de controle das emoções. Trata-se de uma reatividade emocional em que a perda de controle ocorre quando o sistema emocional toma conta da situação. Para Bowen (1991), a violência é considerada uma tendência reativa exagerada.

À medida que os indivíduos evoluem no seu processo emocional, são menos dominados pela emoção e podem participar de relacionamentos mais equilibrados, usando o diálogo como a principal ferramenta para chegar ao equilíbrio interacional (Bowen, 1991).

Estudos recentes têm tentado esclarecer a relação entre o tipo de personalidade do indivíduo, tipo de interação e a violência. Estes estudos encontram resultados que correlacionam a personalidade dependente dos indivíduos com o tipo de relação conjugal em que a dependência interpessoal é um fator de risco na dinâmica motivacional da violência conjugal (Murphy, Meyer & O'Leary, 1994; Rathus & O'Leary, 1995).

Outro estudo voltado para a questão da violência conjugal corrobora a idéia descrita acima, revelando que as relações objetivas de sujeitos envolvidos em interação conjugal violenta são muito empobrecidas e os níveis de representação de si mesmo e do outro estão em níveis bastante primitivos (Cogan & Porcerelli, 1996). Também se acredita que estes indivíduos possuem características narcisistas e que a agressão seria

uma resposta à identificação projetiva de necessidades complementares (Hockenberry, 1995).

A violência conjugal é tida como uma forma de interação disfuncional do sistema familiar. Casais que fazem uso da violência estão em conflito conjugal explícito, caracterizado por oposição constante e sistemática de um integrante do casal com o outro. É um conflito sem saída aparente, marcado por rupturas de duração breve, por contínuas ameaças de separação e por sucessivas reconciliações; uma relação conjugal, sujeita a oscilações, dominada pela impossibilidade tanto de estar juntos como de se separar. O vínculo insatisfatório e o conflito perduram pela expectativa que cada um tem de modificar o outro e fazer com que o outro se "renda" (Cirillo & Blasio, 1991).

O comportamento violento também é tido como uma conduta aprendida socialmente, adquirida pelo baixo fluxo de concretas condições ambientais. Desta forma, determinado comportamento se instala pela percepção do mesmo comportamento em outras pessoas, pela observação ou imitação (Cirillo & Blasio, 1991; Grosman, Mesterman & Adamo, 1989). Sob esta perspectiva, o comportamento violento se reproduziria geração pós-geração porque uma geração aprende com a anterior que esta é a maneira de interagir e de se comunicar.

Outro ponto a ser levantado é a questão do poder. A violência tem sido vista como uma maneira de reconquistar um status perdido dentro do sistema familiar. Na relação conjugal com violência, tendo o homem como agressor e a mulher como vítima, a violência surge quando o esposo fracassa em sua posição e em habilidades sobre as quais afirma seu status de liderança na família. Isto quer dizer que os homens se põem violentos quando não podem manter sua superioridade masculina por outros meios. O

uso da força assume o caráter de instrumento para obter um objetivo socialmente aprovado, que é o de liderança na família. A agressão tem lugar quando o dito poder é questionado, quando se produz um enfrentamento, para confirmar a relação de dominação-subordinação. Os resultados dos golpes confirmam a identidade de cada um (dominador, submisso) baseada na debilidade e passividade de um e na demonstração de força do outro. Portanto, ambos precisam desta situação para possibilitar o reconhecimento de si mesmo, ou melhor, do que "supostamente" devam ser. O comportamento violento se faz necessário para os dois para poder comprovar e demonstrar a superioridade dele em relação a ela. A mulher vive a situação de ser golpeada, como a confirmação de sua feminilidade que, de acordo com mandatos sociais, implica eleger um homem que sempre mostre a sua superioridade (Grosman & cols., 1989). Esta compreensão utiliza a perspectiva feminista no entendimento da violência conjugal. Na visão feminista, as famílias são descritas como unidades sociais patriarcais que promovem a dependência da mulher e o poder do homem (Salari & Baldwin, 2002).

Johnson (1995), bem como outros teóricos que utilizam a perspectiva feminista, entende a violência de duas formas: a "violência comum entre os casais" e o "terrorismo patriarcal." Ele descreve o "terrorismo patriarcal" como um produto das tradições patriarcais em que os homens têm o direito de controlar as suas mulheres; é uma forma de controle terrorista que envolve o uso sistemático de não somente a violência, mas também de outras táticas de controle como a subordinação econômica, ameaças, isolamento. A "violência comum entre os casais" é, em menor grau, produto do patriarcado, é mais um produto das diferenças de gênero. A dinâmica conjugal possui

conflitos que ocasionalmente "saem do controle", utilizando formas menores de violência e mais raramente progredindo numa escalada mais séria.

Em estudos realizados com sujeitos que fazem uso da violência e profissionais que lidam com esta temática (psicoterapeutas), encontramos a confirmação dos achados de Johnson (1995). Estes estudos (Graham & Archer, 2003; Greene, 2002) investigaram o tema através de questionários e chegaram a resultados que reforçam a afirmativa de que alguns casais sofrem de ocasionais explosões de violência, tanto do homem como da mulher, e que este tipo de violência tem sido referido como "a violência comum entre os casais"; enquanto outros casais são aterrorizados por sistemática violência masculina referida como "terrorismo patriarcal", que é uma forma severa de violência do homem contra a mulher, motivados pelo desejo de total controle sobre o parceiro.

Mesmo que a relação conjugal assuma posições opostas, de vítima e agressor, sob a luz do referencial sistêmico, ambas as posições são responsáveis pela dinâmica que se instala na relação, já que suas posições manifestas encobrem posições latentes; a vítima é tida como uma "provocadora passiva" enquanto o agressor ou dominador é aquele que assume o papel de "provocador ativo" (Cirillo & Blasio, 1991).

A partir do exposto, parece que a violência tem sido entendida como um comportamento que surge em relações assimétricas e hierárquicas, em que indivíduos lutam para controlar e ter poder sobre sua própria vida e sobre a vida do outro, assim como é o resultado das dificuldades dos indivíduos em manifestar o desejo de ser amado. Os membros do casal se envolvem numa luta para serem cuidados, porém este desejo de ser amado é externalizado com base na rivalidade, discriminação, antagonismo e desavenças (Madanes, 1997).

Existem, ainda, outras abordagens teóricas que explicam a violência conjugal. A perspectiva sociológica sustenta que a violência familiar difere na sociedade e está relacionada com características sociodemográficas, minorias, integração social e níveis de isolamento. A perspectiva individual defende a idéia de que a violência familiar é causada por fatores psicológicos individuais, tais como: baixa auto-estima, doença mental, e adição de álcool e drogas (Salari & Baldwin, 2002).

Cerveney (1994) concorda com esta perspectiva, destacando que sujeitos envolvidos em interações violentas possuem grande labilidade emocional e afetiva, e que eles, geralmente, são desmedidos na regulação de suas emoções, são afetivamente dependentes e sentem-se constantemente inseguros acerca de sua própria identidade, manifesta ou latente.

Aqueles que compreendem a violência conjugal examinando a dinâmica da interação conjugal dentro das dimensões de individualidade e conjugalidade oferecem a tese de que a violência é um mecanismo de regulação da distância, que mantém o equilíbrio no relacionamento entre separação e conexão. Estes autores apontam que o processo de desenvolvimento que permitiria este equilíbrio sem o uso de violência seria a diferenciação dos membros envolvidos na relação (Bartle & Rosen, 1994).

As evidências mostram que os relacionamentos com um envolvimento emocional exagerado revelam alta reatividade emocional, resultado de uma perspectiva limitada e de um senso exagerado do impacto do comportamento do outro sobre o seu *self*. Então, a violência pode ser vista como uma manifestação reativa extrema em resposta a uma emoção evocada no contexto de relacionamentos íntimos (Bartle & Rosen, 1994).

A violência apresenta um ciclo que pode ser compreendido como regulador da distância entre os cônjuges. O ciclo inclui a fase de escalada da tensão, uma explosão de violência, e uma fase de lua-de-mel; o ciclo de violência surge para tentar recuperar a relação conjugal. No ciclo da violência, observamos um processo dinâmico na interação conjugal, que ora está mais voltada para a conexão (conjugalidade) ora para a separação (individualidade).

Em um estudo (Billigham, 1987) realizado com 535 sujeitos (174 homens e 361 mulheres), em que foi aplicada a Conflict Tactics Scale, os resultados indicaram que a violência nos relacionamentos conjugais ocorrem, em sua grande maioria, no início do envolvimento emocional dos parceiros, sendo utilizada como um catalisador, a fim de mover o relacionamento a níveis maiores de envolvimento. Para Bartle e Rosen (1994), a violência é usada como forma de recuperar a individualidade de cada cônjuge e restituir a relação conjugal quando o casal está excessivamente ligado.

Na presente dissertação, detivemo-nos na compreensão da violência como um mecanismo acionado para regular a distância do casal. Pretendemos fazer esta compreensão a partir da análise da interação do casal nas dimensões de individualidade e conjugalidade.

Tendo em vista que o processo de tornar-se pais tem sido apontado como algo que causa sensação de estranheza no casal e que a presença da criança pode ser associada com a diminuição do nível de satisfação no casamento (Hackel & Ruble, 1992; Kurdek, 1993; Petzold, 1990), pretendemos analisar como fica a interação de casais com filhos pequenos, e de que forma ocorre a reatividade emocional; se chegam ou não a usar a violência.

1.4 Famílias com Filhos Pequenos: a passagem da díade para a tríade

Alguns autores (Carter & McGoldrick, 1995; Falicov, 1991; Haley, 1989) utilizaram-se de conhecimentos sobre o ciclo vital obtidos pela antropologia e desenvolveram a teoria do Ciclo Vital, a fim de esclarecer as fases do desenvolvimento da família. Estes autores descreveram períodos importantes do ciclo de vida que classificaram como aqueles estágios em que a família se reestrutura no decorrer do desenvolvimento.

Segundo Falicov (1991), o desenvolvimento familiar é um conceito amplo que envolve todos os processos co-evolutivos transacionais, vinculados ao crescimento da família. A autora segue dizendo que a família é como uma unidade sociocultural aberta e em transformação que aponta uma série de tarefas evolutivas. Com este caráter, experimenta uma mudança natural no tempo e progride conforme etapas evolutivas bastante previsíveis: formação do casal, famílias com filhos pequenos, famílias com filhos em idade escolar, famílias com adolescentes e famílias com filhos adultos. Estas etapas estão limitadas pelas mudanças na composição da família pela organização de outros membros, e pelas modificações internas e externas.

A maturação física e social dos filhos determina grande parte do cronograma do desenvolvimento familiar. O fluxo básico do ciclo vital é similar para todas as famílias, ponderando as diferenças culturais e outras diferenças contextuais. Crises do ciclo vital são períodos tidos como comuns a todas as famílias, aqueles em que todo o sistema se desorganiza, pois o equilíbrio do sistema fica afetado pela perda ou ganho de algum membro que desafia a integridade e o crescimento do sistema (Carter & McGoldrick, 1995).

Scherz (citado por Falicov, 1991) aponta que o conflito é inerente ao desenvolvimento familiar, pois sempre que se está passando de uma etapa do desenvolvimento para outra, surge o conflito entre o desejo de manter o *status quo* e o desejo de mudança. Ele classificou o pico do estresse como crise de transição, desenvolvimento ou mutação.

Existem duas forças responsáveis pela orientação das diferentes etapas da vida familiar: centrípetas e centrífugas. Segundo Falicov (1991), em determinadas épocas de uma família, seus membros se envolvem entre si de maneira estreita e apertada, e as forças primárias familiares são centrípetas, mas há outras em que os membros se distinguem uns dos outros, orientando-se mais para os interesses extrafamiliares, e as forças familiares são centrífugas.

As diferentes atmosferas familiares proporcionam oportunidades para que o indivíduo pratique alternadamente a intimidade e envolvimento (forças centrípetas) e a individuação e independência (forças centrífugas).

Quando nasce o primeiro filho, inicia-se a segunda fase do ciclo de vida familiar tida como "família com filhos pequenos". Este momento ocorre, no geral, quando a família está passando pelo período mais centrípeto. Os cuidados que um recém-nascido exige fazem com que os membros da família concentrem seus esforços para dentro da família, criando um envolvimento maior entre os membros.

Neste estudo, a escolha da fase do ciclo vital de famílias com filhos pequenos se dá por ser esta tida como a crise previsível mais difícil para a família. Após o nascimento do primeiro filho, as exigências de mudança são tantas que, muitas vezes, o casal não tolera e acaba se separando (Carter & McGoldrick, 1995). A maior exigência está concentrada na passagem de interações diádicas para triádicas. Com a entrada de

um novo membro, surge uma dimensão desconhecida à interação, viabilizando alianças, além de uma nova relação de inclusão-exclusão (Andolfi & Angelo, 1989). A ansiedade aumenta no sistema familiar; a crise se instala e, frente a ela, surgirão padrões de interação novos, mais ou menos saudáveis.

Carter e McGoldrick (1995) explicam que o desafio maior para a família nuclear e extensa é a adição de uma criança ao sistema familiar. O fato de o marido e de a esposa tornarem-se progenitores modifica todo o equilíbrio familiar anterior, pois causa alterações nos espaços de trabalho, nas relações com amigos, com irmãos e com os pais.

É com a chegada dos filhos que surgem mães, pais, avós, tios (as), repercutindo em todo o sistema familiar. Estas mudanças podem constituir um delicioso período de expectativas mútuas mas, em algumas famílias, pode constituir um risco, trazendo à tona conflitos graves (Haley, 1989).

Aliadas a estas dificuldades inerentes à construção de uma nova dinâmica familiar, estão as questões sociais de mudanças dos papéis de homem e de mulher, que cada vez mais valorizam o espaço do trabalho em detrimento do espaço doméstico (Carter & McGoldrick, 1995; Falicov, 1991). Neste sentido, as negociações do casal quanto ao envolvimento com a vida doméstica e à parentalidade podem tornar-se mais difíceis e isto poderá acarretar mais ansiedade ainda na relação conjugal.

Após o nascimento do primeiro filho, a família inicia uma nova etapa em seu ciclo, passa a envolver-se mais com as questões domésticas familiares e o contato com a família extensa também se intensifica, principalmente quando representam rede de apoio. À medida que exercem a parentalidade, ambos os cônjuges deixam de ser tão filhos para serem mais pais. Isto faz com que novos vínculos se introduzam no sistema familiar e velhos elos fiquem deixados de lado (Haley, 1989).

Com o nascimento do primeiro filho, o status e a identidade básica da mãe mudam da noite para o dia. Ela precisa mudar seu centro de gravidade de filha de sua mãe para a mãe-de-sua filha (Stern, 1997). Os pais também têm que passar por esta mudança no "centro de gravidade". A alteração irreversível no centro de gravidade de filho-de-seu-próprio-pai para pai-de-seu-próprio-filho, muitas vezes, só ocorre quando a criança já tem alguns anos de idade. Esse atraso, por assim dizer, pode colocar os novos pais fora de sincronia um com o outro como pais, gerando uma fonte potencial de conflito (Stern, 1997).

Um segundo desafio para o *status quo* representacional da nova mãe é apresentado pela necessidade e desejo realístico de colocar os interesses dos filhos em primeiro lugar, antes dos seus. Alterar o equilíbrio entre narcisismo e altruísmo não é fácil, especialmente quando uma de suas metas centrais de vida - tal como uma carreira - podem sofrer (Stern, 1997).

O pai, por sua vez, com a chegada do filho força-se a aceitar a transição de um relacionamento dual para um relacionamento triangular. Isto o faz sentir-se abandonado, deixado de lado, evocando os sentimentos de criança que se confronta com a intimidade dos pais ou ganha um irmão mais novo. Em algumas situações, o pai tem ciúmes do filho, sentindo-o como seu rival. Nestas situações o que ocorre é que o pai, ao perceber a relação libidinal da mãe com o bebê, desenvolve uma relação do tipo regressivo entre ele mesmo e seu filho (Brazelton & Cramer, 1992).

Levando em conta as considerações teóricas, pode-se afirmar que a chegada de um filho em uma família representa "oportunidade" e "perigo" por ser uma fase propícia à mudança (Klaus & Kennel, 1993). Do ponto de vista emocional e pragmático, a alteração maior que se faz necessária dentro do sistema familiar é a necessidade de criar

um espaço na família para este novo membro. O principal espaço a ser criado é o espaço para a paternidade e maternidade, pois isto implica abdicar de outros espaços antes tidos como importantes. O tipo de jogo elaborado pelo casal antes da chegada do bebê era um jogo íntimo que incluía apenas duas pessoas. Com o nascimento do filho, vêem-se automaticamente em um triângulo (Haley, 1989).

A mudança de passar de um casal para uma tríade, inevitavelmente, altera os esquemas do relacionamento conjugal. As novas realidades e prioridades impostas pelo filho dia e noite colocam o casal sob uma constante pressão para estabelecer uma nova forma de funcionamento. A abertura do casal para incluir o filho é uma fonte potencial óbvia de conflito entre marido e mulher, e, conforme a intensidade do conflito, haverá seqüelas para o relacionamento dos pais para com o filho (Stern, 1997).

A vida sexual do casal também sofre alterações. O envolvimento com inúmeras responsabilidades, cuidado com o filho, trabalho, administração da vida doméstica, preenche o convívio da família e diminui o espaço para a intimidade e o diálogo privado. Esta nova dinâmica pode criar sentimentos de abandono e rejeição entre marido e esposa (Carter & McGoldrick, 1995; Stern, 1997).

Neste momento, é preciso que o casal tenha cuidado para não externar seus problemas conjugais através da criança ou, mesmo, utilizá-la como depositária das dificuldades encontradas na relação conjugal ou familiar. Se um filho se converte em parte de um triângulo desta maneira, terá dificuldade de separar-se e adquirir autonomia, pois sua permanência no sistema familiar garante equilíbrio (Haley, 1989).

Para casais cujo vínculo caracterizava-se mais como de fusão do que intimidade, a chegada de um filho acionará o triângulo na família nuclear, a aproximação de um cônjuge com o filho é tida pelo outro excluído como uma ameaça para a sua

aproximação e relação com o companheiro (Haley, 1989). Por outro lado, o cônjuge que assume uma relação de extrema ligação com seu filho pode estar utilizando-o como uma tentativa de preencher um espaço vazio criado por uma perda de um relacionamento anterior ou, ainda, por uma falta de intimidade conjugal, e este funcionamento pode sobrecarregar o relacionamento pais-criança (Carter & McGoldrick, 1995).

Como foi visto, a chegada do filho inaugura a etapa conhecida como "família com filhos pequenos". É neste momento que grandes transformações ocorrem no sistema relacional, ao criar novas oportunidades e novas fontes de perigo. O enfrentamento das dificuldades peculiares a esta etapa do ciclo vital criará modificações na interação conjugal, estabelecendo uma reorganização da individualidade e conjugalidade deste casal.

1.5 A Intergeracionalidade como Mantenedora de Padrões de Relacionamento

A família se apresenta como âmbito privilegiado na medida que esta tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui, portanto, uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, ela projeta os modelos de relação criados e recriados no interior de seu próprio grupo. Desta forma, as relações intergeracionais compõem o tecido de transmissão. As gerações são portadoras de histórias e de representações que são construídas umas em relação às outras.

Dentro da perspectiva familiar sistêmica, existe um processo de repetição de padrões da família de origem na relação nascente entre pais e filho. Trata-se da tendência a repetir com seus filhos modelos de comportamento dos seus próprios pais,

podendo trazer para a relação presente antigos conflitos (Bowen, 1991). Bowlby (1989) refere que os filhos são estruturados conforme modelos de relacionamento estabelecidos na infância com seus próprios pais.

Bowen é tido como o autor que desenvolveu o conceito de transmissão multigeracional (Nichols & Schwartz, 1998). Para ele este é o processo em que a doença se instala, não somente no indivíduo como também na família nuclear e por várias gerações. O problema, ou doença, é o resultado de uma seqüência multigeracional em que todos os membros da família são agentes e reagentes.

O significado das relações primordiais do indivíduo é determinante nas relações que ele irá desenvolver no decorrer da vida. Assim, a relação da mãe com sua própria mãe e com o pai, bem como do pai com sua mãe e com seu pai, serão o principal fator na construção de um modelo de interação destes com seus filhos. A idéia de passar como uma herança ou legado as marcas de um modelo, ou de uma interação saudável ser bloqueada pelo esvaziamento afetivo que não permite dar algo que não se tem, dá uma força imensa ao processo de repetição (Klaus & Kennel, 1993).

Stern (1997), ao referir esta repetição de modelo familiar que passa de geração para geração, assinala que não só a maneira de agir é transmitida, mas também as representações que acompanham este jeito de ser.

Para Bowen (1991), o conceito de triângulo é um dos principais pressupostos para a compreensão da transmissão transgeracional de padrões de relacionamento. A transmissão transgeracional é inerente a qualquer sistema familiar e acontece como resultado das inúmeras triangulações que ocorrem no sistema familiar. O triângulo é a base da estrutura de todo o sistema emocional interacional. Quando a ansiedade de um sistema formado por duas pessoas supera o nível do suportável, estas vão triangular com

uma terceira pessoa, permitindo que a ansiedade se desloque dentro do triângulo e criando um processo emocional com novas características.

Para este mesmo autor, os transtornos do comportamento em adultos levam à formação de triângulos disfuncionais pais-filho, ou cônjuge-filho. Segundo ele, os transtornos de comportamento resultam de uma ligação emocional excessiva transmitida de uma geração para a próxima.

As relações triangulares também podem se estabelecer entre membros da família nuclear com membros da família de origem. Em outras palavras, o horizonte relacional do casal se estende e se amplia num território mais vasto, em que as relações conjugais se tornam um ponto de encontro e síntese de duas histórias familiares diversas. Assim, o casal se insere num fluxo temporal rico que tem suas linhas do presente e do futuro baseadas nas linhas do passado, ou seja, em expectativas e exigências das gerações precedentes (Andolfi & Angelo, 1989).

Severino (1996) ressalta a participação das relações da família de origem como determinante, não somente na construção de um modelo interacional aprendido, mas também nas expectativas que o sujeito cria ao observar a relação de casal de seus pais. Podem querer repetir o modelo, se aprovarem-no ou rejeitá-lo, quando desaprovam.

Com relação às histórias prévias dos cônjuges, devemos considerar se a relação conjugal é determinada por funções de compensação parental ou filial. Neste caso, haverá um aumento de ansiedade e estresse na relação conjugal, pois os modelos de relação aprendidos na família de origem se incorporam aos códigos do casal, reproduzindo condutas através das gerações (Grosman, Mesterman, & Adamo, 1989).

Segundo Andolfi e Saccu (1995), um casal só consegue diferenciar-se de sua família de origem, estabelecendo novos padrões de interação e de comunicação, quando

consegue reconhecer os elementos de união entre seus membros, pois não se pode separar sem antes identificar o fio que une.

A união e a separação caminham lado a lado, não se pode unir de maneira satisfatória se antes não houve separação de um esquema de relacionamento em que cada um reconhece seu espaço pessoal. Caso contrário, corre-se o risco de buscar-se no novo relacionamento as necessidades que não foram supridas em uma ligação significativa anterior (Angelo, 1995). Este entendimento poderia ser aplicado tanto para relações conjugais que se desarmonizam por uma invasão de sentimentos relativos a figuras parentais, como para relações entre pais e filhos que ficam contaminadas por dificuldades nas relações conjugais.

A presença de um esquema de relacionamento em outro provoca um aumento de expectativas de proteção e segurança, e quanto maior for esta expectativa, maior a ameaça potencial produzida por qualquer acontecimento que a questione (Andolfi & Angelo, 1989).

No tocante à violência, tema do presente estudo, esta é tida como um padrão de funcionamento que se repete através das gerações. Fishman (1997) aponta duas tendências na explicação deste fenômeno. A primeira trata a repetição como uma aprendizagem de modelo. Assim, cada geração é violenta porque pertenceu a uma família violenta. A outra tendência refere que fatores como estresse familiar e ausência de carinho e sensibilidade na família agem como perpetuadores da violência.

Segundo algumas pesquisas, a transmissão do comportamento violento ocorre de diferentes formas nos homens e nas mulheres. Enquanto nos homens a exposição à agressão é preditiva de comportamento violento durante três gerações, nas mulheres este legado familiar não se faz tão intenso, visto que o comportamento violento só

aparece em uma geração anterior, na família de origem (Doumas, Margolin & John, 1994).

Após levantar-se a forte influência que a história familiar exerce no estabelecimento dos padrões de interação, é importante dizer que a história não é o destino, e o relato do passado dos indivíduos não permite prever se serão os sofrimentos e feridas sofridas que guiarão suas condutas ou se eles encontrarão assim a ocasião de uma renovação (Fraiberg, Adelson & Shapiro, 1994).

1.6 Objetivo e Justificativa

Os aspectos teóricos e as pesquisas apontadas neste capítulo revelam a importância de investigar a violência conjugal a partir de uma compreensão da dinâmica interacional estabelecida pelo casal na etapa da família com filhos pequenos.

Vimos na revisão da literatura, diferentes formas de abordar a violência conjugal, como: um comportamento que surge pela busca de poder na relação (Grosman, Mesterman & Adamo, 1989); uma conduta aprendida socialmente (Cirillo & Blasio, 1991; Grosman, Mesterman & Adamo, 1989); algo inerente às relações (Graham & Archer, 2003; Greene, 2002; Johnson, 1995); uma consequência de fatores psicológicos individuais (Cerveney, 1994; Salari & Baldwin, 2002). Entretanto, ainda são em menor número os estudos que tentam compreender este fenômeno dentro de uma lógica do desenvolvimento familiar, enfocando as interações conjugais (ex. Bartle & Rosen, 1994).

Neste estudo, compreendemos a violência através de uma perspectiva interacional, ou seja, como um comportamento que surge a partir de um desequilíbrio na

interação conjugal. A violência surge para regular a distância do casal (Bartle & Rosen, 1994) quando a dinâmica interacional, definida em termos das dimensões de individualidade e conjugalidade se desequilibra, favorecendo um dos pólos.

Os relacionamentos conjugais existem em um estado de equilíbrio dinâmico (Kerr & Bowen, 1988). A natureza dinâmica do equilíbrio é criada por um ajustamento contínuo das pessoas. A intimidade na relação conjugal pode aumentar ou diminuir por diferentes razões. Cada mudança que ocorre dentro do sistema conjugal vai afetar este equilíbrio, e novos ajustamentos vão surgir (Kerr & Bowen, 1988).

Considerando que a etapa de famílias com filhos pequenos introduz uma mudança significativa no sistema conjugal, ao acrescentar mais um membro, transformando a relação conjugal de dual para triangular (Andolfi & Angelo, 1989; Haley, 1989), questionamos como os casais reorganizam a sua dinâmica interacional, dentro das dimensões de individualidade e conjugalidade, e em que medida utilizam a violência como reguladora de distância.

A partir do exposto, podemos definir o objetivo desta dissertação, como o de compreender as dinâmicas interacionais estabelecidas pelos casais na etapa do ciclo de vida de famílias com filhos pequenos e o uso da violência na relação conjugal, entendendo as dinâmicas interacionais dos casais a partir do equilíbrio da individualidade e conjugalidade e o uso da violência como reguladora de distância.

II MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram deste estudo cinco casais unidos por matrimônio ou por união estável que coabitavam há pelo menos um ano e que tinham apenas um filho. Os bebês estavam com idades entre 12 a 36 meses e os pais, com mais de 20 anos.

Inicialmente, tentou-se obter os participantes para este estudo em serviços específicos (hospitais da rede pública e delegacias) que atendem clientela com problemas de violência doméstica. Após insistentes visitas a estes serviços e muitas esperas de sujeitos que chegavam a agendar um horário para a participação na pesquisa, mas que acabavam não comparecendo, revimos nossa proposta e decidimos buscar uma amostra menos seletiva. O uso da violência pelos casais deixou de ser o critério de seleção, optando-se por apresentar a questão da violência apenas na entrevista. Assim, passamos a procurar locais que pudessem fornecer os participantes da etapa do ciclo de vida estudada, incluindo, entre os locais de coletas, as creches comunitárias.

Os casais que participaram foram selecionados a partir do critério da fase do ciclo vital em que se encontravam, ou seja, casais com apenas um filho que estivessem com idade entre 12 e 36 meses. Obtivemos oito casais, que se apresentaram voluntariamente, sete oriundos de duas creches comunitárias. Utilizamos apenas cinco das oito entrevistas realizadas. Duas não atendiam ao critério da primeira experiência de parentalidade por parte dos pais, numa, o pai da criança não era o pai biológico e em outra o pai já tinha esta experiência em outro casamento, tratando-se de uma família

reconstituída. A outra entrevista que foi desprezada estava com o áudio muito prejudicado, tornando muito difícil a compreensão da fala dos participantes.

Este estudo aborda a questão da violência em dois níveis: psicológica e física. Na definição destes conceitos, utilizamos como referência o material desenvolvido pelo Ministério da Saúde sobre violência intrafamiliar (2002).

O termo violência física foi utilizado para padrões de conduta que incluem agressão física, ou seja, quando uma pessoa causa ou tenta causar mal ao outro, de forma não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Pode-se manifestar de várias formas: tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, estrangulamento, lesões por armas ou objetos, tirar de casa à força, amarrar, arrastar, arrancar a roupa.

O termo violência psicológica foi utilizado para a ação ou a omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento das pessoas, incluindo: insultos constantes, humilhação, desvalorização, chantagem, isolamento de amigos e familiares, ridicularização, rechaço, manipulação afetiva, exploração, ameaças, privação arbitrária da liberdade.

Os nomes que identificam os participantes da pesquisa foram todos criados pela pesquisadora como forma de preservar a identidade dos sujeitos. Na Tabela 1, a seguir, apresentamos alguns dados de identificação dos casais:

Tabela 1

Dados de Identificação dos Casais

		Casal	Filho	
		Idade em anos	Idade em meses	Sexo
Casal 1	Ele	27	18	Masculino
	Ela	21		
Casal 2	Ele	34	30	Masculino
	Ela	35		
Casal 3	Ele	34	31	Feminino
	Ela	34		
Casal 4	Ele	21	28	Masculino
	Ela	21		
Casal 5	Ele	36	34	Feminino
	Ela	26		

2.2 Delineamento e procedimentos

A presente pesquisa utilizou o delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994). A escolha do estudo de caso como forma de análise deu-se por tratar-se de uma proposta de natureza qualitativa que permite ao pesquisador uma compreensão sobre o problema a ser investigado. O objeto da pesquisa não são os casos em si, mas é o material que cada um deles fornece no entendimento do fenômeno estudado, isto é, a interação conjugal e o uso da violência.

A eleição do instrumento, entrevista conjunta com o casal, foi feita a partir da crença de que uma pesquisa que utilize o enfoque teórico sistêmico, ou seja, que enfatiza o indivíduo e suas relações deve eleger um método e um instrumento que sejam coerentes com a perspectiva relacional. Minuchin (1985) sustenta esse pensamento e cita, entre as técnicas mais adequadas à investigação sistêmica, a entrevista familiar, pois esta propicia informações sobre as diferentes perspectivas e interações familiares de todos os membros da família, permitindo uma compreensão da família como uma unidade de pesquisa. Apesar de este estudo utilizar como objeto o casal e não a família, segue o nível de compreensão descrito acima, pois o casal nada mais é que um subsistema menor.

Todos os casais que participaram desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Piccinini & cols, 1998b) e a autorização para uso da imagem (ver Apêndice A e Apêndice B).

A seleção dos casais foi feita através dos dados obtidos pela colheita de seus dados demográficos. As entrevistas de colheita de dados demográficos foram entregues pelos responsáveis das pré-escolas, e, após a seleção dos casais, foi feito o convite para a participação no estudo. Nesta entrevista semi-estruturada foi solicitada aos casais a construção de uma narrativa, sobre a sua história. Ao longo da narrativa, a pesquisadora introduzia questões sobre os temas: namoro, casamento, brigas, ciúmes, sexo, violência, gestação, nascimento do filho, rotina e expectativas para o futuro.

As entrevistas foram filmadas e tiveram a participação de duas auxiliares de pesquisa. Uma delas ficava responsável pela manipulação dos equipamentos de filmagem, enquanto a outra dedicava-se a brincar com a criança, filho (a) do casal.

Após a entrevista, foi realizada a montagem do genograma da família. A pesquisadora propunha que cada cônjuge descrevesse a sua família de origem, número de membros e parentesco até duas gerações anteriores. Além de descrever a configuração familiar, a pesquisadora introduzia algumas questões de relacionamentos (mais próximo, conflitivo, com uso de violência) e sobre episódios que teriam sido marcantes (acidentes, violência intrafamiliar, uso de álcool e drogas, encarceramento).

A duração das entrevistas e da montagem do genograma levou, em média, duas horas. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais; algumas delas, nas próprias creches e serviços; e outras, no consultório particular da pesquisadora. A eleição do local da realização das entrevistas deu-se levando em consideração as possibilidades de horário do casal entrevistado e a disponibilidade dos locais.

As auxiliares de pesquisa participaram em outros dois momentos. Primeiramente, quando encerrávamos a entrevista, cada uma delas e, também a pesquisadora, escrevia um relato sobre as suas impressões do casal. Estes três relatos foram sintetizados em um único para formular a seção nomeada "impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal". O segundo momento de participação das auxiliares de pesquisa deu-se quando realizamos a análise da interação das entrevistas dos casais. Assistimos ao vídeo em grupo e, classificávamos as verbalizações conforme as categorias pré-estabelecidas, baseado num consenso.

2.3 Instrumentos

- **Entrevista de dados demográficos do casal:** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupe, & Ribeiro, 1998a) foi solicitado o preenchimento de uma ficha

onde constavam dados como nome, idade dos progenitores, profissão e escolaridade (estimativa do nível sócioeconômico), estado de saúde da mãe durante o período gestacional, dados sobre o parto e estado de saúde do bebê (ver Apêndice C). Este instrumento foi utilizado com o objetivo de selecionar os participantes da pesquisa

- **Entrevista Conjunta do Casal:** Foi solicitada a construção de uma narrativa pelo casal entrevistado, na qual deveriam contar sua história, partindo do ponto em que se conheceram até os dias atuais. Os casais construía conjuntamente sua história, começando a narrativa de forma espontânea. O *rapport* inicial estimulava o casal a contar sua história de forma livre, explorando os pensamentos no modo em que surgiam (ver Apêndice D). Este início de entrevista, em que o entrevistado constrói como quer o conteúdo, foi inspirado em um instrumento chamado narrativa conjunta do casal, desenvolvido por Veroff, Sutherland, Chadiha e Ortega (1993) e adaptado por Lopes e Castoldi (1998), com o objetivo de lançar o assunto a ser abordado e deixar fluir o discurso conforme o desejo dos participantes da pesquisa. Ao longo da narrativa, a pesquisadora introduzia questões que não eram relatadas ou que não ficavam claras e que faziam parte de um roteiro de entrevista. Esta entrevista foi desenvolvida com a intenção de investigar o padrão de funcionamento do casal ao longo do ciclo vital, ou seja, desde o namoro até o presente momento, quando o filho (a) se encontrava com idade entre 12 e 36 meses. Os temas abordados pela entrevista foram: namoro, casamento, brigas, ciúmes, sexo, violência, gestação, nascimento do filho, rotina e expectativas para o futuro.

- **Genograma:** a montagem do genograma da família investigada foi a forma utilizada para fazer um mapa da configuração e do relacionamento familiar da família atual e das respectivas famílias de origem. O genograma, ao fazer um mapeamento da

família (McGoldrick & Gerson, 1985), funcionou como um facilitador na identificação de ocorrências sucessivas através das gerações, inclusive de interações conjugais com violência (ver Apêndice E).

III RESULTADOS

Foi realizado estudo de caso coletivo (Stake, 1994) com o objetivo de reunir as informações e observações feitas a partir de cinco casais entrevistados e de tentar compreender e descrever o funcionamento deles a partir das dimensões de individualidade e conjugalidade e as possíveis relações com violência conjugal.

Inicialmente, foi realizada análise de conteúdo a partir de categorias estabelecidas a priori. As categorias estabelecidas para a entrevista conjugal foram: namoro, gravidez, mudanças no relacionamento após o nascimento do bebê, relação conjugal atual (brigas, ciúmes, violência), brigas na família de origem, rotina e expectativas para o futuro. A síntese da entrevista conjugal foi estruturada tendo as categorias como referência, na ordem apresentada acima. Uma segunda análise foi realizada, baseada nos padrões de interação revelados durante a entrevista.

Além da entrevista conjugal, apresentamos um breve histórico familiar de cada cônjuge com base nas informações que obtivemos na confecção do genograma. Também acrescentamos como dado as impressões da pesquisadora e das suas auxiliares do momento da entrevista. Estas impressões reúnem, de forma sintetizada, as observações feitas pela equipe e registradas individualmente após cada entrevista.

A inclusão destes dados está baseada na crença de que o papel do pesquisador na metodologia qualitativa não é neutro (Marre, 1991). A empatia é um ingrediente indispensável na comunicação com os entrevistados, pois permite que se acompanhe de forma ativa e crítica o que está sendo expresso pelo casal nas suas representações tanto quanto em suas interações, facilitando, assim, a expressão da vivência plena dos nossos participantes.

A seguir, apresentaremos a síntese das entrevistas e o genograma familiar dos cinco casais estudados.

3.1 Análise das Entrevistas e Genograma Familiar

3.1.1 Casal 1

Tabela 2

Dados Sócio-demográficos do Casal 1

Membros do Casal	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Dedicação ao Trabalho	Grupo Étnico
Luciane	21	União	Iº Grau	Do lar	—	Não branco
		Estável	Incompleto			
Fábio	27	União	2º Grau	Segurança	60 horas semanais	Branco
		Estável	Incompleto			

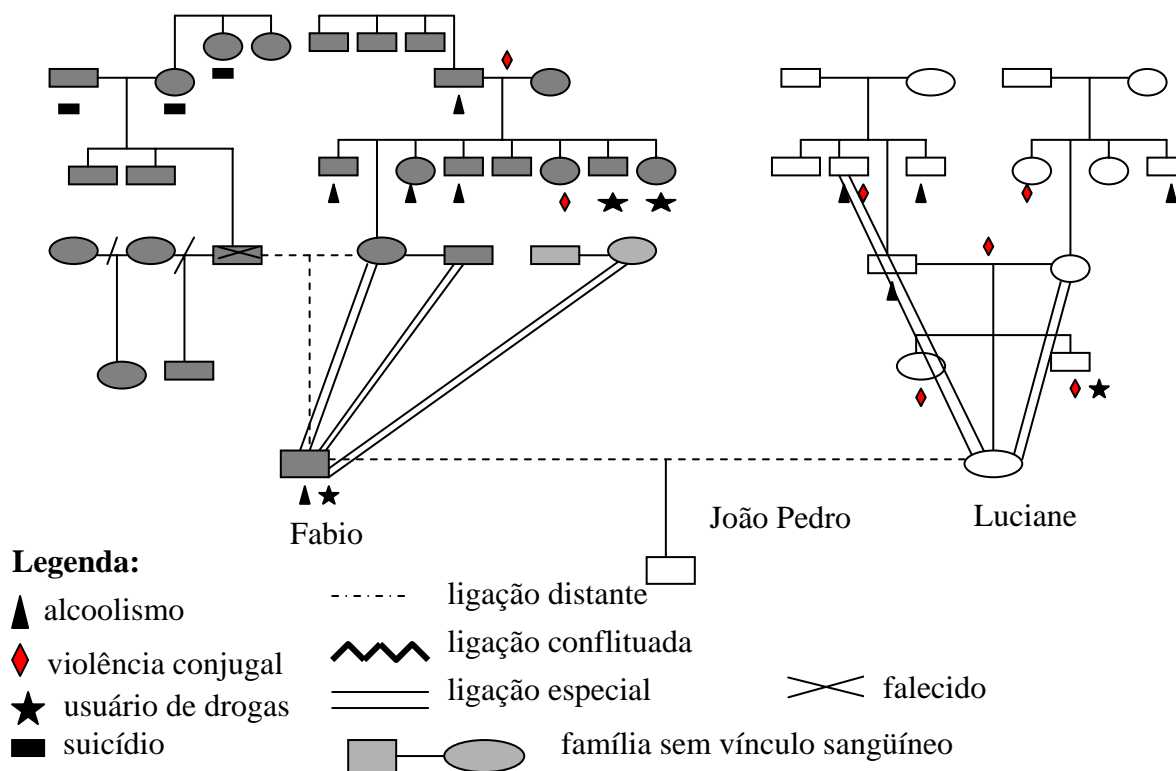


Figura 1: Genograma de Fábio e Luciane

3.1.1.1 Apresentação do casal

Fábio é filho único de uma relação amorosa não formalizada. Nunca conviveu com o pai, sabe quem é, onde morava, mas não teve contato com ele enquanto este era vivo. F: "Eu procuro a família dele, os irmãos dele, os meus primos por parte da família dele, mas ele não procurava." Foi criado pela mãe e, mais tarde, aos 12 anos, também por um padrasto. Fábio e sua mãe, até seus doze anos, moravam na casa da patroa da mãe, uma pessoa muito querida e especial para Fábio. A família materna é grande, sua mãe tinha sete irmãos. Chama a atenção a incidência alta de uso de álcool e drogas pelos membros da família materna. O avô materno de Fábio também era alcoolista e era violento na relação conjugal. Os avós paternos morreram ambos por morte provocada por suicídio. Fábio começou a usar drogas com onze anos de idade; aos 15, esteve internado na Clínica Pinel e, aos 26, em uma clínica no interior do estado. Fábio diz ter utilizado todos os tipos de droga, menos as injetáveis. Atualmente, participa de grupos de alcóolicos anônimos e narcóticos anônimos e está há oito meses sem beber ou usar drogas.

Luciane é a segunda filha de uma prole de três, duas meninas e um menino; a mais velha tem 24 anos e o mais 19 anos. Seus pais são casados há 25 anos, apesar de haver um histórico de violência conjugal. O pai faz uso excessivo de álcool e o filho mais novo é usuário de drogas. Tanto o pai de Luciane como a mãe vêm de famílias não muito numerosas, ambos têm três irmãos. Luciane, durante o período em que morava com a família, tinha contato freqüente com a família extensa inclusive, em um período da vida residiu com um tio em Porto Alegre para estudar; ficou com este tio aproximadamente dois anos, mas não estudou. Outro aspecto comum às famílias

materna e paterna é o fato de os tios apresentarem consumo de álcool excessivo e violência conjugal. Do lado paterno, há dois tios com alcoolismo e um deles utiliza a violência em sua relação conjugal e, do lado materno, uma tia tem problemas de violência conjugal e um tio é alcoolista.

3.1.1.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal

O casal chega no horário marcado acompanhado de seu filho João Pedro. A primeira questão que chama atenção é a diferença racial entre o casal; ele é bastante claro, loiro; ela é morena, descendente de negros. Há também diferença na postura. Ele é um homem alto, forte e altivo, dono de si; enquanto ela é franzina, com aparência de adolescente e bastante retraída.

O menino está no colo da mãe, parece bem aconchegado; fica ali até ver os brinquedos e lápis, que lhe despertam atenção. Neste momento, sai do colo da mãe e passa a interagir com a auxiliar de pesquisa Malu.

Ao apresentar o consentimento informado, o marido quis maiores esclarecimentos sobre o uso da imagem do casal; questionou sobre a possibilidade de este material ser utilizado em eventos e congressos da área de Psicologia. Ao saber que o uso seria exclusivo para fins de pesquisa, o casal aceita.

João Pedro começa a ficar um pouco agitado com Malu e Josiane (que está manipulando a filmadora); sugere uma troca de funções. Josiane passa, então, a ficar com João Pedro.

No decorrer da entrevista, fica evidente a postura dominadora de Fábio; ele fala muito e é também quem pede esclarecimentos. Apresenta uma predisposição diferente

da esposa, que se mostra calada, retraída, limitando a sua participação, na maioria das vezes, a concordar ou discordar do marido. Talvez o fato de Fábio estar passando por uma fase de recuperação de alcoolismo e drogadição, tendo enfrentado há pouco tempo uma internação e estar freqüentando com regularidade os grupos de AA e Al-anon, explique a facilidade e o desejo de falar sobre sua história. Fábio se emociona duas vezes durante a entrevista, os olhos se enchem de lágrimas, e reconhece a sua fragilidade.

Durante a entrevista, fica a sensação de se estar conduzindo uma entrevista individual: em poucos momentos o casal interage. Fábio não ouve sua companheira, não se interessa muito pelas contribuições da esposa. A sensação é de que é ele quem conduz e define as regras da relação, e ela apenas acata e as segue. Luciane manifesta-se pouco, praticamente apenas quando as questões são dirigidas à pessoa dela. Mostra-se submissa e não revela os seus sentimentos e desejos. Não aparece qualquer manifestação de carinho entre eles durante a entrevista; demonstram distanciamento afetivo.

Quanto a João Pedro, mostra-se muito agitado durante a entrevista, chegando a jogar livros infantis contra a auxiliar de pesquisa. Em nenhum momento os pais fizeram qualquer referência sobre as atitudes de João Pedro ou, ao menos, chamaram a sua atenção.

3.1.1.3 Síntese da entrevista do casal

Fábio e Luciane conheceram-se no interior do estado, na cidade natal de Luciane, quando ele estava residindo nesta cidade por motivo de trabalho. Conheceram-

se num baile, e, a partir dali, passaram a se ver nos finais de semana. Fábio começou a freqüentar a casa dela, configurando um namoro. O casal costumava sair aos finais de semana, ir a bares e pizzarias, também saíam com a turma de amigos de Luciane com os quais Fábio se entrosou com facilidade. O casal também passeava de carro e ia até a praia namorar. Durante o namoro, não se viam diariamente, pois, às vezes, Fábio ficava retido no trabalho de construção civil. A rotina do casal, durante o namoro, era de se ver duas ou três vezes por semana. Tiveram uma relação tranqüila, com poucas brigas e com pouca manifestação de ciúmes entre eles.

O namoro foi breve, "uns seis meses"; logo, Luciane engravidou e decidiram morar juntos em Porto Alegre, na casa da mãe de Fábio. A partir daí, tiveram outras mudanças de endereço, saíram de Porto Alegre e foram morar em Passo Fundo, onde Fábio havia conseguido um emprego; aí ficaram "desde os três meses de gravidez até um ano de João", retornando novamente a Porto Alegre, para a casa da mãe de Fábio.

Quando o casal relata o que os levou a se elegerem como parceiros, deixam claro que a união se deu em razão da gravidez. Parece que, mesmo estando juntos alguns anos após o nascimento de João Pedro, é este discurso que ainda vigora. Fábio diz: "Houve uma atração né, e eu tenho certeza que estamos juntos, né, pelo João, pela gravidez." Fábio ainda complementa contando uma conversa que teve com a sua mãe e o padrasto, em que juntos, mãe, padrasto e filho decidiram que seria melhor que ele e Luciane ficassem juntos e que João Pedro nascesse. Segundo Fábio, "foi cogitado de tirar o filho", mas a sua mãe falou: "Vamos levar a Luciane lá para a casa, e aí nasce a criança e aí a gente vê o que vai fazer", e conclui: "Eles também não tinham certeza se eu queria ficar com ela, foi uma coisa muito confusa, muito rápida, ninguém esperava." Parece que esta "confusão" se estendeu até o início da vida a dois, quando o casal passa

a residir sozinho no interior. Enquanto que para Fábio foi tranquilo adaptar-se a esta nova etapa, para Luciane "não foi tão tranquilo assim, porque como ele trabalhava, eu ficava o dia todo sozinha em casa, conhecia poucas pessoas, por isso ficava o tempo todo sozinha em casa." Fábio complementa a fala de Luciane dizendo: "A gente teve muitas brigas por causa disso, porque eu usava drogas, bebia bastante, trabalhava o dia inteiro e chegava tarde alcoolizado."

As famílias, de uma forma geral, aceitaram a união do casal, mas o casal consegue identificar diferenças nesta aceitação. Fábio diz ter sido muito bem aceito pela família de Luciane. Ele comenta: "O pai dela, a mãe dela ficam do meu lado e contra ela" e ela complementa: "Caem no chão por ele." Já Luciane não parece ter tido a mesma aceitação da família de Fábio: "A minha família, não é que tratem mal ela, mas não tratam muito bem, né tchê" .

A notícia da gravidez foi totalmente inesperada; Luciane fala: "Eu não esperava, porque como eu queria estudar, terminar meus estudos, aí foi um choque para mim." Já Fábio reagiu de outra forma: "Ela ligou para mim, tô grávida e tal, aí eu disse: vem pra cá, então." Fábio conta que Luciane pretendia ir a Porto Alegre para tirar o bebê, mas ele conseguiu convencê-la de não abortar, porque ele queria ter o bebê. A gravidez, comparada a outras fases da vida a dois, foi tranquila, apesar do fato de Luciane sentir-se sozinha porque Fábio estava sempre fora. Fábio sintetiza sua atitude durante a gestação de Luciane, dizendo: "Eu tinha uma certa compreensão de que ela tava grávida, então eu deixava ela fazer o que queria, porque eu sabia que podia prejudicar a criança."

Segundo Fábio: "O período pior foi depois que João nasceu, ...a gente começou a brigar bastante, eu não parava em casa, sempre bebendo, ...eu não estava muito

presente na vida deles antes", e conclui: "Eu estou sendo pai de janeiro para cá, quando eu vi tava caminhando, falando, nunca me liguei, né tchê." E Luciane confirma: "Agora ele está tendo um pai de verdade." Apesar destas falas, o relato da rotina do casal, envolvendo os cuidados com João Pedro, denuncia um pai ainda desligado. O fato de Fábio ainda estar muito ausente de casa constitui um dos grandes motivos de briga do casal. Fábio trabalha o dia inteiro e, à noite, participa de grupos de alcoólicos anônimos e narcóticos anônimos, chegando em casa normalmente à meia-noite. Além disso, dedica um dia inteiro do final de semana aos grupos que participa. Luciane desabafa: "É difícil né, porque antes eu não tinha ele porque ele vivia nisso, mas hoje eu não tenho porque ele vive nos grupos. Mas eu prefiro assim do que né, não sabia se ele ia chegar. Agora, pelo menos, eu sei que chega aquela hora e ele tá em casa."

Os cuidados com João Pedro são todos de responsabilidade de Luciane, inclusive também se faz motivo de briga o fato de Luciane solicitar ao pai que fique com o filho para que ela possa sair ou fazer qualquer atividade. O casal também discute sobre questões da educação de João Pedro. Fábio não concorda com a forma como Luciane lida com o filho, "ela faz muito as vontades dele." Fábio se estende reclamando de Luciane sobre a dificuldade dela em dar limites ao filho. Ele mostra um temor de que o filho venha a enfrentar as mesmas dificuldades que ele vem enfrentando, revelado a partir do paralelo que ele faz com a história dele: atribui o seu envolvimento com álcool e drogas à falta de limites que teve durante sua infância e adolescência. Apesar desta preocupação, Fábio mostrou que ele próprio não consegue dar limites ao filho, pois a criança mostrou-se muito agitada e inúmeras foram as situações que solicitavam uma intervenção por parte dos pais, que não ocorreu. Esta atitude revelada durante a entrevista comprova a queixa maior de Luciane em relação a Fábio: a omissão e a

exclusão da vida familiar. Segundo ela, antes era a bebida, droga e o jogo que o retiravam do convívio com a família, agora são os grupos que lhe tomam todo o tempo livre. Outro tema que leva o casal à discórdia e à briga é o fato de Luciane utilizar a agressão física para corrigir João Pedro: "Eu dô uns tapinhas, não de machucar, né, mas...." E Fábio reclama: "Eu não gosto que ninguém bata nele, eu não aceito, quando ela bate nele, eu não aceito."

No que se refere às brigas, o casal concorda que, atualmente, brigam mais do que na época do namoro, mas que já houve um período em que as brigas eram mais freqüentes: logo após a chegada de João Pedro, quando Fábio estava no auge do uso de drogas e álcool, inclusive após este período, esteve internado por dois meses. O ciúme é um dos motivos fortes de briga. Da parte de Fábio, aparece, por exemplo, na proibição do uso de algum tipo de roupa ou na proibição de freqüentar lugares: "Tem lugares que eu não gostaria que ela fosse, sozinha assim, ... às vezes ela queria sair em uma festa com uma amiga dela, não vai, simplesmente não vai." Da parte de Luciane, aparece na desconfiança em relação à traição: "... chega tarde e eu fico desconfiada. Não sei se ele tá nas reuniões, e me incomoda, não sei se ele tá ou não, ...eu sou muito desconfiada." Fábio diz sempre tentar conversar primeiro, já Luciane se diz mais explosiva. Outro motivo de brigas é o fato de Fábio manter o hábito de jogar e, às vezes, gastar muito dinheiro no jogo. Luciane diz: "Às vezes dá vontade de desistir quando acontece isso. Por exemplo, ele gasta muito, e eu digo que ele tem que se controlar; como ele disse que não conseguiu ainda e me leva à loucura, dá vontade de desistir, parar." O casal conclui que as brigas, geralmente, ocorrem por cobranças. Um xinga o outro, e Fábio, geralmente, é quem põe fim, dando as costas à Luciane, deixando-a falar sozinha. Só retorna quando as coisas já estão mais calmas. O casal utiliza também a agressão

psicológica em que um desqualifica o outro com palavras. Quanto à agressão física, eles relatam que já houve um episódio; é Fábio que lembra o ocorrido: "Uma vez eu dei um tapa nela." A situação relatada ocorreu por infidelidade de Fábio. Luciane cobrou a postura dele e ele a agrediu. "Foi uma traição minha, ela veio me cobrar, e eu tava totalmente drogado, aí dei um tapa, eu mandei calar a boca, não calou, e eu dei um tapa." Este fato explica a atual desconfiança de Luciane quanto à possível infidelidade de Fábio quando ele não vem para casa. Fábio nunca mais agrediu Luciane, mas ainda utiliza ameaças de agressão. Luciane conta que sentia medo de Fábio quando chegava alcoolizado em casa. Ao concluir o tema da violência, Fábio diz que considera a forma como vivia anteriormente uma violência diária contra a esposa e o seu filho: "No tempo em que eu bebi, era uma violência de chegar bêbado, drogado em casa, era um tipo de violência, isto que me fez parar."

A violência aparece nas famílias de origem de ambos os cônjuges. Luciane conta que tem uma irmã que enfrenta sérios problemas de violência física com o marido. Na infância, presenciou agressão física entre os pais e, algumas vezes, apanhou de seu pai "de tapas, puxões de cabelo." Fábio, apesar de não ter convivido com o pai, lembra de uma história que contam desde que ele era pequeno: o pai fora preso por não pagar a pensão alimentícia e, quando saiu da cadeia, perseguia a mãe, ameaçando-a de morte. "Eu lembro de uma história também que eu apanhava de cinta da minha mãe, bastante, muito. Ficava marca, né. E aí, um dia eu me revoltei, não sei com que idade, dez, onze, ou doze anos, ela veio me bater com o cinto e eu me botei nela, tomei o cinto e bati nela com o cinto, aí eu disse: não vou mais apanhar de ti, tu me bateu e eu vou dar de volta. Dali em diante, decidi que não ia mais apanhar quieto. Aí ela nunca mais me bateu, botava de castigo, mas bater nunca mais."

O casal vive uma rotina insatisfatória para ambos. Luciane, após pegar João Pedro na creche, fica em casa com o filho. Conta que brincam muito juntos. Nos finais de semana, a família, pelo menos um dia, fica toda reunida; é quando passam a maior parte do tempo em casa. O casal reclama que não tem tido mais lazer, F: "A gente não tem tido muito lazer, porque nos fins de semana, eu me integro nos grupos, ... eu tenho consciência que eu tenho negligenciado um pouco nessa parte da família, né, que eu entendo assim, que se eu não me mantiver em recuperação, aí volta a ser como era antes." No que diz respeito à vida sexual do casal também parece haver descontentamento, F: "Agora está meio assim, menos ativa, realmente eu chego sempre cansado, né tchê, e vontade e desejo tem, mas o sono é maior." Luciane mostra concordar com o relato do marido, mas não acrescenta nada.

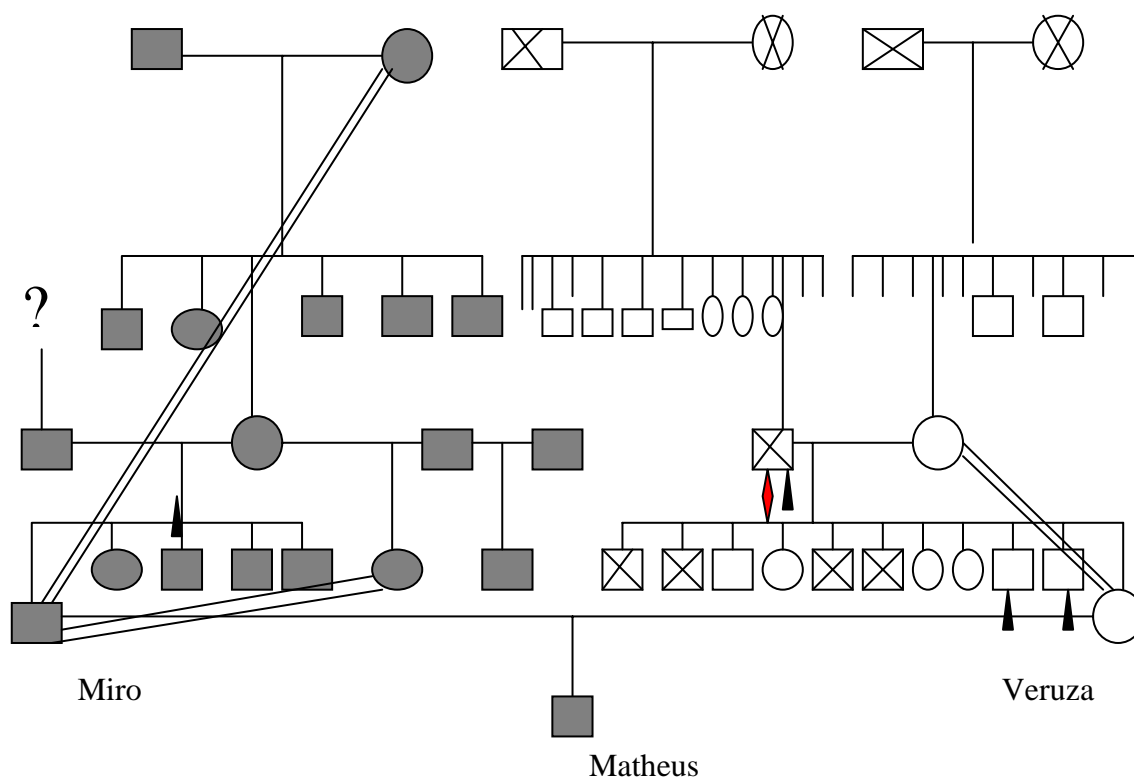
Quando refletem sobre o futuro, os sonhos e desejos que buscam, não conseguem ter objetivos em comum. Enquanto Fábio quer ir para o interior conquistar uma vida mais tranqüila e uma infância de maior qualidade para o filho, Luciane quer ficar na cidade grande onde tem planos de resgatar seus estudos e conquistar uma profissão. Luciane consegue ser clara nas suas expectativas em termos de relacionamento conjugal e familiar. L: "Eu espero ter o nosso lugar, a nossa casa, só nós três, que ele mude em termos de gastar, fique mais em casa, dê mais atenção ao filho e a mim também." Fábio não presta atenção nas palavras de Luciane e, quando questionado pela pesquisadora, diz ter-se desligado por estar cuidando de João. A esposa repete as mesmas palavras novamente, e ele não acrescenta nada, apenas conclui que estes desejos são possíveis de ser conquistados. F: "E tá no meu alcance."

3.1.2 Casal 2

Tabela 3

Dados Sócio-demográficos do Casal 2

Membros do Casal	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Dedicação ao Trabalho	Grupo Étnico
Veruza	35	Casada	1º Grau Incompleto	Doméstica	20 horas semanais	Não branco
Miro	34	Casado	1º Grau Incompleto	Zelador	48 horas semanais	Não branco



Legenda:

- ▲ alcoolismo
- ◆ violência conjugal
- == ligação especial
- × falecido

Figura 2: Genograma de Miro e Veruza

3.1.2.1 Apresentação do casal

Miro é o filho mais velho de uma prole de cinco filhos do primeiro casamento de sua mãe. Esta teve mais outros dois filhos de relações não formalizadas. Miro acredita que faz aproximadamente 30 anos que os pais se separaram. Na época da separação, a mãe foi residir com a avó materna. Segundo Miro, foi a avó que os cuidou e os educou. Esta avó faleceu recentemente com 95 anos. A família materna era composta por seis tios. Miro teve contato com todos eles, já que residia com a avó materna. Da família paterna Miro não tem nenhum conhecimento, pois o pai sumiu após a separação. Algumas pessoas, segundo ele, dizem que o pai já faleceu. Miro considera estreito o contato com familiares.

Veruza é a última filha de uma prole de onze filhos, havendo uma diferença de dezoito anos entre o primeiro e o último filho. A mãe de Veruza assumia os cuidados e a educação dos filhos praticamente sozinha. O pai bebia muito e tinha outras mulheres na rua, geralmente saía cedo de casa e retornava muito tarde. Os pais de Veruza separaram-se antes mesmo de ela nascer, mas continuaram residindo juntos devido a dificuldades financeiras. Dos dez irmãos de Veruza quatro já são falecidos: dois por doença, um por acidente e um assassinado. Tanto a família da mãe como a família do pai de Veruza eram numerosas, com mais de dez filhos. Entretanto, Veruza com os tios maternos teve pouco contato; era mais próxima de dois deles que residiam na mesma cidade dela. Já com os tios paternos teve contato com um maior número deles.

3.1.2.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal

Miro e Veruza chegam na entrevista no horário combinado. O casal decidiu realizar a entrevista no consultório particular da pesquisadora e não aceitaram qualquer ajuda de custo. Eles se deslocaram em automóvel próprio.

Miro e Veruza parecem tranquilos e Matheus também. Este chega de mãos dadas com a mãe. Matheus em seguida se vê atraído pelos brinquedos e se desloca até eles, brincando com tranquilidade com a auxiliar de pesquisa.

A pesquisadora faz a apresentação da pesquisa e do consentimento livre e esclarecido, e o casal não demonstra nenhuma dúvida ou qualquer resistência. A família toda parece muito à vontade no ambiente. A entrevista se dá de forma tranquila e descontraída. Ambos, marido e esposa, participam intensamente e falam com fluidez. Em raros momentos, a criança se aproxima solicitando alguma atenção.

Fica a sensação de uma família harmoniosa que se comunica com clareza, em que a interação dos membros se dá de forma simétrica. Apesar de se tratar de uma entrevista longa, quando encerramos o casal não demonstra qualquer sensação de cansaço ou confusão psicológica. Ao se retirarem, despedem-se demonstrando satisfação em participar e se dizem satisfeitos em poder contribuir para o estudo.

3.1.2.3 Síntese da entrevista do casal

Miro e Veruza conheceram-se em uma festa da escola que ela freqüentava no interior do estado no ano de 1985. Foram apresentados por um primo de Veruza. Ela estava com 20 anos e Miro com 19 anos. O namoro foi muito rápido, um mês, pois em seguida decidiram-se casar. Eles explicam o casamento às pressas: o casal namorava na casa de Vera, e a família concordava com o namoro; um dia, porém, a mãe de Veruza pegou-os na cama juntos; a partir deste dia, começou a questionar e, de certa forma, a pressionar para que se casassem. Veruza explica a atitude da mãe referindo os valores e tradições da família em que a relação sexual só é permitida após o casamento.

Miro e Veruza decidiram casar; um mês depois, os papéis estavam prontos e casaram. Apesar da pressão familiar, o casal conta que eles queriam casar, pois sabiam que se gostavam e parecia até que já se conheciam há muito tempo. Ficaram morando com a mãe de Veruza por cinco meses, depois se mudaram para Porto Alegre, com a perspectiva de conseguir uma vida melhor. Segundo eles, "deram um peitão, foram apenas com a roupa do corpo"; instalaram-se na casa do irmão de Veruza e lá ficaram por mais cinco meses. Depois foram morar com um amigo e ficaram com ele uns quatro meses. Em seguida, Miro conseguiu um emprego de zelador em um prédio, onde trabalha desde aquela época até os dias de hoje (15 anos).

Quando questionados sobre o que levou a se escolherem, Veruza rapidamente responde: "É pela pessoa dele, que eu gosto muito, que ele é esforçado, decidido quando ele quer uma coisa ele vai, ele vai em frente." Miro já mostra mais dificuldade em responder esta questão, mas quando a pesquisadora insiste e faz perguntas mais detalhadas, ele diz: "O jeito dela, quietinha lá no fundo, mandava recado pelas outras, ao invés de ela vir, eu pensei: é essa ai que eu vou pegar." Como o namoro foi muito

breve não houve episódios de brigas e ciúmes. Costumavam se ver nos finais de semana e às quartas-feiras na casa de Veruza, que era mais afastada do centro da cidade.

Miro e Veruza contam que tiveram uma fase de adaptação ao casamento muito difícil. A mudança para Porto Alegre provocou privações de ordem material e afetiva e, muitas vezes, o casal sentia que ia fraquejar. Veruza conta que sentia muita falta da mãe, pois era ela quem cuidava e acompanhava a mãe, que sofre de diabetes. Miro, por sua vez, sentiu muita falta da proteção de sua avó que, segundo ele, assumiu o papel de homem e pai da casa. Miro atribui à avó a sua criação. Pensam que o período de adaptação e de sentir muita falta de casa durou, aproximadamente, um ano. Conseguiram matar a saudades visitando mensalmente a cidade de origem; mantêm esta rotina até hoje, mesmo porque Veruza é a responsável por receber a pensão da mãe e fazer as compras necessárias de supermercado e farmácia.

O casal levou onze anos para ter o primeiro filho, Matheus. Tiveram que fazer tratamento. Veruza fala: "É, eu fiz tratamento." E Miro a corrige: "Nós fizemos tratamento." Ela conta que estavam quase desistindo, optando pela adoção, quando finalmente ficou grávida. Já tinham até feito o contato com uma família na cidade de origem dela para adotar um menininho. Quando estava quase tudo arranjado, Veruza descobriu que estava grávida. Toda a família ficou muito satisfeita com a notícia da chegada de Matheus. Miro revela em suas palavras grande satisfação e dificuldade de acreditar na notícia: "Bah! Se ficamos! Só acreditei quando me mostraram ele no hospital, quando a enfermeira me mostrou." E Veruza complementa a fala dele: "Eu acreditei mais rápido, porque eu sentia, quando ele começou a mexer. E ele bem assim: eu olho prá tua barriga, mas eu só vou acreditar, quando eu ver."

Veruza conta que no início da gravidez sentiu-se muito fragilizada, chorava por qualquer coisa e implicava com Miro. Para lidar com a irritação da esposa, Miro saía de casa; só assim as brigas não evoluíam. Depois o humor se acalmou, passaram a "curtir" mais a gravidez; mantiveram a rotina ficando em casa durante a semana e saindo no final de semana. Veruza conta que trabalhou até uma semana antes de ter Matheus.

Entre as mudanças que ocorreram junto com a chegada do bebê, está o hábito de sair, principalmente as saídas para dançar. O casal refere que saía muito e que agora estas ficam restritas aos locais que Matheus pode acompanhá-los; geralmente, acabam indo à casa de parentes e amigos. O casal refere que estava preparado para as mudanças que ocorreram após a chegada do bebê, pois elas atenderam as suas expectativas. Em termos de planos, Veruza diz: "Não mudou nada, a não ser assim de querer sempre ter mais coisa, por causa dele, de pensar mais, de adquirir mais por causa dele", Miro refere ter mudado os planos em termos de lazer, viagens. O casal acredita que Matheus é agarrado tanto com o pai como com a mãe, e ambos assumem tarefas em relação aos cuidados dele. Por exemplo, em relação à creche, Veruza leva e Miro busca. Às vezes, conseguem deixar Matheus com alguns parentes; nestas ocasiões, aproveitam para sair e namorar. Eles referem que, depois do nascimento de Matheus, as brigas diminuíram. Veruza fala: "Não tem briga. A gente quase sempre concorda." Miro e Veruza atribuem a tranquilidade de seu relacionamento ao temperamento de ambos; são bem-humorados. Veruza quando está incomodada com alguma coisa procura-o para conversar; sentam-se e conversam sobre o assunto. Segundo ela: "Eu nunca me emburro, eu digo pra ele ou pra outra pessoa, se tem alguma coisa me incomodando eu chego e falo. Mas eu não sou de ficar quieta, de guardar e ficar quieta, não falar. Eu sou sempre assim, acordo rindo de manhã se está tudo bem. Sempre assim...."

Em relação à educação de Matheus eles também não têm tido dificuldades, tendem a concordar nas orientações a Matheus. Miro demonstra alguma discordância com Veruza somente no que se refere à liberdade. Acredita que Veruza dá muita liberdade para Matheus, que, às vezes, peca pela falta de limites; nestas ocasiões, costuma chamar atenção dela e ela o atende. Miro confessa bater em Matheus em algumas ocasiões, principalmente quando ele teima e desrespeita a mãe. "Ele é muito teimoso, xinga a mãe dele. Eu não gosto. Esse guri é metido, começa a botar a língua, manda calar a boca. Ai, eu mando ele calar a boca, ele bota a língua prá mim, daí eu dou uns laçassos. Daí, ele não faz mais isso."

Miro tem o hábito de sair com amigos semanalmente; possui um grupo do rádio-amador do qual participa e outro com o qual joga sinuca. No início do casamento, Veruza estranhava estas saídas, mas hoje vê com tranquilidade e diz que não se importa mais, pois confia em Miro. Veruza é mais caseira, mas se tiver que sair sozinha, também não enfrenta problemas com Miro. Aos finais de semana, o casal sai junto. O final de semana é destinado para o lazer da família.

No que diz respeito à vida sexual o casal revela estar satisfeito. Entretanto, com a chegada de Matheus e por viverem num JK, às vezes, as possibilidades de ter relações sexuais ficam restritas, já que a caminha dele fica nos pés da cama do casal. Miro e Veruza contam que, às vezes, utilizam o sexo para fazer as pazes após uma discussão.

O casal conta que quase não brigam. As brigas não existiam no namoro e também não se fizeram presente no casamento. Depois da chegada de Matheus, os desentendimentos diminuíram ainda mais. Quando ocorre alguma discussão é, segundo eles, por uma besteira. Normalmente, eles sentam e conversam sobre o assunto e acabam se entendendo. Nas discussões, quando elas ocorrem, usam palavras hostis

como "nomes feios", mas não desqualificam o outro. Quando questionados se em algum momento fizeram uso da agressão física, Veruza responde que apenas uma vez, quando agrediu Miro, com um tapa no rosto. O fato ocorreu por ciúmes. Veruza concluiu pela conduta de Miro que ele estaria tendo um caso extraconjugal, pois havia saído com um grupo de amigos e retornado para a casa só às seis da manhã. No dia seguinte, conversaram e Veruza percebeu que tinha agido de forma precipitada. Nunca mais houve qualquer situação em que a agressão física se fizesse presente.

Miro e Veruza revelam respeitar-se, não ameaçam um ao outro ou, nem mesmo, fazem referência a casos extraconjugais. Veruza conta que, no início, tinha muitos ciúmes de Miro; chegou até a pensar que ele teria outra mulher, mas, com o tempo, foi-se dando conta que não era esta a realidade que vivia. Veruza ainda se considera ciumenta, mas confia em Miro. Ele também diz sentir ciúmes de Veruza, e ela relembra uma situação em que Miro ficou cismado porque um homem estava olhando para ela. Veruza conta "Uma vez (risos) que a gente saiu, tinha um cara que tava me olhando, e ele ficou furioso, disse que eu tava olhando também. Antes, ele tinha essas coisas. A gente saía num lugar, e ele dizia que eu tava olhando, quando uma pessoa tava olhando, mas eu não tava olhando, eu não sabia que tavam olhando prá mim."

Veruza conta que teve experiência de violência física em sua infância. Sua mãe costumava bater de chinelo quando ela fazia alguma arte. Veruza lembra uma vez que o pai bateu nela: "O meu pai só uma vez me bateu, era uma coisa que eu não me lembro o que era, um relho acho que era, ele deu uns laçassos nas minhas pernas. Mas a mãe não estava em casa,...lembro, porque ele tava dando no meu irmão, que era um, ele era três anos mais velho do que eu, eu era a mais moça, e a minha mãe tinha saído, daí ele chegou, ele já estava bêbado. Daí, ele queria que o meu irmão fosse fazer não sei o que

lá, e o meu irmão não foi, daí ele começou a bater nele. Eu fui pedir prá ele parar, prá não bater, daí ele me bateu. Foi a única vez, porque sempre a mãe tava por perto e não deixava."

Miro conta que apanhava da avó de vara de marmelo e de chinelo, e que não importava quem fazia a arte, todos apanhavam juntos. Veruza conta que os pais brigavam muito entre eles e que em algumas vezes havia violência física; a mãe agredia o pai: "Não, porque a minha mãe não deixava. Ele tentava bater na minha mãe, mas a minha mãe sempre pegava alguma coisa e jogava nele, qualquer coisa que ela tivesse na mão,... Ela batia, quando ele vinha assim, ela já jogava uma coisa prá ele não se aproximar, porque ele bebia e tinha mulheres na rua. A minha mãe morava com meu pai na mesma casa, mas eles já estavam separados, quando eu tinha uns cinco ou seis anos eu lembro que eu era pequena, ele chegava em casa, me botava no colo, me pegava, quando eu olhava prá ele e via que era ele, eu começava a chorar, porque eu quase não conhecia ele, porque ele saía muito e demorava muito prá voltar prá casa." Atualmente não há casos de violência conjugal nas famílias de Veruza e Miro.

O casal tem uma rotina bem marcada, ambos levantam cedo para se organizar e ir trabalhar. Veruza, como assume seu trabalho mais tarde, às 10:00 horas, é quem leva Matheus à creche, arruma a casa e, às vezes, vai ao centro cumprir algum compromisso. Miro, por ter o horário mais flexível e ficar mais em casa, é quem busca Matheus na creche e fica brincando com ele até o horário de Veruza chegar em casa, normalmente pelas 19h30m. Quando ela chega, organiza o jantar e dá banho em Matheus. Depois, costumam ver televisão juntos; mais tarde, Miro deita com Matheus para fazê-lo dormir. Veruza, normalmente, é a última a se deitar. Os finais de semana são dedicados ao descanso e ao lazer. Costumam almoçar juntos no sábado e no domingo. Sábado à tarde,

Miro costuma sair com Matheus para Veruza poder dormir. Mais tarde, quando retornam, visitam algum parente. No Domingo, normalmente, escolhem ir à casa de parentes e amigos que moram no interior. Miro atribui as intensas saídas aos finais de semana à sua atividade de zelador. Segundo ele: "Não dá prá ficar em casa, não deixam eu parado, se eu ficar em casa, o telefone toda hora tocando."

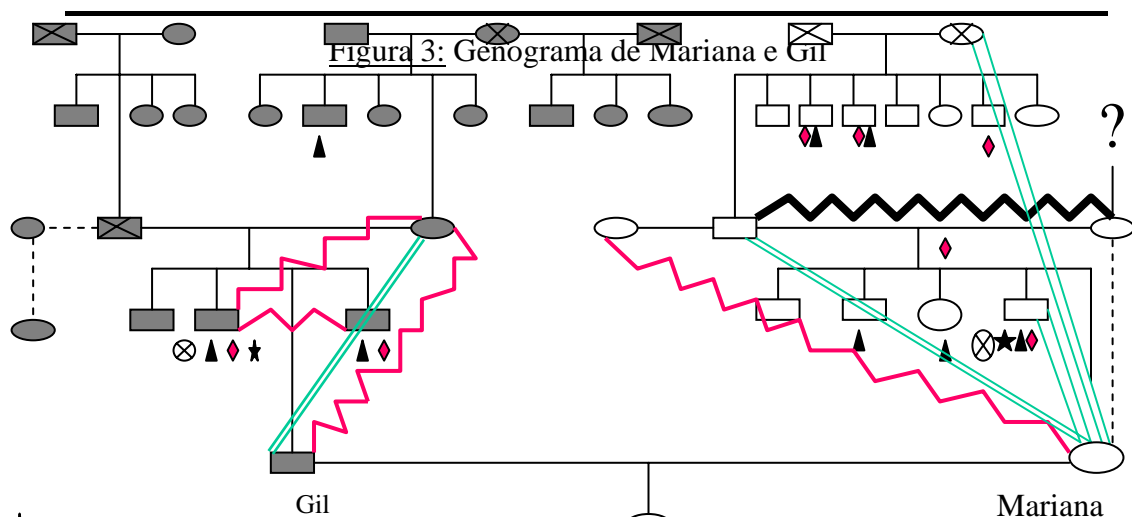
Quando questionados sobre as expectativas para o futuro, o casal responde quase simultaneamente a mesma resposta, M: "Que continue assim, a gente se dando bem." E V: "Eu também. Espero que a gente continue se dando bem prá criar ele juntos. Espero que continue sempre assim como tá."

3.1.3 Casal 3

Tabela 4

Dados Sócio-demográficos do Casal 3

Membros do Casal	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Dedicação ao Trabalho	Grupo Étnico
Mariana	34	União	2º Grau	Esteticista	12 horas semanais	Branco
Gil	34	União	2º Grau	Vendedor	50 horas semanais	Branco



3.1.3.1 Apresentação do casal

Gil é o terceiro filho de uma prole de quatro homens. Os pais viveram juntos até o falecimento do pai. O pai teve uma filha, fruto de uma relação extraconjugal. Gil morou com seus pais até o falecimento do pai, quando, então, a mãe se mudou e ele ficou na casa juntamente com a companheira. A família por parte de pai é mais reduzida. Gil conta com três tios por parte de pai, enquanto que por parte de mãe conta com sete tios. Descreve a relação com a família como sendo distante. Entre os irmãos existe conflitos: dele com o irmão mais novo, enquanto o irmão do meio tem uma relação difícil com a mãe e com o irmão mais novo. Na família extensa, destaca-se o conflito entre tios maternos e uma situação recente que desestabilizou as relações familiares: o envolvimento da mãe de Gil com o concunhado dela (viúvo da irmã do pai de Gil). Entre as pessoas da família que se destacam por ter uma ligação especial, estão dois tios maternos e a mãe.

Mariana é a terceira filha de uma prole de quatro, sendo ela a única mulher. Os pais separaram-se quando ela era ainda muito pequena, contava com apenas um ano e meio. Após a separação, as crianças ficaram sob os cuidados do pai e da avó paterna. Mariana refere a separação dos pais como difícil e conflituada. A família conta que eles brigavam muito e que o pai chegava a agredir fisicamente a mãe de Mariana. Ela refere que talvez este tenha sido o motivo que levou a mãe a afastar-se após a separação e nunca mais fazer qualquer tipo de contato. Tal atitude da mãe provocou um afastamento de Mariana e de seus irmãos da família materna; não possuem, pois, qualquer tipo de referência ou vínculo com este lado da família. Do lado do pai, a família se faz numerosa: possui oito tios e muitos primos, o que talvez lhe dê a sensação de

preenchimento em termos de vínculos familiares. Quando Mariana era já uma adolescente, o pai se casou novamente e ela ficou morando com a avó. O recasamento do pai provocou um afastamento dele de Mariana, pois esta não se relacionava bem com a madrasta. Entre as pessoas da família que descreve como tendo uma ligação especial, estão a avó paterna, dois tios e seu irmão caçula. Mariana refere existir violência física conjugal entre um de seus irmãos e a esposa, e também por parte de dois tios com suas esposas, destacando que a violência está sempre associada ao uso excessivo de álcool.

3.1.3.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal

O casal Mariana e Gil estavam programados para participar da entrevista em outro momento, mas em razão de o casal programado para a presente data ter apresentado problema, a diretora da escola solicitou a Mariana que entrasse em contato com o esposo para que ele viesse à escola e antecipasse a entrevista. O marido concordou, por isto o início da entrevista se deu após o horário combinado.

Havia uma festinha de aniversário na escola na qual a filha do casal quis ficar e, só depois do término da mesma, veio participar da entrevista; porém, saía e entrava a todo o momento. Havia uma segunda sala equipada com brinquedos e material gráfico, que seriam utilizados pela criança e pela auxiliar de pesquisa durante parte da entrevista com o casal. Entretanto, Rúbia, desde o primeiro momento, não quis ficar nesta sala, ou ficava circulando pelos ambientes na escola ou vinha para a sala onde estávamos realizando a entrevista.

O marido apresentou certa resistência em participar solicitando ler a entrevista antes de assinar o consentimento livre e esclarecido. Após uma explicação geral do que seria a entrevista, Gil se tranqüiliza e aceita participar.

Percebe-se o casal tranqüilo para relatar a sua história. No início, a esposa é quem assume um papel dominante; por vezes ele não compreende e ela tem que explicar. No decorrer da entrevista, Gil vai-se soltando, ganhando confiança e passa a participar mais, mostrando-se interessado. É curioso que a partir do momento que Gil mostra interesse e desejo de se manifestar, Mariana vai-se retirando, vai-se tornando-se mais dispersiva, passa a prestar atenção na menina e a chamar a sua atenção. Eles mostram um funcionamento de alternância, ora um assumindo uma posição dominante, ora outro. Mas, o que se percebe no conjunto é que ambos têm uma atitude participativa e que, em muitos momentos, chegam a responder simultaneamente à pergunta da pesquisadora, por vezes, um complementando o que o outro fala, revelando já possuírem um discurso comum aos dois. É interessante a forma como o casal responde às perguntas do pesquisador. Em alguns momentos, a pergunta refere-se a algum dado pessoal ou à história de apenas um dos cônjuges, mas o outro responde rapidamente como se fosse um dado seu.

Rúbia é uma menina agitada, não consegue prender-se muito às brincadeiras. Também tem dificuldade de atender às propostas da auxiliar de pesquisa no que diz respeito ao brincar, estabelecendo uma relação em que ela é quem determina. A auxiliar de pesquisa tem que ficar correndo atrás dela, tendo dificuldades de impor qualquer limite. Parece que mãe e pai também enfrentam dificuldades de impor limites: durante a entrevista ambos fizeram algumas solicitações para a menina que não foram atendidas.

O brinquedo de Rúbia assume, algumas vezes, um caráter agressivo. Quando ela brinca com a boneca xinga e bate, referindo que é assim que a mãe faz com a filhinha.

3.1.3.3 Síntese da entrevista do casal

Mariana e Gil conheceram-se em uma casa noturna no final de 1985, dançaram e beberam juntos. Uma semana depois, reencontraram-se em uma casa noturna, Mariana, porém, estava acompanhada, mas foi possível combinar um reencontro, que ocorreu na Redenção. A partir desta data, passaram a se ver marcando encontros. Quando perceberam, estavam se encontrando diariamente, namorando. Tanto Gil quanto Mariana referem que o que os levou a se interessarem um pelo outro foi a beleza física. Ao contar o seu namoro com Gil, Mariana espontaneamente introduz o assunto sobre o início das relações sexuais com Gil que, segundo ela, só vieram a ocorrer após um mês de namoro; "Mas tudo isso sem transa, a gente só foi transar, acho que, um mês depois."

O casal conta que, em seguida, começaram a viver juntos, pois Mariana ia para a casa de Gil e ficava por lá. A família de Mariana não aceitava o namoro, o que contribuiu para que ela fosse morar com ele rapidamente. Segundo eles, tudo se deu de forma natural, sem combinações prévias. Quando se deram conta, viviam vida de casados. As palavras de Mariana são as seguintes: "Na realidade eu sempre morei na casa dele. Sempre, porque eu ficava muito mais na casa dele do que na minha, né. Só depois, um dia assim que foi definitivo, né. Daí eu levei todas as minhas roupas e fiquei com ele. Aí a gente tá até hoje junto." E complementa: "nunca chegamos a conversar, assim, simplesmente fomos morar." O casal diverge sobre o período de adaptação à vida

conjugal, enquanto que para Mariana foi tranqüilo, Gil refere ter encontrado algumas dificuldades.

Segundo Mariana, o namoro foi um pouco tumultuado porque o casal desentendia-se muito. Entre os motivos mais freqüentes das brigas estavam os ciúmes e as constantes esperas de Mariana por Gil, que marcava um horário e aparecia em outro. Mariana é tida como mais ciumenta que Gil, mas ambos concordam que os ciúmes estão presentes na relação. Mariana comenta: "Ah é, ciúme, o ciúme era horrível." Muitas vezes, tiveram breves separações em função das brigas, que chegavam a durar de um dia a uma semana.

Quando namorados, o casal mantinha uma vida social agitada, freqüentavam bares, danceterias, passavam os finais de semana na praia, e tudo se dava sem muita combinação prévia. O casal vivia intensamente e se satisfazem em dizer que ambos tinham os mesmos gostos e desejos. Conviviam também com amigos, mas a grande maioria dos programas se dava apenas entre os dois. O contato com a família era ocasional, conviviam mais com a família de Gil do que com a de Mariana, parece que a família extensa, num primeiro momento, assumiu o desgosto dos tutores (avó e tio de Mariana) em relação ao namoro. Mariana não consegue compreender até hoje porque sua avó e o tio não aceitavam o namoro com Gil. "...não gostavam, não queriam, ...aí um dia eu disse: ah não, assim não dá, porque ele não é casado, eu gosto dele, não tem nenhum defeito; e Gil complementa: "é trabalhador, desde pequeno trabalhador."

Mariana e Gil ficaram morando com os pais dele até o pai falecer, a mãe, então, foi morar num apartamento e o casal ficou sozinho na casa da família.

Após cinco abortos naturais, finalmente em 1997 o casal consegue levar a gestação até o final. É interessante destacar que nem Mariana nem Gil referem os

abortos como algo significativo, perdas importantes; eles, simplesmente, mencionam o fato. Entretanto, o fato de Mariana referir que a gravidez foi um período de grande satisfação porque Gil cuidava dela, não permitindo que ela fumasse ou bebesse, levamos a pensar que houve uma especial dedicação por temer que, novamente, ocorresse uma perda do bebê: "... quando eu engravidei mesmo, que eu fumo né, quando eu engravidei daí, o Gil me ajudava bastante também para não fumar, pra me cuidar, daí a gente já não bebia mais, porque antes a gente bebia e saía a dirigir por aí, ia pra praia, não voltava, não tinha hora, ...foi bem tranquilo mesmo, até porque eu sempre tive assim assistência dele, tava sempre junto comigo." E Gil reforça: "É, e não tinha motivo pra brigar também, né?", M: "É, não."

Quando Rúbia chegou, as mudanças foram percebidas pelo casal, o que os fez enfrentar dificuldades. O casal refere este período com as seguintes palavras: G: "...quando nós era só nós dois era diferente. Quando a Rúbia veio, ela, como é que eu posso dizer..."; Mariana continua: Ah, tremeu um pouco nossa relação." Estas palavras nos fazem entender que muitas mudanças ocorreram com a chegada de Rúbia, mas em outros momentos, outras falas dão um significado completamente contrário a esta percepção, como, por exemplo, quando é questionado o que mudou nos planos do casal e eles respondem: "G: Não acho que não mudou nada, né?; M: "Não, não, não mudou não, continua a mesma coisa, ...até foi melhor, parece que a gente agora tá trabalhando com mais objetivo." Esses pontos da entrevista revelam uma contradição do casal a respeito das mudanças após o nascimento do bebê, ora referem que piorou ora referem que melhorou. Existe uma fala de Mariana que revela o medo intenso de que sua família atual acabe repetindo a história de separação de sua família de origem. Este medo parece ser o principal fator responsável pelas contradições a respeito da situação do

casal. M: "Tá, agora a gente tá..., a gente vai, né, tentando, né. Porque eu sempre falo, né, eu vim de relação de separação, então eu não quero isso pra minha filha, nunca, jamais."

No que diz respeito às brigas, o casal conta que, de uns três anos para cá, não brigam tanto; comentam que "se respeitam", que "já chegaram no ponto de se respeitar." Mariana refere que o motivo que gera desentendimentos ainda é a ausência de Gil; enquanto no namoro isto se manifestava através da demora para encontrá-la, hoje está presente na demora para retornar para casa. Gil não atende à expectativa de Mariana, que fica chateada e acaba provocando uma briga. M: "Eu acho que ele tem que tá junto com a gente, assim ó, terminou o trabalho, eu acho que não tem que ficar conversando com fulano, ciclano, beltrano... Eu acho assim, que o mais importante é a minha família. Eu termino meu trabalho na rua e não quero saber de ficar conversando com ninguém, eu quero ir pra minha casa, ...e ficar em casa com eles...e ele não...." Ambos concordam que a grande maioria das brigas ocorre pelas cobranças de Mariana. Nestas ocasiões, agredem-se verbalmente, Mariana grita e Gil fala baixo. O conteúdo das discussões é basicamente cobranças. Mariana costuma dizer: "Tu tava tomando cerveja? O que tu tava fazendo lá? Até essa hora! Tu tá gastando." Quando Mariana cobra de Gil a sua ausência em casa, costuma inserir a filha, mencionando que a menina questiona onde está o pai. M: "A Rúbia começa, e o meu pai, e o meu pai?" Em um outro momento, Mariana refere outra forma de revelar o seu descontentamento frente aos atrasos de Gil. Diz ignorá-lo, ficando emburrada e evitando-o, ao que Gil reage, mostrando-se irritado e agitado.

O casal discorda quanto à frequência das discussões. Gil refere acontecer uma vez ao dia e, sob o protesto da mulher, modifica para "de três a quatro vezes por

semana." Mesmo assim, ela não fica satisfeita com a descrição dele, e continua afirmando ocorrer com menos frequência. O casal não utiliza a agressão física nas brigas; nunca houve um episódio em que tivessem se batido ou ameaçado um ao outro.

As brigas decorrentes dos ciúmes continuam ocorrendo, mas com menor frequência. Gil não gosta que Mariana use minissaia, G: "Claro, não senta pra ela. Uma, uma mulher de família, né tchê. Como é que vai, tu sabe que, saia, tu sai na rua, né, saia é pra, é pra guriuzinha, né." Segundo Gil, Mariana não gosta que ele vá aos jogos de futebol sem ela. G: "... eu vou no jogo, ela não gosta muito, de vez em quando eu vou sozinho, mas é uma vez também, mas daí quando eu não vou, ela fica braba, quando ela, ela não vai, ela fica braba." Neste momento Rúbia fala: "Eu chorei, eu chorei", mostrando perceber a existência de atrito.

O casal refere que existe muita agressão física e verbal entre casais em ambas famílias. Contam que isto ocorre entre seus irmãos e irmãs e os respectivos cônjuges. No que se refere à agressão verbal, esta esteve presente nas relações conjugais dos pais de ambos. Gil conta que presenciava muitas discussões dos pais, enquanto Mariana conta que seu pai e sua mãe brigavam muito, inclusive com violência física. Ela diz não ter a cena em sua mente, pois quando seus pais se separaram era muito pequena, mas sente um desconforto frente a situações de briga que lhe remetem a alguma vivência ruim. M: "Eu não consigo definir o que é, mas eu lembro assim de alguma coisa, mas eu era muito pequena, mas eu tenho alguma coisa na minha cabeça, eu tenho medo de discussão, de brigas, mas, até assim, se começam a discutir muito alto, eu já, ó me mando, não posso com brigas."

Quando questionados sobre sua vivência infantil, ambos referem ter sofrido algum tipo de agressão física quando crianças. Gil, porém, parece ter tido uma

experiência mais difícil; o pai o agredia com fio de luz, varinha de marmelo e mangueira. Entretanto, quando Gil lembra estes episódios, faz um comentário de que "aquilo sim é que era educação..., ele nos respeitava." Mesmo fazendo uma leitura positiva das atitudes agressivas do pai ao educar, isto não faz com que repita tal atitude com a filha. Já Mariana, mesmo possuindo uma história diferente, que não remete a tanta agressão, tende a educar sua filha batendo. Este é um ponto de muito conflito e divergência entre o casal.

O casal tem uma rotina bem organizada. Gil trabalha em turno integral, enquanto Mariana, geralmente, fica em casa de manhã realizando as tarefas de casa; só sai para levar Rúbia para a creche. À tarde, atende suas clientes. O casal conserva momentos em que ficam sozinhos e conseguem conversar e namorar. Estes ocorrem no intervalo do almoço e à noite. Aos finais de semana, costumam frequentar parques, ir à praia, ir ao estádio de futebol e assistir televisão. As atividades de lazer, geralmente, são realizadas apenas entre a família nuclear, sem a participação de amigos ou parentes. Mariana e Gil referem, em vários momentos da entrevista, um hábito de beber cerveja, e que os momentos de prazer e lazer estão associados ao ato de ingerir bebidas alcólicas.

A expectativa do casal para o futuro é conseguir manter a mesma vida que levam atualmente.

3.1.4 Casal 4

Tabela 5

Dados Sócio-demográficos do Casal 4

Membros do Casal	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Dedicação ao Trabalho	Grupo Étnico
Cristina	21	União Estável	1º Grau Completo	Do lar	_____	Branco
Darlei	21	União Estável	1º Grau Completo	Pedreiro	50 horas semanais	Branco

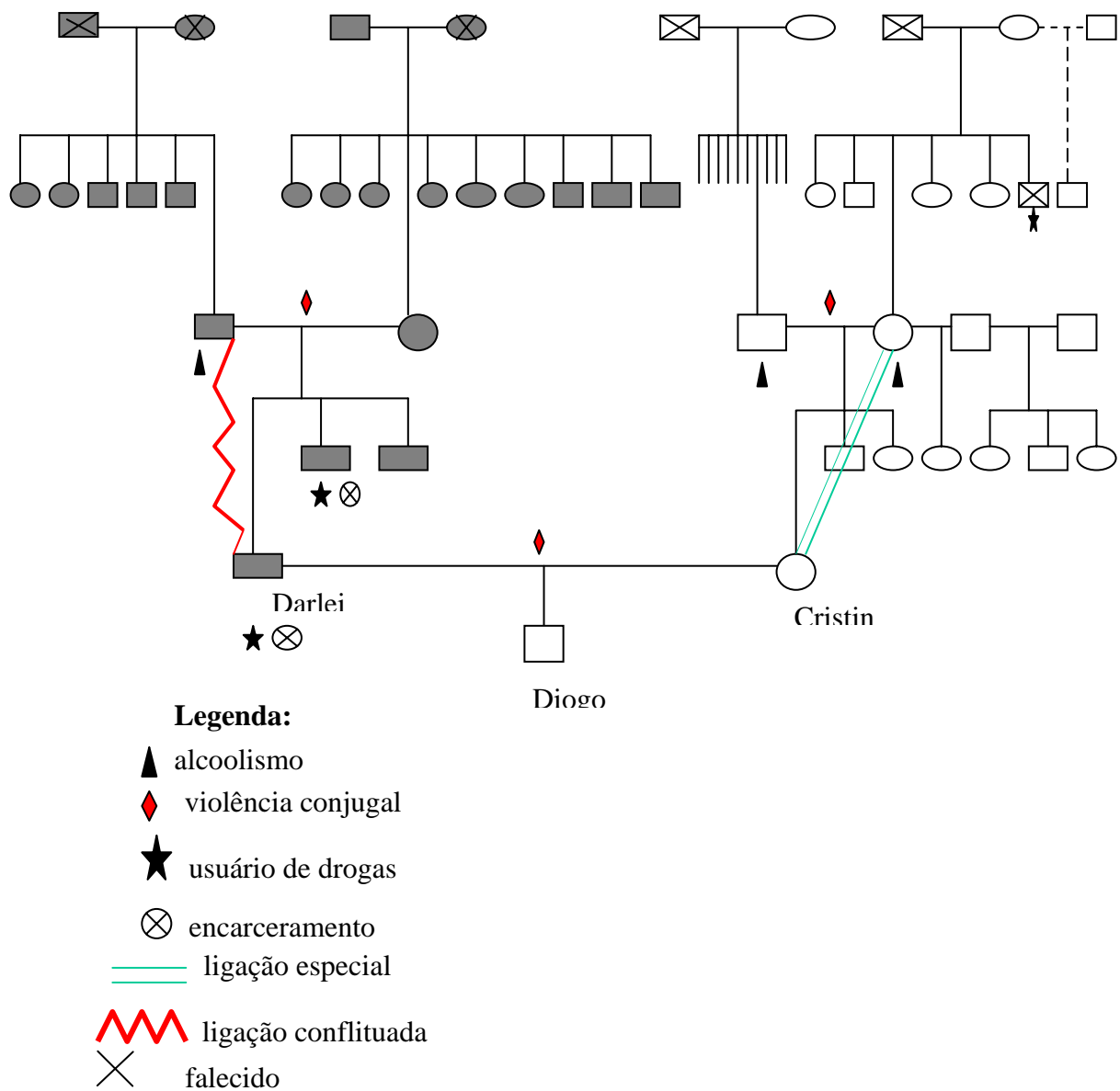


Figura 4: Genograma de Cristina e Darlei

3.1.4.1 Apresentação do casal

Darlei é o filho mais velho de uma prole de três, em que o mais velho está com 21 e o mais novo com cinco. Os pais ainda são vivos e continuam casados; o pai tem 44 anos e a mãe 43 anos. Tanto o pai quanto a mãe são oriundos de famílias muito

numerosas, cada um com mais de dez irmãos; entretanto, Darlei não tem quase contato e convivência com tios e primos. O irmão de Darlei é portador de doença mental. Darlei faz uso de maconha e de cigarro. Ele esteve preso no ano de 1999, por roubo. Além de Darlei, também seu irmão esteve preso pelo mesmo delito, mais ou menos no mesmo período. Darlei já sofreu um acidente grave, foi atropelado e levou algum tempo para se recuperar.

Cristina é a filha mais velha de uma prole de seis filhos, quatro mulheres e dois homens; a mais velha (Cristina) com 21 anos e a mais nova ainda não completou um mês de vida. Cristina é filha do primeiro casamento, juntamente com dois irmãos. Sua mãe, atualmente com 36 anos, após se separar do pai de Cristina, quando esta estava com sete anos, casou-se mais duas vezes. Tanto a família da mãe de Cristina como a do pai são numerosas; entretanto, Cristina só sabe dar dados da família materna, pois após a separação dos pais, perdeu contato com a família paterna. A convivência na família de Cristina é restrita à família nuclear; a família extensa não tem o hábito de conviver e interagir: "cada um pensa em si." Desta forma, ninguém da família representa para ela um vínculo especial. O pai de Cristina fazia uso excessivo de álcool e utilizava a violência física na relação conjugal. A mãe de Cristina também fazia uso de álcool, mas segundo Cristina, atualmente não faz mais.

3.1.4.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal

Cristina, Darlei e Diogo chegam pontualmente no horário combinado. O casal parece envergonhado, apresenta uma postura retraída. Diogo, ao contrário, rapidamente se mostra à vontade, explorando o ambiente e aceitando brincar com a auxiliar de

pesquisa. A pesquisadora apresenta a proposta de trabalho, fala do consentimento livre e esclarecido e o casal concorda em participar sem apresentar qualquer resistência. É bem verdade que no início Darlei manifesta-se muito pouco.

Ao iniciar a entrevista, chama atenção a postura do casal. Cristina está ativa, é falante e parece ter o controle da situação. Darlei, ao contrário, está cabisbaixo, retraído, pouco à vontade. Ele veste boné e, nos primeiros minutos da entrevista, é impossível visualizar seus olhos.

No decorrer da entrevista, ocorre um processo de inversão de posições. Darlei vai ganhando espaço, e a sua postura vai-se tornando mais ereta, o olhar mais firme; enquanto Cristina vai-se encolhendo, perdendo sua autonomia nas respostas e, em alguns momentos, parece até sentir-se coagida por Darlei.

O movimento de Diogo também chama atenção. O menino é agitado, por vezes, hiperativo. Explora o ambiente e os brinquedos com muita curiosidade, mas mesmo envolvido no brincar, parece não conseguir desligar-se do que está acontecendo com a mãe e o pai durante a entrevista. Em muitos momentos, quando as vozes se alteravam, a expressão tanto do corpo quanto do rosto se enrijeciam, e o conteúdo era mais ansiogênico; Diogo aproximava-se da mãe e pedia-lhe o peito. Na realidade, ele nem ao menos mamava, pois o tempo em que ficava agarrado ao peito era muito breve, cerca de dez segundos; tratava-se de uma manobra de controle de ansiedade. Em outros momentos, Diogo, apenas, aproximava-se da mãe, e ela, automaticamente, colocava-o no colo e dava-lhe o peito, como se fosse um ato automático. Nesta interação entre mãe e filho, percebe-se, claramente, uma aliança para lidar com a ansiedade.

Durante a entrevista, são raros os momentos em que o casal compartilha a mesma idéia, ou que constroem juntos uma conclusão sobre algum tema. A entrevista é

marcada por desentendimentos, discussões e tentativas de convencimento sobre uma forma de pensar. Estas imposições de "verdades" ora ocorrem apenas com a alternância de tom de voz, que passa a ser mais ríspido e forte, ora vêm acompanhadas de advérbios de desqualificação do outro.

3.1.4.3 Síntese da entrevista do casal

Cristina e Darlei conheceram-se na escola. Começaram a andar juntos porque eram da mesma turma, em seguida passaram a ser amigos. Darlei era uma espécie de conselheiro de Cristina, orientava-a quanto às dificuldades de relacionamento que ela enfrentava com familiares. C: "Eu tinha uns problemas com a minha mãe, né. Aí ninguém assim me ajudava, me dava uns conselho. Ele vivia lá em casa, me dando conselho, não era conselho assim ruim, assim sabe? Como é que eu vou dizer, não era que nem os outros. Uma vez, eu queria sair de casa, né, daí ele pegou, só que daí ele só era meu amigo, eu queria sair de casa, daí ele pegou e disse que lá na casa dele os pais dele também eram assim. E, ai, ele me explicou um monte de coisas lá. Eu ia fugir de casa e ele não deixou. Me ajudou, né, conversou comigo e eu gostei do jeito dele, que ele era sincero às vezes. Às vezes não, todas. Ele falava as coisas."

Começou a nascer algum interesse especial entre eles, mas havia desencontros. Primeiro, foi Darlei quem tentou se aproximar de Cristina como namorado, e ela o rejeitou; depois foi a vez de Cristina procurá-lo e ele não aceitá-la, até que algum tempo depois, Cristina resolveu pedir a Darlei que ficasse com ela e ele aceitou.

Começaram a namorar quando tinham 16 anos; namoraram durante um ano e então foram morar juntos. Segundo eles, a decisão de morar junto deu-se por duas

razões principais: a gravidez de Cristina e a não aceitação da mãe de que Cristina passasse a noite e o final de semana fora. Cristina conta que, durante o namoro, jamais dormiu na casa do namorado, mas que, na primeira vez que isto ocorreu, a mãe não aceitou: "Se tu tem um lugar para passar o final de semana, tu pode passar o resto da vida, ai eu peguei as minhas coisas e sai." Durante o namoro estavam quase sempre juntos: "Ele vivia lá em casa, eu vivia na casa dele, assim era, direto, o dia inteiro junto, ... no final de semana a gente saia, todo final de semana." Cristina conta que o namoro começou meio às escondidas das famílias de ambos, pois Darlei fazia parte de um grupo que fazia "coisas erradas" e ela tinha uma fama ruim, pois já tinha namorado vários rapazes. Apesar disto, o casal refere que foi um namoro bom, em que passeavam e se divertiam juntos.

Durante o namoro, também havia brigas entre eles, e o motivo que mais os levava a discutir e brigar eram os ciúmes. O casal concorda que Darlei era muito ciumento e que se deixava levar por fofocas que denegriam a imagem da namorada. Darlei tem temperamento explosivo e quando se incomoda fica agressivo. Cristina conta que, nestas situações em que Darlei explodia com ela, ela ficava quieta e chorava. O casal refere um episódio em que Darlei rasgou uma saia de Cristina no meio da rua porque achou a saia curta.

Cristina e Darlei começaram a vida a dois na casa dos pais de Darlei, até que a casa deles, no mesmo pátio da família, ficou pronta. Conforme o casal explica, o início do casamento foi bom, tinham poucas coisas materiais, mas muitos sonhos em comum. Viviam num clima romântico, anotavam tudo o que acontecia, todo o início da história deles "...a gente tinha mania de escrever as coisas, né, data disso, data daquilo, até comida que a gente fazia, a primeira comida."

Atualmente, o casal não reside mais na mesma casa porque a mãe de Darlei não aceitou mais Cristina. O rompimento entre sogra e nora se deu desde que Cristina moveu um processo contra o marido por agressão física e a sogra não aceitou tal conduta. O casal conseguiu fazer um acordo com a família de Darlei trocando a casa em que residiam por outra casa longe dali. Nesta residência atual, o casal enfrenta novas dificuldades, pois não há água e nem luz. As dificuldades para realizar as tarefas domésticas se impõem, eles se irritam e isto tem provocado muitas discussões.

Após vários abortos naturais, inclusive aquele que fez o casal se unir, finalmente, em 1997, conseguem levar a gestação até o final. Os abortos ocorriam porque Cristina era portadora de sífilis e não se tratava, perdia, assim, os bebês com vários meses de gestação. Na gravidez de Diogo, Darlei fez uma pressão para que Cristina se tratasse, porque segundo ela, "ele não queria de jeito nenhum passar pelo que tinha passado." Cristina fez tratamento durante toda a gravidez. O casal conta que o período da gravidez foi a melhor fase da vida deles. C: "na época da gravidez, foi, acho, a melhor fase,...ele me respeitava, parava em casa, fazia de tudo para mim, a gente brigava também, mas não era físico, porque ele sabia que eu tava grávida."

Quando o casal começa a relatar a vida após o nascimento de Diogo, percebe-se alguma ambivalência. Ao mesmo tempo em que ambos dizem ter mudado para melhor, pois amadureceram e tomaram juízo através da responsabilidade, passaram a se sentir mais distantes um do outro. Cristina conta que, após os três meses de Diogo, estourou a primeira crise conjugal, ele começou a sair: "Foi para a gandaia e eu fiquei", "aí ele aprontou e tudo, eu descobri um monte de coisa dele." Segundo eles, as brigas também modificaram-se, passaram a ser mais verbal e menos física. No que tange à educação de Diogo, o casal não discute muito; às vezes, Darlei chama a atenção de Cristina, cobra

dela alguns cuidados com Diogo, como andar calçado, vestir-se de acordo com a temperatura. O casal refere que não utiliza a agressão física com o filho; entretanto, relatam uma situação em que Cristina bateu em Diogo e criou uma situação difícil com a família de Darlei que chegou a denunciá-la ao Conselho Tutelar. "Eles andaram falando lá que eu batia nele, que eu espancava ele, sei lá o que eu fazia com ele, que viram, foi num dia também que a gente brigou né, porque eu me explodi. Após este relato, Darlei ameaça Cristina: "Eu já disse pra ela, né, se um dia eu pegasse, né, ela batendo nele, eu ia bater nela também. Os cuidados para com Diogo são de responsabilidade de Cristina, com exceção da alimentação, que é administrada por Darlei, pois o menino solicita a ele que lhe dê a comida."

No que diz respeito à convivência conjugal atual, ambos concordam que está melhor do que antes. Pensam que conseguem administrar melhor as brigas do que anteriormente, quando ainda residiam no pátio da família de Darlei. Cristina conta que, naquela época, Darlei era muito violento, e Darlei complementa: "Eu chutava, dava soco, tapa." Cristina lembra que uma vez ele pegou uma vassoura e a deixou com as pernas roxas. Tentando fazer uma compreensão destas situações, Cristina diz que errou porque deixou Darlei "tomar conta" dela. Segundo ela, a ocorrência na polícia sobre a agressão física foi uma tentativa de mudar a relação deles: "Quando eu dei parte dele, não foi querendo o mal dele, foi querendo mudar, eu tava cansada disso."

As brigas continuam existindo por outras razões que não existiam no período de namoro. Darlei cobra muito de Cristina a realização das tarefas domésticas. A forma como ele relata a situação mostra que está muito descontente com o modo como Cristina conduz e administra a casa. "... tem que ter uma organização, entendeu, e isso não tem, é isso que eu cobro dela e a gente briga na maioria das vezes por causa disso

aí...eu me irrita com ela, porque eu cobra dela e ela não aceita." Cristina complementa: "Ele fala que eu não presto para nada." No relato das discussões do casal, percebe-se claramente que Darlei cobra de Cristina como um pai cobra de uma filha, e Cristina reage a esta cobrança tal como uma filha. Darlei fala: "Ela parece uma criança, não aceita o que eu falo e qualquer coisinha chora, é parece uma criança." As agressões físicas foram muitas, e no decorrer do depoimento de ambos, fica claro que Cristina também agredia Darlei fisicamente; por vezes, era apenas uma forma de se defender, mas em muitas outras ocasiões, ela provocava a agressão, mas acabava apanhando mais do que batendo. Até hoje, existem ameaças de agressão por parte de Darlei, o que faz manter o clima de tensão e medo dentro de casa. As agressões verbais são uma constante, mas o casal não consegue definir uma frequência; enquanto Cristina diz que é diário e sempre pela manhã, logo quando acordam, Darlei discorda sem contrargumentar.

Os ciúmes continuam existindo na relação, mas agora quem se mostra mais ciumenta é Cristina. Ela não aceita que Darlei saia a frequentar som junto com os amigos; pensa que vai traí-la. Darlei comenta: "Ela tem trauma de domingo"- dando a entender que ocorreu algum fato num domingo, uma traição, e que isto ficou marcado para Cristina. Estas lembranças são responsáveis por reações descritas pelo casal. D: "se eu chego um pouco mais tarde em casa ela tá chorando, às vezes, por nada. C: "Já começo a imaginar que ele está com outra pessoa,...eu sou muito insegura."

Cristina relata sua insatisfação com a relação conjugal, diz não querer ter esta vida, fala que Darlei mudou com ela, não é mais carinhoso como era na época do namoro. Ele explica que agora eles têm outras atribuições e que não sobra mais tempo para namorar; pensa que eles vivem uma vida normal de casal, que com todos é assim

após o casamento. Já Cristina discorda; para ela tem que haver carinho, aproximação, e que se Darlei não se aproxima dela, é porque não gosta mais dela. C: "Eu gostava de geralmente assim, ah, eu tá fazendo alguma coisa, chega e dá um carinho, falar de bem, mas não,...ele nem chega perto de mim, sinal que não gosta mais de mim." Cristina mostra-se preocupada com o futuro do casal; se a relação dos dois continuar como está. "Daqui uns quinze anos como é que a gente vai tá, a gente vai levantar. Só dar bom dia e não vai se falar mais, imagina se agora já tá assim."

No que diz respeito à vida sexual do casal, eles discordam. Darlei diz estar satisfeito: "É boa." Enquanto Cristina diz: "Não é aquilo tudo." Cristina tem dificuldade de explicar o seu descontentamento, pois o marido mostra-se irritado com o posicionamento dela, passando a agredi-la: "Pra mim tá bom, pra ela não tá, nunca tá, por ela a gente transava toda hora." Cristina rejeita a versão do marido, mas não consegue expor com clareza o que pensa. Segundo eles, a frequência das relações conjugais é de três a cinco vezes por semana. O casal refere que muitas vezes utilizam o sexo como forma de fazer as pazes, mas que isto acontecia mais antigamente. C: "Antigamente a gente brigava, né, e tudo, assim, era mais forte."

Quando questionados sobre situações de violência fora da relação conjugal, Cristina relata que sofreu uma tentativa de estupro do tio, mas que não chegou a concretizar-se pois a mãe chegou ao local na hora. A mãe e o padrasto se dão muito bem e não utilizam violência física ou verbal; entretanto, o pai dela, enquanto casado com a mãe, muitas vezes, bateu na esposa e Cristina, muitas vezes, assistiu à agressão. Diz ter apanhado quando pequena, mas nada que ela considere fora do normal. Relata uma cena que ficou marcada: "Quando a mãe descobriu que eu tava matando aula, ela mandou todo mundo sair da casa e me deu de pau." Darlei diz ter apanhado muito em

sua infância, o pai batia-lhe "de fio e de pau", "...eu ia sempre com o olho roxo para o colégio de tanto apanhar." Parece que esta situação de maus tratos explica a fuga precoce de Darlei de casa. Ele saiu aos 11 anos de casa para morar na rua e só voltou para casa aos dezesseis. A fuga para a rua não fez Darlei livrar-se dos maus tratos, pois passou a apanhar da polícia: "Eu apanhei muito da polícia, é de ficar mal mesmo assim, de ficar de cama." Darlei conta uma situação recente em que o pai tentou agredi-lo com uma faca: "Uma vez que ele quis me matar com uma faca, até a Cris tava junto, me imobilizou na parede e colocou a faca no meu pescoço." Darlei conta que seus pais também se agrediam quando ele era pequeno e que presenciou muitas cenas violentas entre eles: "O pai batia na mãe, ...eu presenciei muitas vezes."

A rotina da família é voltada para o trabalho e tarefas diárias, não há mais qualquer tipo de lazer, pois, até mesmo nos finais de semana, o casal trabalha na construção e acabamento de sua casa. D: "No final de semana, eu não paro de trabalhar, eu trabalho direto." Esta realidade impulsiona Darlei a desejar para o futuro melhores condições de vida, aquisições materiais e voltar a estudar. Já Cristina possui ambições em termos de relacionamento; espera que possam dialogar mais, serem mais amigos.

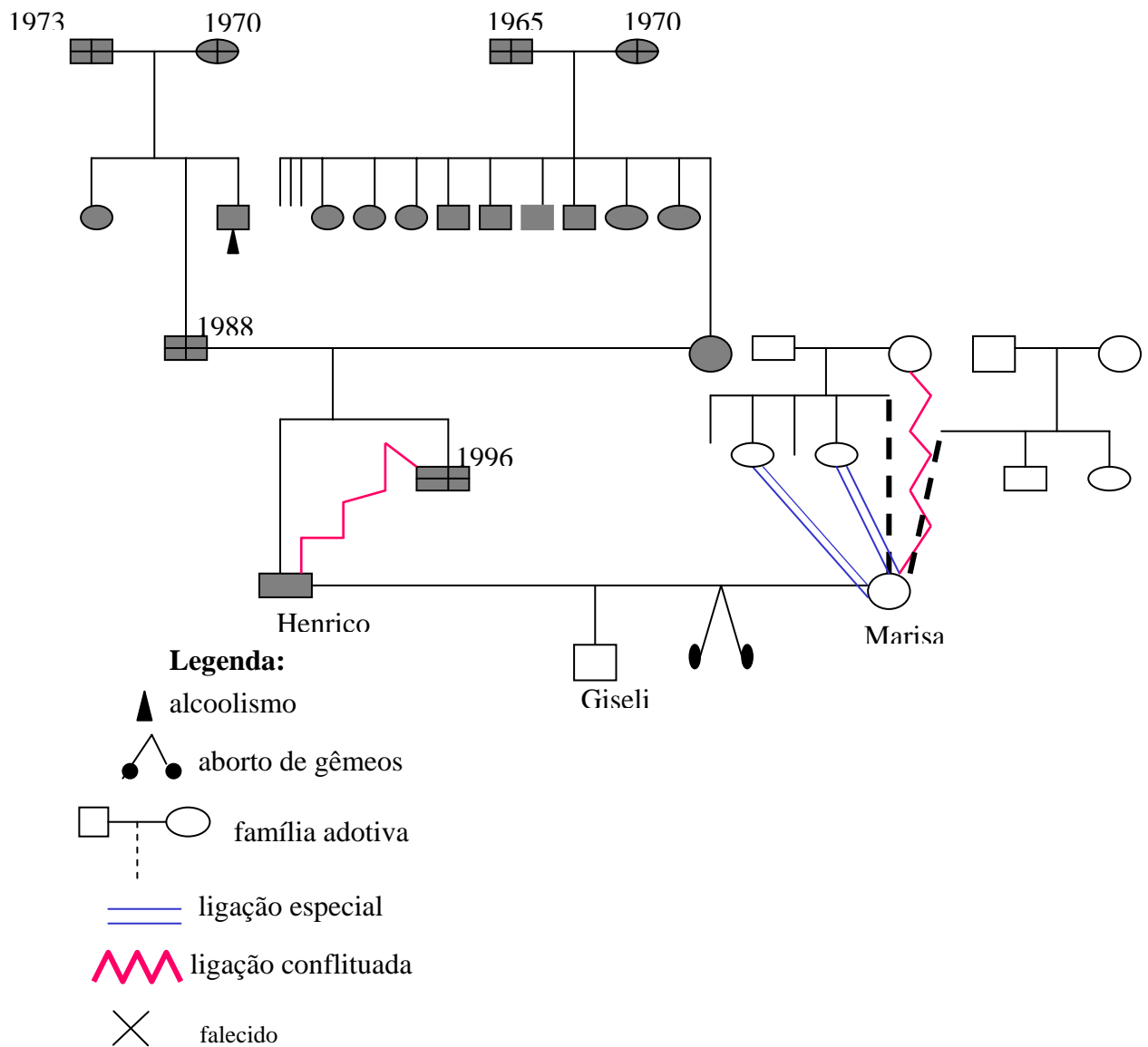
Quando referem seus sonhos e expectativas para o futuro, Darlei revela uma preocupação de conquista material e de desenvolvimento pessoal: D: "...melhores condições de vida, mais estudo, mais conhecimento" - enquanto Cristina parece revelar preferência para a relação conjugal. C: "Quero mais diálogo, mais conversa, como se fosse dois amigos, esquecendo esta coisa de marido e mulher."

3.1.5 Casal 5

Tabela 6

Dados Sócio-demográficos do Casal 5

Membros do Casal	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Dedicação ao Trabalho	Grupo Étnico
Marisa	26	Casada	2º Grau Completo (curso técnico em curso)	Estudante	30 horas (como estagiária)	Branco
Henrico	36	Casado	2º Grau Completo	Protético	45 horas semanais	Branco

Figura 5: Genograma de Marisa e Henrico

3.1.5.1 Apresentação do casal

Henrico é o primeiro filho de uma prole de dois meninos. O irmão mais moço morreu em 1996 vítima de acidente. O pai também é falecido (1988). A mãe está com 74 anos e acolhe em sua casa a família de Henrico, assim como fazia com o filho mais moço antes de seu falecimento. A família paterna é enxuta, constando apenas de dois tios. Já a família materna é extensa. A mãe é a última filha de uma prole de 13 filhos. Com os tios maternos houve um contato maior durante a sua infância, mas apenas com alguns deles (ele cita nove nomes). Atualmente, vários tios já são falecidos, e o contato com a família extensa está bastante restrito.

Marisa possui uma história familiar confusa. Ela desconhece sua origem materna ou paterna. Foi criada por diferentes famílias adotivas. Segundo ela, nunca foi formalmente adotada; ficava nas famílias fazendo o trabalho doméstico em troca de comida, pouso e escola. Desde muito pequena (cerca de cinco anos), já realizava tarefas domésticas nas casas das famílias que a assumiam. Não tem boas recordações de sua infância, relatando que sempre foi muito exigida e castigada. Destaca duas famílias com as quais morou por mais tempo, e destas famílias destaca algumas relações fraternas como sendo as mais próximas, mesmo ressaltando que não teve qualquer relação especial com algum membro destas famílias com que conviveu. Atualmente, tem contato quase nulo com os membros das famílias adotivas, destacando apenas duas irmãs das quais ainda se aproxima esporadicamente.

O casal está junto há sete anos e possui uma filha de dois anos e oito meses de nome Giseli.

3.1.5.2 Impressões dos pesquisadores durante a entrevista do casal

Henrico e Marisa chegam na entrevista no horário combinado. O casal decidiu realizar a entrevista no consultório particular da pesquisadora, aceitando o auxílio transporte que a pesquisadora oferecia aos participantes da pesquisa.

Henrico e Marisa chegam com aparência tranqüila, e a menina Giseli, logo ao entrar na sala, mostra-se atraída pelos brinquedos e começa a explorá-los, facilitando, assim, o processo de aproximação da auxiliar de pesquisa, que interage com a criança durante a entrevista.

A pesquisadora faz a apresentação da pesquisa e do consentimento livre e esclarecido, e o casal não demonstra nenhuma dúvida ou qualquer resistência. A família toda parece concordar com todo o procedimento. Logo no início da entrevista, o ambiente "aparentemente" tranqüilo começa a se modificar. Marisa, em sua primeira fala, já demonstra um estado de alteração: está ansiosa e a sua fala vem acompanhada de um sentimento de raiva intenso. No decorrer da entrevista, fica claro que a raiva é direcionada ao marido; em alguns momentos, isso fica mais evidente e elucidado por uma fala irônica, por deboches, risos ameaçadores e um olhar agressivo muito intenso. Durante toda a entrevista, não se pôde observar qualquer troca de afeto positivo ou um olhar carinhoso. O clima que se desencadeou rapidamente e persistiu por toda a entrevista era de tensão.

Marido e esposa participaram, intensamente, de forma espontânea e simétrica. Entretanto, a postura revelada por Henrico e Marisa é bastante distinta; enquanto Henrico se prende em fatos e dados da história, Marisa tem um relato preenchido, abundantemente, por sentimentos. Em alguns momentos, a criança se aproxima

solicitando alguma atenção, tanto do pai quanto da mãe. Observamos que estas aproximações deram-se em momentos de maior ansiedade, quando abordamos temas mais delicados e que se revelaram parte do conflito deste casal. Em vários momentos da entrevista, a tensão entre marido e esposa se intensifica, e, em alguns momentos, Marisa chega a chorar.

Ao encerrar a entrevista, percebendo a mobilização do casal com o conteúdo revelado durante a entrevista e a necessidade em verbalizar as dificuldades que eles vêm enfrentando, encaminhamos a família para tratamento familiar em uma instituição pública, que oferece este serviço gratuitamente. O casal agradece o encaminhamento e verbaliza que realmente estão precisando de auxílio psicológico para enfrentar, principalmente, as dificuldades conjugais.

3.1.5.3 Síntese da entrevista do casal

Henrico e Marisa conheceram-se em Porto Alegre quando ela veio acompanhando a tia de Henrico que iria realizar uma cirurgia. Marisa trabalhava e morava com esta tia em Florianópolis. Namoraram à distância durante seis meses, faziam contato por telefone ou por carta, raramente conseguiam se ver e, nestas ocasiões, era tudo muito corrido. Marisa, insatisfeita com a situação de namoro, pressiona Henrico e eles decidem casar-se. Henrico foi o primeiro namorado de Marisa. "Foi o primeiro que eu conheci, que eu namorei."

Hoje, ao relatar a sua história, Marisa percebe que casou com alguém que não conhecia e entende que o que lhe propulsou para este casamento foi a dificuldade em tolerar a situação que se estendia desde sua infância: a idéia de viver de favores na casa

de outros e não possuir o seu próprio lar. Marisa, ao se referir ao período de namoro diz: "Eu nunca passei com ele, o máximo que eu fazia era andar à beira-mar de Florianópolis, ir no shopping, ficar meia hora, uma hora, no máximo. Eu posso dizer que nós não nos curtimos, quando nós estávamos namorando. Foi uma coisa muito rápida, a gente não tinha tempo. Eu posso falar que eu não conheci ele quando namorado", e complementa: "...eu não tinha tempo, eu não tinha liberdade de ficar com ele"; Henrico explica: "... tinha o cachorro, tinha a minha prima, daqui a pouco alguma coisa que ela tinha que fazer."

Casaram, primeiro, apenas no religioso, e quando Marisa completou 21 anos, casaram-se no civil. Logo que casaram, o casal alugou um apartamento e lá ficaram por um pouco mais de seis meses, quando foi solicitado aumento de aluguel pelo proprietário, o que, segundo Henrico, inviabilizou a permanência no apartamento. Então, mudaram-se para a casa da mãe de Henrico e se encontram lá até hoje. Logo que foram morar com a mãe, não havia aposentos para eles, pois o irmão de Henrico também estava residindo com a esposa na casa da mãe. Marisa e Henrico dormiam, então, na sala. Foi com a saída do irmão e da cunhada da casa da mãe que Henrico e Marisa conquistaram um pouco mais de privacidade, pois passaram a ter um quarto. Mas, nesta época, Giseli, a filha do casal, já existia e ela também passou a dividir o quarto com eles.

A mãe de Henrico aceitou bem a entrada de Marisa para a família; havia alguma dificuldade de relacionamento entre o irmão de Henrico, sua esposa e Marisa.

Quando relatam a vida conjugal, principalmente Marisa, referem os seis meses que passaram no apartamento - a melhor fase de sua união. Um outro momento referido por ela como positivo foi a gestação de Giseli e, logo após, o nascimento dela. O casal

discorda do período em que ficaram sozinhos antes da decisão de ter filhos. Enquanto Henrico diz que levaram cinco anos até decidirem ter filhos, Marisa diz ser três anos e meio. Marisa conta que, quando descobriu que estava grávida, levou um "choque", pois a gravidez não havia sido planejada. Henrico comenta: "Eu fiquei muito faceiro na época, mais do que ela." Marisa justifica sua reação dizendo que não estava preparada, mas em seguida recuperou sua tranquilidade e começou a se satisfazer com o estado gestacional. Marisa diz: "Foi muito bom, eu chego a falar que eu sinto muita falta daquele tempo, quando eu paro para pensar, vejo as fotos. Foi uma época muito boa." O casal relata que, nesta época, a vida conjugal era mais tranquila, tinham mais tempo juntos, tinham lazer.

Quando Giseli estava com um ano, Marisa engravidou novamente. Ela conta que a notícia foi um baque para ela, que levou um tempo para assimilar. M: "Foi um choque, eu não estava aceitando, eu não queria,..., aí o dia que eu fiz a ecografia, que eu vi que eram gêmeos, eu comecei, ah!, eu gostei, né! Mas, eu posso te dizer que até os quatro meses eu fiquei bem naquela, eu não queria, mas eu nunca pensei em fazer nada, ... eu sempre quis ter uma gravidez de gêmeos." Aos seis meses de gravidez Marisa perdeu os bebês, e até hoje o casal não conseguiu explicar e entender o que levou isto a acontecer. Marisa relata este acontecimento com muito sentimento de tristeza e refere que, a partir deste momento, a sua relação com o Henrico mudou. M: "Foi aí que mudou tudo, parece que desabou a casa, tanto que eu fiquei totalmente diferente com ele, não era mais como era antes, porque não sei." Marisa e Henrico levaram bastante tempo da entrevista relatando este fato: ela falando do seu sentimento de tristeza e do desencantamento com o relacionamento, e ele sem falar nada de sentimentos e sem demonstrar qualquer impacto ou valorização das palavras de Marisa, detendo-se em

descrever todos os procedimentos médicos e a incompetência dos técnicos que acompanharam a situação.

A rotina do casal é demasiadamente envolvida com trabalho e estudo, Quase não convivem juntos. Marisa faz dois estágios e à noite estuda (sai às 6:00 da manhã e retorna às 23:00). Henrico trabalha todo o dia e Giseli fica na creche em turno integral. Marisa só tem uma folga por semana quando tem que colocar toda a limpeza e roupas em dia, não sobrando quase tempo para o lazer. Ela fala que se esforça para, pelo menos, levar Giseli à pracinha e que, às vezes, briga com Henrico para que ele distraia e passeie com a menina, enquanto ela toma conta das tarefas domésticas. Isto com frequência tem sido um dos motivos de briga do casal, pois, segundo Marisa, o marido não tem iniciativa para nada.

Nos últimos tempos, o casal tem se desentendido bastante; Henrico reclama que Marisa está sempre com uma "cara amarrada, está atacada", enquanto Marisa diz que Henrico é indiferente. Ele explica: "Quando ela tá atacada, eu fico quieto ou, quando eu tô atacado, ela fica quieta", Marisa logo rebate: "Eu quieta, imagina Henrico." Marisa explica que eles utilizam a agressão verbal mas quase não se desqualificam ou xingam: "A gente não se xinga, eu falo o que eu estou com vontade de falar, o que eu tô pensando, e ele fica quieto, isso é que o mais me irrita, porque eu não sei se ele está gostando ou não tá, ou o quê, agora mesmo a gente tá mais de cinco dias sem se falar. Eu tô numa boa com ele por causa da Giseli, lá em casa tudo é por causa da Giseli, em primeiro lugar eu tô pensando nela, porque por mim, se não tivesse a Giseli, eu não tava lá." O casal continua discorrendo sobre as dificuldades que encontram para discutir e se entender, referindo que Marisa grita muito e que não conseguem terminar a conversa até o final, Henrico conclui: "O tempo passa e aquilo acaba sendo esquecido e fica por isso,

e ela fica emburrada." Marisa, em outro momento da entrevista, revela o seu grau de frustração em relação a sua vida conjugal. Ela diz: "... eu estou com ele, porque eu não tenho outro lugar para ir morar, porque a minha infância foi muito ruim sem um pai, sem uma mãe, foi muito horrível." Neste momento, ela revela, também, o temor de não oferecer uma família para a filha; algo que ela não pôde ter; e parece que este sentimento é algo bastante forte e influente na manutenção de um casamento que é referido, o tempo todo, como insatisfatório.

Segundo o casal, não existe agressão física entre eles; houve um único episódio em que Marisa jogou uma panela de água fervente contra Henrico, mas esta não chegou a atingi-lo. Esta situação é utilizada para descrever o temperamento dos dois: ela é explosiva e ele é calmo e passivo; e este jeito de ser dele é o responsável por despertar a raiva e o descontrole de Marisa.

No que diz respeito aos ciúmes, este não existe por parte de ambos. Henrico é bastante liberal e permite, inclusive, que Marisa saia sozinha com seu grupo de colegas da escola. Marisa diz que ele age assim porque não gosta de sair. Esta impressão dela fica confirmada pelo próprio Henrico - quando questionados sobre lazer do casal, ele diz: "Difícil só nós dois, a maioria da vezes quando a gente sai, eu fico falando, e ela fica quieta, muda. Então, não vale a pena." O lazer em família é mais praticado, levam Giseli na pracinha, na Redenção, no Brique, no McDonalds. Entretanto, o casal reconhece que, atualmente, a rotina deles está muito empobrecida de lazer, em razão da carga excessiva de trabalho de Marisa; os finais de semana ficam dedicados a colocar a casa em ordem.

A vida sexual do casal é identificada por ambos como sendo difícil e como um dos aspectos que traz conflito e desentendimentos. Atualmente, estão há mais de ano

sem ter relações sexuais. Segundo Marisa, ele tem ejaculação precoce e não assume o problema, não tenta solucioná-lo. M: "Ele tem problema e ele diz que não tem problema, ele não se ajuda, não assume." Henrico justifica sua dificuldade como sendo fruto do estresse, do período de tensão e nervosismo, mas quando Marisa contrargumenta dizendo que desde que se conheceram ele é assim, fala que já procurou um médico, que chegou a tomar medicação e que acabou deixando de tomar por não ter percebido muita diferença, e, indiretamente, acaba responsabilizando Marisa dizendo: "O médico disse que, às vezes, a mulher é um bloco de gelo, e isso interfere." Marisa reclama que, quando as relações ocorrem, ele se satisfaz rapidamente e ela fica sem obter prazer.

A agressão na família extensa ocorria com bastante frequência quando o irmão de Henrico e a cunhada moravam na casa junto com eles. Marisa e a cunhada de Henrico, realmente, não se davam bem. Atualmente, as discussões no ambiente doméstico diminuíram bastante, apesar de Marisa dizer que, muitas vezes, sente-se agredida pela sogra quando esta interfere nas brigas conjugais. No que diz respeito às agressões entre os pais, Henrico refere que nunca presenciou agressão entre eles, pois o pai e mãe utilizavam a mesma forma que ele descrevera em relação a ele e a Marisa: "Quando o pai falava, quando um falava, o outro ficava quieto, ou quando a mãe falava o pai ficava quieto." Parece que Henrico entende que este jeito de lidar com as diferenças protege o casal de uma possível desavença ou ruptura.

No que tange a educação, a forma como os cuidadores ensinaram Henrico e Marisa, relatam histórias bem diferentes. Enquanto Marisa cresceu em ambientes familiares em que sempre se sentia muito ameaçada e hostilizada, onde a prática do castigo e da agressão física era muito utilizada, Henrico teve uma vivência bem

diferente. Apesar de ter sido uma criança muito levada, que, juntamente com seu irmão, realizava traquinagens diversas e perigosas, chegando a colocar fogo no sofá da casa, não se lembra de muitas situações em que foi penalizado com agressão física. Ele comenta: "Eu e meu irmão era o fogo e a gasolina, mas apesar disso o pai nunca bateu e a mãe eu lembro uma vez só."

Marisa e Henrico assumem posições bem distintas na educação de Giseli. Marisa é aquela que impõe limites, enquanto Henrico é liberal. Marisa chama atenção de Henrico relatando que Giseli está aprendendo a não ter respeito pelo pai, pois ela o agride física e verbalmente, tenta fazer de tudo para chamar a atenção dele e, quando não consegue através de brincadeiras perigosas, bate no pai com algum objeto. Neste relato de Marisa, fica claro que Giseli vem repetindo a conduta da mãe para com o pai; possivelmente, a menina irrita-se com a passividade e a indiferença do pai, tenta chamar atenção pela conduta e, quando percebe que não está obtendo sucesso, parte para a agressão verbal e física, assim como a mãe faz. Marisa conta que, muitas vezes, sente-se sobrecarregada: várias vezes ela está realizando uma atividade doméstica (limpando, lavando roupas, cozinhando), enquanto Henrico está vendo TV, e ela tem que largar o que está fazendo para corrigir ou repreender Giseli. Nestas ocasiões, algumas vezes, Marisa chega a bater na filha, mas se dá conta que a raiva maior não é fruto do comportamento de Giseli e sim da incapacidade do pai em administrar a situação. Apesar de Marisa utilizar a agressão física na educação da filha, diz que castigo é o que mais usa, tanto é assim que, muitas vezes, a menina se dá conta que fez algo errado e vai sozinha para "o cantinho do castigo." Henrico faz questão de salientar que a filha é muito independente e descreve todas as tarefas que a filha já sabe fazer sozinha: "Ela

sabe fazer cocô e xixi sozinha, se limpa, se veste, escova os dentes, seca a louça para a gente, está aprendendo a lavar a louça."

O casal refere que os motivos das brigas mantiveram-se os mesmos após o nascimento de Giseli, e Marisa frisa: "O motivo é a passividade dele." Entretanto, parece que, após o nascimento de Giseli, esta passividade de Henrique se tornou mais evidente e freqüente, pois agora está relacionada tanto ao papel de marido quanto ao papel de pai.

Na rotina de Giseli está incluída a figura da avó, que assume as tarefas de levá-la e buscá-la na creche, bem como ficar com ela e ajudar o filho a administrar a situação até a mãe, Marisa, chegar em casa. Henrico, às vezes, espera Marisa chegar para se recolher, às vezes não. Marisa refere que, quando pode, pede para sair mais cedo da escola e chega por volta das 21:30 em casa, podendo nestas ocasiões ficar um pouco com Giseli.

Quando questionados sobre expectativas para o futuro, o casal reage de maneira reticente. M: "O que eu posso te dizer do futuro? Não tenho nada para te dizer do futuro. Não sei. Esperança eu não tenho, posso até estar enganada...eu não sei." Henrico responde referindo aspirações profissionais, e, quando a pesquisadora redireciona a questão para a vida conjugal, ele diz: "Olha, eu até não sei. Acho que tem que deixar ver o que vai acontecer, não é fácil de prever. Ela é assim meio de repente, ela faz as coisas, daqui a pouquinho já se arrepende, sei lá eu."

3.2 Análise da Interação dos Casais

A segunda análise feita com as entrevistas dos casais foi a análise dos padrões de interação revelados durante a entrevista. Os padrões de interação do casal foram analisados através de quatro categorias de interação familiar criadas por Grotevant e Cooper (1986), adaptadas por Destri (1996), envolvendo as dimensões de individualidade e vinculação.

Grotevant e Cooper (1986), Hill e Holmbeck (1986) e Yoniss e Smollar (1985) definem o processo de individuação ou de autonomia sob uma perspectiva relacional, como um processo duplo de desenvolvimento da individualidade e da vinculação. De acordo com esta abordagem, no processo de desenvolvimento do indivíduo haveria tanto a continuidade, presente, por exemplo, no apego entre pais e filhos (constituindo o pólo da vinculação), quanto a descontinuidade, no que tange às rupturas do indivíduo com o seu sistema familiar, por exemplo, a escolha do parceiro (constituindo o pólo da individualidade).

Utilizando esta perspectiva, pretendemos compreender de que forma as interações reveladas pelo casal assinalam para o pólo da individualidade ou para o pólo da vinculação, que aqui trataremos de conjugalidade.

Cada dimensão possui duas categorias. As categorias para a dimensão da individualidade são a auto-asserção e a diferenciação; e as categorias para a dimensão de conjugalidade são a mutualidade e a permeabilidade.

A auto-asserção refere-se à consciência de responsabilidade do indivíduo do seu próprio ponto de vista, e a capacidade de comunicá-los de forma clara para as pessoas. A diferenciação é a habilidade de expressar diferenças entre o eu e o outro. A mutualidade é definida como a demonstração de sensibilidade e respeito às crenças e

sentimentos dos outros, e a permeabilidade é tida como a abertura do indivíduo para aceitação de novas idéias (Grotevant & Cooper, 1986).

3.2.1 Categorias de Interação

A análise das entrevistas dos casais foi desenvolvida a partir da observação das interações ocorridas entre o casal durante a entrevista. Verificaram-se três aspectos na interação, quais sejam: a direcionalidade (o indivíduo que assumia a palavra - dirigia-se ao cônjuge, ou apenas ao pesquisador, como se estivesse realizando uma entrevista individual), o conteúdo (o que dizia) e a forma (como foi dito). Estes três aspectos em conjunto indicaram os tipos de interação estabelecidos pelo casal e que podem ser mais objetivamente definidos em quatro atitudes: tomar a iniciativa de responder à questão do pesquisador (auto-asserção), discordar (diferenciação), construir idéias na relação com o outro (mutualidade), e concordar com o outro (permeabilidade). Estas quatro categorias constituem os pólos de individualidade e conjugalidade que são explorados neste estudo.

Abaixo descrevemos mais detalhadamente as situações pertencentes a cada categoria de análise.

Individualidade: foi avaliada a partir das categorias de auto-asserção e diferenciação.

Foi considerado auto-asserção quando:

- o indivíduo inicia a falar;
- pedido de esclarecimento à pesquisadora;
- emite opinião de forma vaga.

Foi considerado diferenciação quando:

- não concorda com a idéia explorada pelo outro;
- corrige o outro em algum aspecto de sua fala;
- desafia e/ou provoca o outro diretamente (- bem capaz!; - Isso é o que tu pensa!);
- desafia e/ou provoca o outro indiretamente (com olhares e expressões);
- não acata a solicitação do outro quando é chamado a participar do assunto explorado;
- reclama do outro.

A conjugalidade é analisada a partir das categorias de mutualidade e permeabilidade.

Foi considerado mutualidade:

- um dos cônjuges solicita esclarecimento ao outro;
- valoriza/elogia o outro;
- sintetiza a opinião do outro;
- menciona/reconhece a idéia ou sentimento do outro;
- responde à solicitação do outro, emitindo opinião;
- solicita a participação do outro diretamente/Pede para o outro falar;
- solicita a participação do outro com meios não verbais como olhares, sorrisos, dentre outros gestos;
- ajuda, estimula o outro membro a falar;
- fala sobre o outro ou sobre conteúdos que pertencem ao outro;
- complementa a fala do outro, considerando a opinião do outro em sua fala.

Foi considerado permeabilidade:

- concordar com o outro;
- incorporar a idéia do outro em sua opinião/repetir em outras palavras.

As entrevistas foram analisadas separadas em categorias temáticas. A cada categoria temos um escore indicando a frequência de cada cônjuge nas quatro categorias de interação, e, ao final da análise, produzimos o escore total, ou seja, de todas as categorias somadas. As categorias temáticas são: a história do casal, ciúmes e brigas no namoro, casamento, ciúmes no casamento, brigas no casamento, gravidez, rotina e expectativas para o futuro.

A seguir, será feita a apresentação da análise das interações dos cinco casais acompanhada da tabela com os dados sintetizados.

3.2.2 Síntese da Análise da Interação

Destacamos os dados da análise da interação já somados e sintetizados dentro dos pólos de individualidade e conjugalidade. As tabelas com os escores mais específicos encontram-se em anexo (ver Apêndice F). Na tabela abaixo, é feita uma comparação entre os casais no que diz respeito à individualidade e à conjugalidade, levando-se em consideração que, para chegar nos números descritos abaixo foram somados os escores obtidos pelas categorias de interação. Para o pólo da individualidade, as categorias de auto-asserção e de diferenciação; e para o pólo da vinculação, as categorias de mutualidade e permeabilidade. Após a apresentação dos dados nas dimensões de individualidade e conjugalidade, relacionaremos estes, de forma breve, com os conteúdos revelados durante a entrevista.

Tabela 7

Interação dos Casais

	Individualidade		Conjugalidade		Total	
C1	229	76%	75	24%	304	100%
C2	285	74%	102	26%	387	100%
C3	236	59%	164	41%	400	100%
C4	308	77%	90	23%	398	100%
C5	315	85%	57	15%	372	100%
Total	1373	54%	488	46%	1861	100%

A partir desta tabela, podemos estabelecer uma relação entre os casais e as dimensões de individualidade e conjugalidade. Podemos observar que o casal 1, o casal 2, o casal 4 e o casal 5 apresentam uma interação muito semelhante no que diz respeito à forma como se distribuem entre individualidade e conjugalidade. Nestes casais, a dimensão da individualidade está muito mais presente, havendo uma relação de dominância e definindo as interações com base nas questões individuais.

O casal número 3 parece ser o grande destaque, pois trata-se do único que obteve escores mais equilibrados dentro das duas dimensões (ind=59% e conj.=41%). Mesmo que ainda as verbalizações representativas de individualidade estejam em maior número, existe uma aproximação daquelas que representam a conjugalidade, revelando que este casal consegue alternar interações que atendam as necessidades individuais e as conjugais.

Analisando os dados da entrevista, vamos verificar que existem alguns dados que corroboram a informação obtida através da análise da interação. No que diz respeito aos casais representativos do pólo da individualidade, podemos dizer que o casal 1, Luciana e Fábio, é o casal que está recentemente adquirindo um caráter de casal,

construindo a sua conjugalidade, pois, como Fábio revelou, apenas de um ano para cá, preocupa-se em ser marido e pai. Por estar neste início, é um casal que realmente apresenta uma interação e funcionamento muito mais voltado para a individualidade do que para a conjugalidade.

O casal 2, Miro e Veruza, obteve verbalizações muito parecidas apresentando resultados semelhantes em cada categoria de interação. Nunca se separaram, mas já houve um episódio de violência física causado por ciúmes. Trata-se de um casal que, apesar de apresentar uma relação aparentemente harmoniosa, precisa criar espaços de convivência do casal.

O casal 4, Darlei e Cristina, possui uma relação turbulenta. Já se separaram várias vezes, já tiveram alguns episódios de violência física. Entretanto, parece que este casal caminha em direção a um entendimento, a uma aproximação. Dados, como o fato de adquirirem a sua casa própria e assumirem integralmente os cuidados do filho, reforçam a idéia de que estão se estruturando como casal. Apesar de um processo evolutivo em direção à conjugalidade, ainda há muitos conflitos e violência verbal que indicam a dificuldade de aceitar as diferenças entre eles e construir um espaço em comum.

O casal 5, Henrico e Marisa, é um casal que enfrenta uma crise conjugal séria; em vários momentos, a esposa verbalizou sua insatisfação com a relação indicando a possibilidade de separação. Eles quase não compartilham a vida; é como se apenas dividissem o mesmo teto, pois são raros os momentos em que estão juntos: ela voltada para o seu trabalho e estudo, e ele para as suas atividades - nem mesmo o papel parental é compartilhado. Neste sentido, parece sensato que eles tenham tido o número de verbalizações mais expressivas, entre os casais, de individualidade.

O casal 3, Mariana e Gil, é aquele que apresentou níveis de interação mais equilibrado dentro das dimensões de individualidade e conjugalidade. Podemos dizer que os dados da entrevista corroboram com esta percepção, pois trata-se de um casal que preserva a vida a dois; eles conservam vários momentos na sua rotina que é apenas do casal. A atividade sexual é intensa, e ambos demonstram muito prazer em estar juntos. Em nome do que é do casal, muita vezes o individual se perde. A esposa parece ser aquela que busca o espaço conjugal com maior veemência, revelando, em alguns momentos, dificuldade de aceitar os espaços individuais do marido.

Ao relacionar o funcionamento conjugal dentro dos pólos de individualidade e conjugalidade e o uso da violência conjugal, reforçamos a posição de que casais que apresentam as duas dimensões de forma mais equilibrada não utilizam a violência física em sua interação. Dos cinco casais entrevistados, quatro deles referiram ter utilizado a violência física em algum momento de sua história (casal 1, 2, 4 e 5). Apenas o casal 3 não referiu qualquer episódio de violência física. Assim, o conteúdo da entrevista confirma o resultado obtido pela análise da interação.

Os dados apresentados nas categorias temáticas não foram significativos a ponto de podermos fazer qualquer relação entre os temas tratados e as dimensões de individualidade e conjugalidade. De qualquer forma, eles se encontram em anexo para aquele leitor que queira visualizar a produção de cada casal em cada uma das categorias temáticas.

Outra tentativa de leitura dos dados foi através da linha do tempo. Separamos as categorias representativas do passado, do presente e do futuro e condensamos os seus dados, mas não obtivemos qualquer resultado que pudesse relacionar os diferentes

momentos da história do casal com o seu funcionamento dentro das dimensões de individualidade e conjugalidade.

Uma última leitura dos dados foi separando os resultados por sexo, mas também não houve resultados que pudessem relacionar o sexo feminino ou masculino com as produções verbais representativas das dimensões de individualidade e conjugalidade. Entretanto, ao realizar esta análise, pudemos observar que as produções de cada membro do casal (homem e mulher) são muito semelhantes, tanto em número como no tipo de verbalizações (individualidade e conjugalidade). Esta observação confirma a idéia de que as relações conjugais se dão entre membros que possuem a mesma condição emocional, em indivíduos que apresentam uma certa simetria entre a capacidade de se fundir e de se diferenciar (Bowen, 1991 e Nichols & Schwartz, 1998). A seguir apresentamos a tabela:

Tabela 8

Interação dos Casais por Sexo

Caso	Individualidade				Conjugalidade				Total	
	Ele		Ela		Ele		Ela		Ele + Ela	
C1	124	41%	105	35%	31	10%	44	14%	304	16%
C2	136	35%	149	39%	53	14%	49	13%	387	21%
C3	100	25%	136	34%	79	20%	85	21%	400	21%
C4	137	34%	171	43%	42	11%	48	12%	398	21%
C5	140	38%	175	47%	26	7%	31	8%	372	20%
Total	637	34%	736	40%	231	12%	257	14%	1861	100%

IV DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo investigar a dinâmica interacional de casais na fase conhecida como casais com filhos pequenos, identificando de que forma as dimensões de conjugalidade e individualidade se apresentam e como estão relacionadas com o uso da violência na relação conjugal.

Para tanto, utilizamos a análise com dois enfoques: análise de conteúdo das falas dos casais e análise da interação. Na análise da interação, fizemos uma adaptação do estudo de Destri (1996), transpondo as categorias originalmente utilizadas em estudo com famílias para este estudo com casais.

Partiremos, a seguir, para a análise dos casos, explorando, inicialmente, os aspectos singulares de cada caso para, em seguida, tratar dos comuns, tentando explorar os pontos que se destacaram, traçando um paralelo entre os casos estudados e fazendo uma comparação dos dados obtidos da análise de conteúdo das falas e os da interação.

Desenvolveremos a discussão, tanto dos aspectos singulares como dos comuns, em três eixos, quais sejam: 1) A conjugalidade e individualidade do casal; 2) A violência como reguladora de distância; 3) A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência.

4.1 Aspectos Singulares

4.1.1 Caso 1 - Fábio e Luciane

4.1.1.1 A individualidade e conjugalidade do casal

O casal Fábio e Luciane chamam atenção pela forma como se apresentam; não parecem formar um casal. Ao longo da entrevista, confirmamos nossa primeira impressão de uma conjugalidade pouco desenvolvida, que fica evidenciada através da interação entre eles e dos conteúdos abordados. Fábio conduz a entrevista praticamente sozinho e não demonstra qualquer interesse nas breves manifestações de Luciane. O desequilíbrio na interação fica evidenciado na forma como o casal enfrenta a situação de entrevista, com um esforço para um se ajustar ao outro, criando uma sensação de desconforto facilmente observável (Kerr & Bowen, 1989). As situações relatadas por eles, a iniciar pela decisão de ficar juntos e culminando na auto-exclusão de Fábio do convívio familiar, confirmam uma dinâmica interacional desequilibrada, com um incremento da dimensão da individualidade e um empobrecimento da dimensão da conjugalidade. Esta dinâmica destacando o pólo da individualidade também ficou evidenciada na análise da interação.

Fábio e Luciane não tiveram a oportunidade de desenvolver juntos as expectativas que tinham da união. Casaram-se às pressas, em seguida enfrentaram mudança de cidade, e a necessidade de sobrevivência impôs um distanciamento do casal, pois ficavam pouco tempo juntos. Não tiveram o tempo e o espaço necessários para investir na conjugalidade. Em seguida, veio João Pedro, ocupando todo o espaço que existia na casa, ou seja, ocupando a solidão de Luciane e impondo a Fábio as responsabilidades do papel de pai. O envolvimento excessivo de Luciane com João Pedro e a dificuldade de Fábio sentir-se capaz de ser pai criam uma situação difícil de

tolerar, um distanciamento maior do casal, que conduz Fábio ao envolvimento sério com álcool e drogas.

Fábio teve dificuldade em assumir o papel de pai, conforme seu próprio relato, apenas agora, quando João Pedro conta com dezoito meses, estaria assumindo sua paternidade. Segundo Stern (1997), esse atraso por parte de um dos pais pode colocar o casal num clima de pouca sincronia, gerando uma fonte potencial de conflito. Apesar da pouca verbalização do casal a respeito, percebemos que esta situação de descontentamento existe na relação de Fábio e Luciane. Na entrevista isto pode ser percebido quando Luciane diz querer, no futuro, um marido e pai mais presente, revelando sentir-se frustrada em suas expectativas em relação a Fábio, como marido e como pai. Nesta verbalização, Luciane demonstra perceber que a conjugalidade em seu casamento está diminuída e que precisa que esta se reforce para garantir a sobrevivência do casal e da família.

O empobrecimento do pólo da conjugalidade fica evidente quando o casal fala da vida sexual, que neste momento é quase inexistente. Acreditamos que a dificuldade sexual deste casal não é consequência apenas da etapa de vida que estão passando, como está previsto na literatura (Carter & McGoldrick, 1995; Stern, 1997), mas também do afastamento de Fábio pelo envolvimento com drogas e álcool. Podemos dizer que a ausência de vida sexual simboliza a fragilização da dimensão da conjugalidade.

O funcionamento conjugal estabelecido por Luciane e Fábio cria uma dinâmica em que o que impera é o pólo da individualidade. Tanto Luciane como Fábio conduzem suas vidas ainda com base nas suas crenças e necessidades individuais, não parecem compartilhar seus planos, valores e forma de enfrentamento do cotidiano, e parece que o incremento da conjugalidade ainda vai demorar, pois o casal não reserva tempo para

conviver e desfrutar da companhia do outro. A convivência entre eles não faz perceber a presença do outro, não fazem mudanças para incorporar o outro em sua vida, principalmente Fábio, que cria seus compromissos e rotina com base apenas nas próprias necessidades, sempre tendo como referência a sua individualidade.

O desejo de cada membro do casal, verbalizado ao final da entrevista quando falam em expectativas para o futuro, revela o quanto estão distantes um do outro, pois possuem projetos opostos. Enquanto Luciane fala do desejo de ficar na cidade grande, Fábio fala de ir para uma cidade pequena, mais tranqüila. Entretanto, reconhecemos na fala de Fábio uma preocupação em investir no pólo da conjugalidade, quando fala em querer oferecer uma qualidade de vida melhor para sua família e uma infância melhor para o seu filho.

Os planos de Luciane de investir na sua educação, revela o desejo de incrementar a sua individualidade, enquanto os planos de Fábio revelam a intenção de aumentar a conjugalidade. Parece, que neste momento, existe uma falta de sincronia do casal em desejar aproximação e distância (Kerr & Bowen, 1988) e isto pode estar associado à dificuldade de conquistar uma interação mais equilibrada.

Durante a entrevista, o casal revela que há um desgaste na relação sogra e nora, e que isto ocorre porque uma tenta desautorizar a outra nas funções da casa. Percebe-se, portanto, que existe um triângulo em que há coalizões que se alternam, ora Fábio se liga à mãe contra Luciane ora é com a esposa que faz a aliança. A triangulação que aproxima Fábio de sua mãe faz Luciane sentir-se ameaçada no envolvimento com o seu cônjuge (Haley, 1989), e esta triangulação passa a ser outro aspecto que fragiliza a conjugalidade do casal.

O estresse contínuo a que o sistema conjugal está submetido, pelo envolvimento de Fábio com álcool, drogas e jogo, faz-nos pensar que o nível de ansiedade alto nesta relação é uma realidade constante. Desta forma, a ansiedade estaria contribuindo para o desenvolvimento de uma interação mais voltada para a individualidade, ou seja, a ansiedade está sendo absorvida no relacionamento do casal, criando uma interação de restrições no envolvimento emocional e no envolvimento físico (Kerr & Bowen, 1988).

4.1.1.2 O uso da violência como reguladora de distância

Luciane e Fábio estão vivendo em uma relação em que predomina a individualidade e a conjugalidade está diminuída. Esta interação conjugal cria um descontentamento com o relacionamento em que os membros não conseguem controlar a reatividade emocional. Assim, são comuns as discussões em que nomes que desqualificam a imagem de cada um se faz presente. As respostas emocionais são inadequadas, e algumas vezes, como se pode observar no relato do casal, perde-se o controle das emoções e da situação, partindo para a violência física (Bowen, 1991).

Cervený (1994) destaca que os indivíduos que fazem uso da violência são desmedidos na regulação de suas emoções, afetivamente dependentes e sentem-se constantemente inseguros acerca de sua própria identidade, manifesta ou latente. Todos estes aspectos apontados por ela parecem estar presentes nos membros deste casal.

Fábio mencionou na entrevista que a forma como vem agindo na relação conjugal e familiar, excluindo-se e omitindo-se, não deixa de ser uma violência contra os seus familiares. A constante ansiedade e preocupação a que Fábio expôs Luciane quando não retornava para a casa, ou quando ficava em estado alterado de consciência

pelo uso excessivo de álcool e/ou de drogas, é percebido por ele como uma atitude de violência. Nesta verbalização, Fábio parece perceber que a sua ausência desestabiliza o sistema conjugal, gerando um desequilíbrio na direção da individualidade. As manifestações de Luciane após os episódios de ausência de Fábio, queixando-se e brigando com ele, são uma forma de tentar trazê-lo de volta para a relação. Neste caso, a violência psicológica e a verbal surgem como uma tentativa de recuperar a relação conjugal.

Quando Fábio prioriza as suas necessidades de liberdade e de uso de substâncias psicoativas, reforça a dimensão da individualidade e fragiliza a dimensão da conjugalidade, despertando raiva e desesperança em Luciane, que passa a desenvolver um questionamento se deve ou não continuar investindo na relação.

O fato de Luciane ser insegura e estar com a vida pessoal empobrecida, criando uma relação de dependência de Fábio, provavelmente estimule os aspectos não controláveis e violentos dele, instalando-se uma interação violenta (Perrone,1988). Outros autores confirmam esta relação entre interdependência e a violência, apontando a dependência interpessoal como um fator de risco na dinâmica motivacional da violência conjugal (Murphy, Meyer & O'Leary, 1994; Rathus & O'Leary, 1997). O que podemos perceber a partir da interação e história deste casal é que a violência é um comportamento ativado pelo desequilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade.

Neste casal o uso mais frequente de violência é o psicológico. Ocorreu apenas um episódio de violência física entre eles, quando Fábio retornou para casa em estado alterado de consciência, revelando ter estado com outra mulher. Nesta situação a individualidade ganha tanta intensidade que gera ameaça à conjugalidade, pois surge a

presença de outra mulher. Em uma situação importante de ameaça ao equilíbrio da interação, o sistema emocional toma conta da situação, pois a ansiedade gerada pelo medo de perder a conjugalidade conduz o casal à perda de controle das emoções (Kerr & Bowen, 1988). Nesta situação, a violência é ativada como um mecanismo regulador de distância, surgindo como uma manifestação exagerada de reatividade emocional (Bartle & Rosen, 1994), para resgatar a conjugalidade.

Indivíduos que fazem uso de violência entram num funcionamento de alto estresse, acompanhado de falta de manifestação de afeto e prevalecente degradação dos membros envolvidos na interação, casal ou família (Fishman, 1997). Na interação de Luciane e Fábio identificamos estes aspectos; a ausência de carinho e sensibilidade nesta família parece ser o principal aspecto que poderá desencadear novas situações de violência, seja de ordem psicológica ou física.

4.1.1.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência

Acompanhando a história do casal começamos a desenvolver um entendimento sobre a construção do desequilíbrio conjugal em favor da individualidade. A primeira questão que nos chama atenção é o fato de Fábio ter sido o único filho de uma relação irregular em que o pai não se fez presente. O seu relato de convivência com a mãe demonstra um envolvimento emocional intenso, pois a mãe participa das decisões de sua vida e compartilha o dia-dia de Fábio e do casal. Parece que este envolvimento se excedeu tanto que Fábio agrediu a mãe, quando era adolescente, em uma tentativa de

recuperar a sua individualidade (Bartle & Rosen, 1994), quando esta tentava impor o seu ponto de vista através da agressão.

É na família que ocorre o desenvolvimento da capacidade de se conectar e se individualizar nas relações íntimas (Minuchin, 1982). Podemos pensar que as interações familiares de Fábio geraram experiências que reforçaram a individualidade. A ausência da figura paterna parece despertar em Fábio a vivência de autonomia e separação precocemente, tornando mais fortes aspectos que pertencem à dimensão da individualidade. O grupo familiar fragilizado não parece ter proporcionado oportunidades para Fábio desenvolver o pólo da mutualidade, ou vinculação.

Ao analisarmos a história da família de Luciane, também nos deparamos com a idéia de fragilidade do sistema familiar que impede o desenvolvimento da capacidade de conexão do indivíduo. O fato de Luciane ter ido morar com seus tios com a justificativa de estudar, sem ter cumprido este compromisso, remete-nos à idéia de desejar pertencer a um outro grupo. Outro ponto da entrevista que nos chamou a atenção é o fato de os pais de Luciane, nas brigas do casal, ficarem a favor de Fábio, desconsiderando, assim, as razões e sentimentos de Luciane. Estes dados nos sugerem uma falta de envolvimento emocional dos membros da família.

Sabemos que a exigência de uma nova dinâmica interacional pode reeditar antigos conflitos (Bowen, 1991); assim a chegada de João Pedro pode ter conduzido a interação do casal ao padrão de interação das famílias de origem, com um desequilíbrio em favor da dimensão da individualidade.

O uso da violência nas relações íntimas parece ter sido um padrão de interação aprendido nas famílias de origem, pois tanto Luciane como Fábio referem ter experienciado a violência no ambiente familiar. No que diz respeito ao uso da violência

nas interações conjugais, Luciane diz ter presenciado a violência física de seus pais e Fábio refere que os pais enfrentaram conflitos referentes à pensão alimentícia, o que levou o pai de Fábio a usar de violência psicológica (ameaças) contra a mãe. O casal estaria reproduzindo um modelo aprendido em suas famílias de origem (Fishman, 1997), modelo este que inclui a agressão verbal, psicológica e física.

4.1.2 Caso 2 - Miro e Veruza

4.1.2.1 A individualidade e conjugalidade do casal

O casal Miro e Veruza revelaram harmonia tanto na forma como se apresentaram como no conteúdo que verbalizaram. Participaram da entrevista de forma equilibrada, construindo as respostas conjuntamente e aceitando os pontos de discordância que surgiram. A primeira impressão é que se trata de um casal com uma dinâmica interacional equilibrada, mas ao longo da entrevista passamos a ter uma maior compreensão e acesso a alguns dados que nos fazem compreender os resultados da análise da interação, que revelou um predomínio da dimensão da individualidade em relação à conjugalidade.

A história do casal, de namoro e decisão de ficar juntos deu-se rapidamente e com a intervenção da família de origem no sentido de cobrar uma formalização da relação. Após a união, o casal mudou-se para Porto Alegre, enfrentando dificuldades financeiras e de adaptação. Moraram com parentes por um período. Todos estes fatos parecem ter contribuído para o início de uma interação conjugal com pouco espaço para a conjugalidade. A partir do momento em que o casal se muda para a sua própria casa,

começa um incremento da conjugalidade; eles começam a fazer planos em comum, a estabelecer uma rotina e decidem ter filhos.

A transição para a parentalidade se constitui um marco no fortalecimento do pólo da conjugalidade. Parece que o nascimento de Matheus cria uma atmosfera de intimidade e envolvimento, que fortalece a união, além de que o exercício da parentalidade introduz novos vínculos (os de pai), fazendo com que os velhos elos (os de filho) fiquem deixados de lado (Haley, 1989). O nascimento de Matheus parece selar a união do casal. A trajetória de passar por tratamento para engravidar e, após onze anos, obter esta conquista parece dar mais força ao casal, reforçando o pólo da conjugalidade. Este entendimento está calcado no relato do casal, que refere ter melhorado a relação após o nascimento de Matheus, bem como de terem diminuírem as brigas. Além disto, a adaptação à nova fase de vida parece ter sido tranqüila; estavam preparados para as mudanças que ocorreram e revelam que conseguiram administrar bem a organização de suas vidas de modo a atender às necessidades individuais e conjugais de cada membro do casal. Ambos dividem as tarefas de cuidados com Matheus. Miro surpreende, pois é bastante participativo nos cuidados do filho, diferenciando-se do seu modelo paterno.

Percebemos que este casal consegue manter a individualidade dos cônjuges preservada. Dentro dos espaços individuais, identificamos o de Miro: quando ele sai para ficar com seus amigos e o de Veruza: quando ela fica em casa sozinha para descansar (aos sábados). Também reservam um espaço para o lazer em família, que normalmente ocorre aos domingos. O único espaço que está empobrecido é o conjugal, e isto é reconhecido pelo casal, que refere ter raros momentos a dois, por não terem com quem deixar Matheus.

Apesar de reconhecer que o espaço conjugal está muito restrito, o casal não revela os sentimentos que estão associados com este fato, bem como não revelam qualquer movimento na tentativa de modificar esta realidade. Em suma, o casal parece estar acomodado a esta situação que estabelece uma dinâmica relacional desequilibrada, tendo o pólo da individualidade em evidência.

A dificuldade de reconhecer os pontos fracos da relação, que estão mais ligados à convivência do que à comunhão de pensamentos e expectativas, revela um empobrecimento da conjugalidade. Parece que a negação desta realidade conjugal se dá como uma forma de se proteger de possíveis ameaças às expectativas de proteção e segurança de cada membro do casal (Andolfi & Angelo, 1989). Esta compreensão nos sugere uma dificuldade do casal de se distanciar das histórias de suas famílias de origem, histórias estas marcadas pelo rompimento da relação conjugal. O fato de ainda estarem envolvidos emocionalmente com as suas vivências nas famílias de origem está impedindo este casal de construir uma vida conjugal mais rica, pois a dificuldade de encarar as dificuldades, por medo de vir a reproduzir o modelo familiar, impede que eles evoluam na sua interação conjugal.

Ao encerrar a entrevista, o casal demonstra o desejo de manter a relação conjugal justamente como está; novamente, reforçam a necessidade de se sentirem harmonizados na relação. Veruza, revela o "fantasma" que a assusta, na verbalização: "Espero que a gente continue se dando bem prá criar ele juntos." O medo da separação e a conseqüente criação do filho apenas por um cônjuge novamente se mostra algo importante no funcionamento deste casal. Parece que este é o seu ponto mais frágil, por conectá-los diretamente com suas famílias de origem, tratando-se do apego emocional

não resolvido que não permite a total diferenciação das mesmas (Nichols & Schwartz, 1998).

A vida sexual do casal se vê prejudicada pela dificuldade que encontram de ter privacidade. O fato de terem sua vida sexual diminuída poderia ser encarado com tranquilidade, já que a diminuição das relações sexuais é tida como algo inerente a esta fase do ciclo vital, pois o envolvimento com inúmeras responsabilidades, cuidado com o filho, trabalho, administração da vida doméstica, preenche o convívio da família e diminui o espaço para a intimidade e o diálogo privado (Stern, 1997; Carter & McGoldrick, 1995). Entretanto, o casal Miro e Veruza não revelam os sentimentos que acompanham esta situação: frustração, abandono e rejeição - como se as privações sexuais não desencadeassem qualquer sentimento negativo. A escassa vida sexual deste casal é mais um dado que nos sugere um empobrecimento da conjugalidade.

4.1.2.2 O uso da violência como reguladora de distância

O casal Miro e Veruza não utilizam a agressão física na interação e raramente utilizam a agressão psicológica. Ocorreu um único fato em que Veruza agrediu Miro por ciúmes. Entretanto, esta situação ocorreu no início da relação; após algum tempo de convivência estabeleceu-se uma dinâmica interacional mais equilibrada, que permite a este casal relacionar-se sem precisar lançar mão de atos violentos. Parece que hoje o casal consegue funcionar racionalmente, sem a inclusão de reatividade emocional exagerada (Bowen, 1991).

Este casal refere que o convívio permitiu estabelecer uma relação de respeito e confiança, estabelecendo um funcionamento conjugal harmonioso, em que há o controle

das emoções, pois ambos sentem-se seguros na relação. Eles utilizam o diálogo como ferramenta básica na estruturação da interação conjugal (Bowen, 1991).

4.1.2.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência

A história familiar de Miro e Veruza apresenta algumas semelhanças. Tanto ele como ela citaram terem tido apenas um adulto responsável pela sua criação; ele falou da avó e ela da mãe. Ambos passaram pela separação dos pais; na família de Veruza o pai ainda coabitou com a família por mais cinco ou seis anos; na família de Miro, a mãe foi morar com a avó materna, e esta assumiu o papel parental, mesmo tendo a mãe residido junto. Ambos, então, tiveram duas pessoas que representavam o papel parental, Veruza (mãe e pai) e Miro (avó e mãe), mas, efetivamente, apenas uma assumia este papel.

A compreensão citada acima leva-nos a pensar que as relações primárias de Miro ofereceram períodos de muita fragilidade e insegurança, pois após a separação dos pais, ele parece ter sofrido duplo abandono. O pai nunca mais o procurou, tendo perdido completamente o contato. A mãe esteve fisicamente presente, mas parece ter contribuído muito pouco na sua formação e educação. Entretanto, observa-se que a figura da avó foi muito significativa na vida de Miro: é a ela que ele refere como "mãe" e "pai", mostrando uma admiração por este membro familiar e indicando tratar-se do vínculo mais representativo no seu processo de desenvolvimento.

A história de Veruza também nos remete a alguma dificuldade nas relações primárias. A relação difícil entre os pais lhe expôs precocemente a situações de violência conjugal, criando uma aproximação com a figura da mãe (tida como vítima) e

um afastamento da figura paterna (tido como agressor). Estas representações de agressor e vítima ficam evidenciadas nas seguintes falas: "...quando eu tinha uns cinco ou seis anos eu lembro que eu era pequena, ele chegava em casa, me botava no colo, me pegava, quando eu olhava prá ele e via que era ele, eu começava a chorar..."; "O meu pai só uma vez me bateu..., foi a única vez, porque sempre a mãe tava por perto e não deixava."

Parece que, por algum tempo, o casal viveu sob um esquema de relacionamento determinado por padrões da família de origem. A fala em que Veruza diz que chegou até a pensar que o marido teria outra mulher, mas que com o tempo foi se dando conta que não era esta a realidade em que vivia, mostra que o casal vinha importando das famílias de origem um modo de funcionamento que estabelecia um desequilíbrio em direção à individualidade.

Entretanto, parece que este casal, ao longo da interação conjugal, desenvolveu uma interação mais equilibrada, conseguiram estabelecer mais intimidade e, com isto, o equilíbrio entre a separação e a união passou a se dar diferentemente (Whitaker, 1995). A atitude de violência física de Veruza contra Miro pode ter sido o início do reforço da dimensão da conjugalidade, pois segundo ela, o ato de agressão física permitiu que ela se desse conta de que o espaço individual de Miro não ameaçava o espaço conjugal.

Tanto Veruza como Miro tiveram contato com a violência conjugal nas suas famílias de origem. Veruza esteve exposta por mais tempo e de forma mais intensa. Além da violência entre os pais, Veruza e Miro experimentaram a violência em sua educação, como forma de estabelecer limites. A partir deste histórico, podemos compreender que o casal esteve bastante exposto à violência como padrão de interação em suas famílias de origem e que, apesar disto, conseguiram transpor o modelo

aprendido e estabelecer uma dinâmica interacional mais evoluída, com maior controle das emoções e sem uso de violência.

4.1.3 Caso 3 - Mariana e Gil

4.1.3.1 A individualidade e conjugalidade do casal

O primeiro ponto a destacar do casal Gil e Mariana é a forma como este casal se apresenta para a entrevista. A disponibilidade em participar, antes mesmo da data prevista, já revela um nível de funcionamento em que a ansiedade está controlada.

O casal revela um discurso comum frente às perguntas da pesquisadora. Em alguns momentos, chegam até a assumir as respostas que dizem respeito ao outro, dando a idéia de que o conteúdo que pertence ao outro está incorporado de tal forma que chegam a se apropriar dele. Esta atitude de ambos revela uma conjugalidade expressiva, em que o "nós" é algo presente e de igual teor para ambos (Carneiro, 1996). Apesar de esta conjugalidade se fazer presente, também se observa que, em alguns momentos, um dos membros do casal assume, de forma mais enfática, as respostas da entrevista. Nestes momentos, parece que a individualidade predomina sobre a conjugalidade. Pudemos observar que é Mariana quem manifesta mais a individualidade na entrevista, mas mesmo nestes momentos a conjugalidade não se perde, pois após esclarecer a Gil o que a pesquisadora estava questionando, eles retomam juntos as respostas. Esta flutuação na interação conjugal, em que ora a conjugalidade se destaca e ora a individualidade, revela que o estado de equilíbrio da interação é algo dinâmico, com constantes ajustamentos (Kerr & Bowen, 1988).

Mariana e Gil são um casal que preserva a conjugalidade e a individualidade, estando ambas presentes na relação (Carneiro, 1996). No que diz respeito à individualidade, a atividade profissional parece ser a responsável pela preservação e pelo enriquecimento da vida pessoal de cada um. Quanto ao aspecto da conjugalidade, identificamos que Gil e Mariana conservam um espaço para o casal e um espaço para a família. É durante a semana que reservam um momento para conversar e para namorar e nos finais de semana, fazem atividades que incluem todos os membros da família. Outro ponto que protege e fortalece a conjugalidade é a vida sexual do casal que, segundo eles, se mantém intensa, e ambos demonstram ainda sentir interesse pelo outro. A vida social, que no namoro parecia mais rica, por hora parece um pouco empobrecida, pois o casal elege programas em que apenas a família participa. Nesta área, a individualidade de ambos está diminuída em detrimento da conjugalidade.

Todas as informações citadas acima, além dos dados obtidos na análise da interação, fazem-nos concluir que este casal desenvolveu uma dinâmica interacional em que as dimensões de individualidade e conjugalidade estão equilibradas.

Na história do casal, quando os cônjuges referem o motivo que os levaram a escolher um ao outro, conseguem levantar os pontos que os aproximaram. Este casal reconhece o que os une, consegue revelar um ao outro admiração sem sentir-se ameaçados por isto. Tiveram um namoro tranquilo, em que houve investimento no lazer e na vida social, iniciando o desenvolvimento da conjugalidade. Os dois permaneceram alguns anos sozinhos antes da chegada da filha, o que também permitiu o incremento e reforço do pólo da conjugalidade.

Quando o casal se refere a fase de adaptação com a chegada de Rúbia, revela terem vivido uma instabilidade conjugal. A entrada de um terceiro na relação dual criou

um certo estranhamento e afastamento entre Mariana e Gil, que pode ser considerado normal, já que com a chegada do bebê inicia-se uma nova fase no ciclo de vida familiar, que exige a flexibilização de funções e papéis já existentes (Carter & McGoldrick, 1995). Pelo relato de Gil e Mariana, eles conseguiram enfrentar esta crise evolutiva, adaptando-se às circunstâncias novas. Parece, portanto, que este casal conseguiu restabelecer uma interação conjugal, preservando as dimensões da individualidade e conjugalidade.

Mesmo estando em uma interação conjugal que, no momento, apresenta-se equilibrada, é importante assinalar alguns pontos da história conjugal que podem indicar algumas fragilidades na relação e estrutura conjugal. A dificuldade do casal em verbalizar as suas perdas parece ser uma delas. Os inúmeros abortos que Mariana sofreu apenas são comentados pelo casal sem qualquer manifestação emocional, ou mesmo verbal, que levantasse a suspeita de que se tratou de um período difícil e de projetos frustrados. A dificuldade de verbalização das emoções e dos sentimentos que acompanham fatos e situações importantes de vida parecem deixar um espaço vazio nesta relação.

Mariana talvez não verbalize estes conteúdos negativos por medo de reproduzir uma relação próxima daquela que presenciou na sua infância com sua família de origem, em que situações de perda se fizeram muito presentes. Gil transmite a sensação de não falar sobre estas questões, pois assim se mantém menos envolvido com a relação (Kerr & Bowen, 1988). Ele parece temer perder sua individualidade, e falar sobre situações importantes da vida, conectar-se com as emoções ligadas a elas seria como se estivesse envolvendo-se ainda mais, investindo no pólo da conjugalidade. Desta forma, entendemos que esta seria uma estratégia de manutenção da individualidade de Gil.

É Mariana quem vai para a casa de Gil quando passam a morar juntos, é Mariana quem consegue verbalizar o que espera da relação conjugal em termos de expectativas e frustrações, ou seja, é ela a maior responsável pela construção do "nós". São nestas situações que ela assume o comando, e Gil se retrai. Gil introduz algumas situações em sua rotina que o protegem da conjugalidade imposta por Mariana. Identificamos algumas formas utilizadas por Gil para manter sua individualidade: são as conversas pós-expediente com amigos e algumas saídas sozinho com amigos. Mariana reclama que apenas ele tem direito a estas saídas, mas não busca este espaço individual, querendo, sim, anular o espaço que ele possui. O desejo grande de Mariana de constituir uma família, de sentir-se pertencendo a algum grupo pode constituir um risco na relação conjugal e familiar, pois luta tanto por suas expectativas e objetivos que acaba anulando ou não investindo em descobrir as expectativas do outro, tentando restringir os espaços individuais em favor dos espaços conjugais. Talvez o que nutra as investidas de Mariana contra as manifestações de individualidade do marido seja a idéia de que em uma interação conjugal satisfatória a dimensão da conjugalidade tem que ter mais evidência do que a da individualidade.

Em alguns pontos da entrevista, o casal diverge nas opiniões. A adaptação no convívio a dois e o tempo de duração das brigas são os assuntos em que esta falta de concordância aparece mais declarada. Acreditamos que manter pontos de vista diferentes sobre um mesmo tema é uma forma de preservar a individualidade de cada um. Mas é importante lembrar que Mariana tenta diluir esta diferença de opiniões, como se isto pudesse representar algum perigo para a conjugalidade deles. Quando falam das brigas, ela tanto insiste em discordar da opinião de Gil e de não aceitá-la que ele acaba revendo o seu ponto de vista e manifestando uma idéia mais próxima daquela aceita por

Mariana. Novamente Mariana faz uma pressão contra manifestações que reforcem a individualidade de Gil.

4.1.3.2 O uso da violência como reguladora de distância

Identificamos alguns aspectos da relação de Mariana e Gil que podem ser considerados os pontos fracos do relacionamento conjugal. Destacamos as investidas de Mariana na tentativa de anular a individualidade dela e de Gil; as crises de ciúmes que se fazem uma constante desde o namoro; as dificuldades na comunicação, por falta de verbalização e incongruência.

Compreendemos, entretanto, que até o momento, Mariana e Gil conseguiram aproveitar satisfatoriamente o espaço conjugal no sentido de se enriquecerem e evoluírem, permitindo-se experimentar a intimidade. Conseguiram constituir um equilíbrio entre a união e a separação, ou entre a proximidade e a distância (Whitaker, 1995) ou, melhor, entre a individualidade e a conjugalidade. Parece que, por hora, estas questões não têm impedido o casal de estabelecer uma dinâmica equilibrada, mas como este é um processo dinâmico, ficam assinalados os pontos que podem gerar ansiedade no sistema e, conseqüentemente, mudanças na interação (Kerr & Bowen, 1988).

Caso Mariana e Gil continuem o seu processo evolutivo, a interação voltar-se-á, cada vez mais, para o estado de equilíbrio, estabelecendo uma relação madura em que exista o respeito à individualidade de cada membro do casal, bem como a preservação de um espaço coletivo, conservando a idéia de grupo, transitando, assim, com tranquilidade pelas dimensões da individualidade e conjugalidade (Carneiro, 1996). Neste caso, o casal manter-se-á com trânsito livre na eleição de como e de que forma

desejam interagir, pois a razão continuará controlando as emoções e, neste caso, a violência não surgirá.

4.1.3.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência

O histórico familiar de cada cônjuge permite que façamos uma compreensão maior do funcionamento deste casal. A família de Gil parece tratar-se de uma família tradicional, na qual o casamento é tido como algo importante a ser preservado. Este entendimento é feito a partir dos dados de que os pais de Gil mantiveram-se casados por 25 anos, mesmo existindo na relação alguns episódios de violência verbal e uma relação extraconjugal por parte do pai que, inclusive, gerou uma filha. Já Mariana pertence a uma família dissolvida pela separação do casal, que, segundo contam, ocorreu devido às agressões verbais e físicas entre os cônjuges. Mariana mostra levar consigo uma triste lembrança desta família dissolvida, lembrança esta responsável pela meta que sustenta de jamais se separar. Parece que esta meta de Mariana vai ao encontro daquela premissa familiar de Gil de manter o casamento a qualquer custo. Esta poderia ser a primeira "afinidade" entre Gil e Mariana; ele carrega a indissolubilidade do casamento por uma repetição de seu modelo familiar, enquanto Mariana tenta não reproduzir aquilo que vivenciou; neste caso, ela possui como meta de vida a não- reprodução do modelo de sua família de origem. A reprodução em si de um modelo familiar ou a opção pelo antimodelo, são ambas formas de manter o padrão de funcionamento vivenciado nas famílias de origem (Bowen, 1991).

No que se refere às relações com a família de origem, as histórias de cada membro do casal são parecidas. Ambas as famílias não possuem uma rotina ou, mesmo, ocasiões, como festas de final de ano, em que se reúnam e tenham o hábito de celebrar em família. Existem conflitos a serem considerados, como as brigas entre irmãos na família de Gil e o desligamento de Mariana das figuras parentais, inicialmente com a mãe, pelo abandono desta; depois, com o pai, por se desentender com a madrasta. Este esvaziamento do espaço e das ligações afetivas na família extensa dá um peso maior para a premissa já citada de manter a família unida a qualquer custo, já que esta recebe um peso maior por ser o lugar de segurança e amor.

O histórico de violência das famílias de origem de Gil e Mariana chama a atenção e pode servir como um alerta para tentarmos identificar os pontos frágeis deste casal, no sentido de vulnerabilidade para utilizar uma interação mais primitiva que faça uso de violência.

4.1.4 Caso 4 - Darlei e Cristina

4.1.4.1 A individualidade e conjugalidade do casal

O casal Darlei e Cristina apresentam-se de forma tímida e reservada. Cristina, inicialmente, mostra-se mais disposta a participar, mas ao longo da entrevista Darlei vai se revelando, encontrando o seu espaço. O movimento da interação conjugal é algo que salta aos olhos do observador. Existe uma dança conjugal em que papéis complementares alternam-se, ora a esposa mostrando-se a dominadora e o marido frágil,

submisso; ora o marido assumindo o papel de autoridade, forte, e ela tornando-se passiva.

A alternância de posições polarizadas sugere-nos um desequilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade. Quando estas posições polarizadas apresentam-se muito bem demarcadas, com alteração de tom de voz, modulação corporal e expressão facial, o menino entra na "dança" conjugal, aliando-se àquele que está na posição de frágil. Este movimento ocorre principalmente quando a mãe está na posição de frágil. Parece que neste momento Diogo não pode mais se distanciar, engajar-se nas brincadeiras, pois os pais precisam dele para dissolver as dificuldades conjugais; é ele quem garante o retorno ao equilíbrio, diminuindo a tensão (Haley, 1989).

Após o nascimento do filho o casal passa a utilizar a criança como mediador do conflito conjugal; a criança se torna depositária das dificuldades encontradas na relação conjugal, o que cria nela uma dificuldade de se separar e adquirir autonomia (Haley, 1989). Na relação de Cristina com Diogo, identificamos o "aprisionamento" do filho para garantir o equilíbrio da interação conjugal e uma ligação libidinosa de Cristina com Diogo, identificada através das inúmeras mamadas, que denuncia a dificuldade da criança de se separar e adquirir autonomia.

A relação de Cristina com o seu filho nos indica uma tentativa da mesma de se complementar, de se fortalecer. É como se ela utilizasse Diogo para preencher o vazio criado pela falta de intimidade conjugal (Carter & McGoldrick, 1995). Neste momento que Cristina se alia a Diogo forma-se um triângulo no qual Darlei ocupa o vértice do excluído e, possivelmente, Darlei passe a ver Diogo como uma ameaça para a sua aproximação com sua companheira (Haley, 1989).

Podemos entender a dinâmica citada acima como uma tentativa de Cristina de recuperar a conjugalidade que sente perder quando Darlei se manifesta contra as suas idéias. Entretanto, a aproximação de Cristina com o filho, Diogo, acaba por reforçar ainda mais o pólo da individualidade na interação conjugal, pois neste momento Darlei sente-se excluído, despertando nele a necessidade de reforçar a sua individualidade.

O fato de Darlei ter começado a sair de casa e ter se envolvido em relações extra-conjugais apóia a idéia de uma individualidade preponderante após o nascimento do filho. No relato de Cristina, ela cita esta situação que ocorreu quando Diogo estava com três meses: "Ele começou a sair, foi para a gandaia e eu fiquei", "ai ele aprontou e tudo, eu descobri um monte de coisa dele." A transição de um relacionamento dual para triangular desestabilizou o casal, gerando o desequilíbrio das dimensões de conjugalidade e individualidade. Talvez Darlei tenha se sentido abandonado, deixado de lado e, por isto, procurou um espaço onde novamente seria o centro das atenções, ou seja, procurou um lugar para reforçar a sua individualidade.

Outro aspecto que chama a atenção e que nos remete à compreensão da dinâmica deste casal é a escolha conjugal. Na história do casal, percebemos que, na motivação de Cristina, há também a necessidade de preencher um espaço criado pela ausência da figura paterna. Conforme Silva (1994) aponta, a relação conjugal é um espaço em que as vivências de separação e união com figuras parentais se reeditam, criando uma expectativa de fusionar-se com o outro. Os parceiros precisam transcender a idéia de fusão para se constituírem como casal. Parece que entre Darlei e Cristina não houve esta evolução. O relato das atitudes de um para com o outro, e a própria interação desequilibrada durante a entrevista, mostram a dificuldade que cada um tem de tolerar posicionamentos e atitudes diferenciadas. Cada um tenta arduamente convencer o outro

de sua verdade, tenta fazer do outro uma extensão de si mesmo. Não há respeito à individualidade de cada um, o que aborta a existência de um "ele" e um "ela", e conseqüentemente, isto fragiliza a construção de um "nós".

A pouca troca entre Cristina e Darlei, tanto de carinho como de idéias e pensamentos, cria um distanciamento entre o casal, que nos faz pensar que a conjugalidade está bastante prejudicada. Cristina parece reivindicar maior conjugalidade, mas Darlei ainda está em uma fase em que necessita reforçar a sua individualidade, e faz isto através de uma conduta opressora. O desequilíbrio da interação de Cristina e Darlei em direção à individualidade também foi apontado na análise da interação.

Outros fatos da história do casal reforçam a idéia de que a conjugalidade está frágil. Por exemplo, os fatos citados pelo casal como definitivos na decisão de se unirem. Os dois citados por eles foram a gravidez de Cristina e a briga da mesma com sua mãe, por não aceitar que Cristina dormisse fora. Ambos os fatos são situações e não motivações. A escolha, então, dá-se por situações criadas na relação que fazem os membros do casal sentirem-se coagidos, pressionados. As motivações internas não são reveladas pelos parceiros. Não que elas não existam, mas parece ainda estarem ofuscadas pelas outras citadas. Mas, o fato de não conseguirem reconhecer e verbalizar para o outro a importância que eles representam em suas vidas acaba por fragilizar ainda mais a conjugalidade deste casal.

No relato do casal, pode-se identificar, pelo menos, algumas das motivações internas. O fato de ambos terem imagens muito negativas frente ao grupo social: ele - um "trombadinha", ela - uma "mulher fácil", nos dá idéia de que eles sentiam-se excluídos por carregarem esta identidade negativa, e esta semelhança entre ambos cria

certa afinidade ou, até mesmo, uma identificação. No relato do namoro, fica claro o quanto eles se "agarraram" um ao outro; passavam o tempo todo juntos, talvez para se protegerem de uma identidade que só remetia ao ruim, talvez para se complementarem; usavam as características do outro para se sentirem mais completos.

O início da vida a dois na casa dos pais de Darlei pode ter contribuído para a dificuldade de reforço do pólo da conjugalidade. O fato de não terem tido o seu próprio espaço que legitimasse o início de uma nova estrutura familiar pode ter feito com que Darlei e Cristina postergassem para mais adiante o processo de construção de uma nova família. Parece que o estabelecimento de novas fronteiras entre o casal e a família de origem se deu quando da mudança do casal para a sua própria casa, mesmo que ainda tenha sido no terreno da família de Darlei, e quando do nascimento de Diogo, pois novas exigências se fizeram presentes, com novos papéis e funções a assumir. Identificamos estes dois momentos como aqueles que reforçaram a dimensão da conjugalidade.

Tal como aponta Carter e McGoldrick (1995), o fato de o marido e a esposa se tornarem progenitores modifica todo o equilíbrio familiar anterior, pois causa modificações nos espaços de trabalho, nas relações com amigos, com irmãos e com os pais. Na história de Darlei e Cristina, estas mudanças aparecem claramente. Cristina assume os cuidados com a casa, os cuidados com Diogo, enquanto Darlei trabalha para conquistar dinheiro e, no seu tempo livre, acaba de construir a casa da família. Não há mais tempo para passeios com seu grupo de amigos, não freqüentam mais danceterias como faziam antigamente, e quando as saídas noturnas ocorrem, Cristina não acompanha mais Darlei porque tem que ficar com Diogo.

Apesar de reconhecermos o incremento da conjugalidade no momento que Cristina e Darlei constituem sua própria casa e se tornam pais, as brigas e desentendimentos são freqüentes, o que nos indica que o casal se vê numa relação desequilibrada, com a individualidade sobrepondo-se à conjugalidade.

Quando o casal abordou o tema das brigas conjugais, referiu que as mudanças que se deram com a chegada do bebê no âmbito social, familiar e conjugal foram os motivos que fomentaram as brigas entre o casal. Cristina e Darlei têm um histórico que sempre incluiu brigas, ameaças, violência física e psicológica. Entretanto, a narrativa do casal sobre sua história nos revela fatos que indicam que estas brigas e agressões aumentaram após o nascimento de Diogo. Entendemos este aumento de brigas como uma manifestação reativa à ampliação da conjugalidade, que neste casal parece ser visto como ameaçador da individualidade dos parceiros. Além disto, a conjugalidade deste casal, talvez, tivesse que estar mais reforçada para tolerar a entrada de um terceiro na relação e todas as mudanças que surgem a partir disto.

Na parentalidade exercida pelo casal, chama a atenção que Cristina assume todos os cuidados com Diogo, com exceção da alimentação porque esta o menino exige que o pai o faça. Parece contraditório que um menino que ainda mama no peito não aceite receber da mãe o alimento que realmente o sustenta. Pode-se pensar que esta atitude do menino é uma forma de conquistar um equilíbrio na relação dele com o pai e com a mãe, pois de outra forma a relação com a mãe ficaria tão estreita que poderia excluir o pai definitivamente. Diogo teria desenvolvido uma forma de manter o pai na relação e de manter a interação conjugal.

No que diz respeito às relações com os pais, parece que já existia uma fragilidade que se exacerbou após o nascimento de Diogo. Na relação sogra e nora, há

críticas na forma como Cristina lida com Diogo. Ela acusa a mãe de maltratar o menino, inclusive ameaçando com denúncia ao conselho tutelar. Este fato retrata a dificuldade de a família de origem em respeitar a formação de uma fronteira mais nítida. Tentam anular as atitudes que fortalecem os papéis e funções dos indivíduos em suas novas famílias, e que permitem um distanciamento das famílias de origem, ou seja, a sogra tenta invalidar a capacidade de Cristina de gerenciar a sua família e, principalmente, de criar a sua identidade materna.

A história conjugal de Cristina e Darlei é marcada por rupturas de duração breve, por contínuas ameaças de separação e por sucessivas reconciliações. Este constante separar e unir é característico de relações desequilibradas, em que a relação é dominada pela impossibilidade tanto de estar juntos como de se separar. O vínculo insatisfatório e o conflito perduram pela expectativa que cada um tem de modificar o outro e fazer com que o outro se "renda" (Cirillo & Blasio, 1991). Entretanto, vimos na história de cada um que ambos possuem uma carência afetiva originária da relação com suas figuras primárias, o que nos leva a pensar que existe um desejo imenso de cada cônjuge de ser amado, de ser cuidado, de ampliar a dimensão da conjugalidade e de constituir uma relação mais equilibrada. Porém, este desejo de ser amado, neste momento, parece estar sendo externalizado com base na rivalidade, discriminação, antagonismo e desavenças, reforçando a dimensão da individualidade. Assim, as necessidades parecem nunca ser satisfeitas, há sempre frustração e desconforto (Madanes, 1997).

4.1.4.2 O uso da violência como reguladora de distância

No que diz respeito às brigas, no relato do casal os ciúmes são apontados como a questão central que desencadeia a violência. A forma extremada de lidar com os ciúmes mantém os membros do casal em constante estado de ansiedade. No momento de explosão, parece que Darlei sente-se acuado por uma roupa, gesto ou atitude de Cristina, percebendo o comportamento dela como uma ameaça a sua posição de líder e autoridade da relação. A violência verbal e física surge, então, para recuperar sua força e seu status de "macho", enquanto Cristina retorna para o seu papel de frágil e submissa, evidenciada na sua reação imediata de ficar quieta e chorar. A explosão seria o ato que reestabiliza a interação do casal nas posições polarizadas já conhecidas por ambos; ele, o poderoso, o líder da família; ela, a frágil (Grosman & cols., 1989). Assim, a violência é o fato que reestabiliza a relação que, portanto, ambos, marido e esposa, necessitam (Cirillo & Blasio, 1991). Reestabiliza porque o ato agressivo regula a distância entre o casal, reeditando um "eu" e um "tu", reinstalando o equilíbrio no relacionamento entre separação e conexão (Bartle & Rosen, 1994), ou melhor, entre individualidade e conjugalidade. A violência se apresenta, então, como um mecanismo que cria uma conexão entre os membros, pois quando a ansiedade aumenta e os cônjuges se mostram rígidos na sua posição e inflexíveis à pressão do outro (Kerr & Bowen, 1988), a individualidade ganha muita força e passa a ameaçar a conjugalidade.

Além dos motivos já existentes durante o namoro, outros surgem após o nascimento de Diogo. Os cuidados com a casa e a educação e cuidado de Diogo têm sido as razões de freqüente desgaste do casal. Atualmente, somam-se alguns fatos novos, que contribuem para o surgimento de brigas, como as dificuldades de falta de luz e de água na atual residência do casal. Parece claro que o surgimento de novos

estressores nesta família ganham força de destruição, pois a relação conjugal já está tomada por ansiedade.

A violência também está presente nas discussões sobre a educação do filho. Darlei deixa claro a sua posição em relação a Cristina, ele "supervisiona" a forma como ela veste, alimenta e educa o menino, mostrando não reconhecer nela a capacidade de ser mãe. Esta interação reforça os papéis polarizados já existentes na relação, na qual Darlei ocupa um espaço de maior sabedoria. Esta estrutura fica declarada na seguinte fala: "eu já disse pra ela, né, se um dia eu pegasse, né, ela batendo nele, eu ia bater nela também." Nesta fala fica denunciada a relação de poder assimétrico entre o casal, com uma hierarquia fortemente delimitada, o que seria enquadrado no conceito de Madanes (1997) como um funcionamento em que os indivíduos lutam para controlar e ter poder sobre sua própria vida e sobre a vida do outro.

4.1.4.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência

Analisando a história das famílias de origem de Darlei e Cristina encontramos algumas semelhanças: família extensa numerosa, relações conjugais conflituadas, uso de violência física contra o parceiro e contra os filhos, alcoolismo, relação difícil com, pelo menos, um dos pais. Ambas as famílias têm pouco convívio com a família extensa. Cristina chega a verbalizar que "cada um pensa em si", mostrando que não há sentimento de grupo, de um espaço coletivo. Isto nos remete à idéia de um esvaziamento do sentido de família. Parece que Cristina não percebe uma ligação entre os membros de sua família que crie uma estrutura capaz de prover apoio, solução de

conflitos e complementaridade eficaz, havendo, sim, um distanciamento emocional que não possibilita a percepção ou contato com o outro (Carneiro, 1996; Nichols & Schwartz, 1998).

O empobrecimento do sentido de família ganha mais força na situação de Cristina quando esta se vê afastada do pai e de toda a família paterna após a separação de seus pais. O afastamento do pai e de toda a família paterna parece criar um espaço vazio nas relações significativas de Cristina, espaço este que pode ter tido muito peso na sua escolha conjugal. Em diversos momentos da entrevista aparece uma associação de Darlei com a figura paterna. Logo no início, Cristina diz ter gostado de Darlei porque ele lhe dava conselhos. Ela cita uma situação em que Darlei explicou-lhe como eram as situações de vida, orientou-a, o que fez com que ela não fugisse de casa. Mais adiante na entrevista, a idéia de Darlei exercer um papel paterno em relação à Cristina se confirma quando ele verbaliza que ela parece uma criança, que quando ele lhe faz cobranças a respeito da casa ou do trato com Diogo, ela chora e se comporta como uma criança. Também em outro momento, Darlei age como um pai punitivo quando ameaça bater em Cristina, caso ele descubra que ela bate em Diogo.

Na história familiar de Darlei, a relação com o pai parece ter sido a mais problemática. Uma história carregada de episódios de agressões graves seria responsável pela formação de um vínculo frágil com a figura paterna, que estaria contaminando as relações atuais com mais força, principalmente, a relação conjugal. É importante lembrar que esta relação conflituada com a figura paterna não faz parte do passado, recentemente o pai teria ameaçado matar Darlei apontando um facão contra o seu pescoço. Este dado nos faz compreender que o conflito se faz presente na atualidade, não apenas através de lembranças, mas de fatos, reeditando com muito mais

força os sentimentos de raiva e de hostilidade em Darlei. Somado à situação de ser vítima de violência física, Darlei também assistiu, inúmeras vezes, a brigas e agressões de seus pais. A partir da história da família de origem de Darlei, podemos compreender que os padrões de funcionamento incluíam e incluem a violência de forma muito intensa, fazendo parte de diferentes níveis de relacionamento.

Se o modelo de interação conjugal que Darlei possui é de um casal que briga, desentende-se e bate-se, esta seria a forma que facilmente ele reproduziria na sua relação com uma parceira. Através do relato de Cristina, vimos que Darlei vem reproduzindo com ela a relação conjugal de seus pais, uma relação marcada não só pela violência, mas também pelo distanciamento do casal, falta de carinho e manifestação de afeto, ou seja, uma interação em que a individualidade se destaca. Cristina mostra o seu descontentamento com este modelo, ao dizer: "eu gostava de geralmente assim, ah, eu tá fazendo alguma coisa, chega e dá um carinho, falar de bem, mas não,...ele nem chega perto de mim, sinal que não gosta mais de mim, ...daqui uns quinze anos como é que a gente vai tá, a gente vai levantar. Só dar bom dia e não vai se falar mais, imagina se agora já tá assim."

Darlei estaria repetindo os padrões da família de origem nas relações atuais, introduzindo nestas relações, marido-esposa, pai-filho, modelos de comportamento dos seus próprios pais e trazendo para as relações presentes antigos conflitos (Bowen, 1991). Darlei não consegue lançar mão de recursos mais evoluídos nas suas interações, recorrendo, então, a atos agressivos, num nível de funcionamento bastante primitivo (Perrone, Cogan & Porcerelli, 1996).

Analisando a história familiar de Darlei, verifica-se que muitas situações de violência existentes na relação conjugal são reproduções de situações vividas na sua

infância com familiares e, posteriormente, nas ruas. Darlei que, em muitas situações da infância, assumiu o papel de vítima, passa a assumir o papel de agressor na vida adulta. Darlei estaria repetindo algo que aprendeu através da observação do mesmo comportamento em outras pessoas, bem como através da experimentação (Cirillo & Blasio, 1991; Grosman, Mesterman & Adamo, 1989).

Por outro lado, Cristina também investe neste ambiente de violência psicológica e física, mostrando também estar reproduzindo o padrão de interação de sua família de origem. As necessidades emocionais de Cristina e Darlei fazem com que estes estabeleçam uma dinâmica relacional desequilibrada, cujo pólo da individualidade recebe maior destaque.

4.1.5 Caso 5 - Marisa e Henrico

4.1.5.1 A individualidade e conjugalidade do casal

O casal Marisa e Henrico revelaram durante a entrevista muitas dificuldades de relacionamento e um vínculo muito frágil. Chamou atenção a ansiedade criada pela entrevista, levando-nos a acreditar que este casal está prestes a romper. Na realidade, o processo de separação já se iniciou, pois não existe qualquer convivência conjugal, não há mais vida sexual, e a mágoa e a raiva entre eles é muito grande. Mas as dificuldades de ordem prática e financeira parecem estar impedindo que este processo vá adiante e se concretize. Identificamos uma interação desequilibrada, em que a dimensão da conjugalidade está tão empobrecida, que ela praticamente parece inexistir.

O relato do casal e, principalmente, de Marisa denuncia a fragilização dos aspectos comuns do casal, de convivência e planos mútuos, revelando uma dinâmica em que a conjugalidade é praticamente inexistente. Este entendimento é confirmado na análise da interação: este casal foi o que apresentou o pólo da individualidade de forma mais exacerbada.

A história do casal indica alguns fatores que, provavelmente, contribuíram na dificuldade em constituir a dimensão da conjugalidade. O namoro rápido, sem muito envolvimento com atividades lúdicas e recreativas, cria uma atmosfera restritiva. O fato de Marisa ver em Henrico uma "tábua de salvação", aquele que a libertaria da vida que levava até então, impediu que ela se conectasse com o verdadeiro homem com quem estava estabelecendo uma relação. Parece que Henrico entrou nesta "dança" e, de certa forma, sentiu-se envaidecido com o papel de libertador, pois não deixava de ser uma valorização da sua pessoa, mas acabou alimentando em Marisa uma idéia distante de quem ele realmente era e do que poderia oferecer para ela. A ilusão de ter uma vida diferente parece ter sido a primeira dificuldade que se instalou nesta relação. O pouco tempo de convivência antes do casamento não permitiu conectá-los com a realidade. A esperança de Marisa de encontrar amor, proteção e segurança no casamento revela um aumento de expectativas, responsável pelo aumento de conflito na medida que estes sentimentos foram ameaçados (Andolfi & Angelo, 1989).

Marisa e Henrico assumem posições polarizadas. Ela muito ocupada, e desdobrando-se em diferentes papéis (estudante, doméstica, amiga, mãe), ele acomodado e passivo. Ela a forte e a que determina a relação, ele o frágil e o que se submete ao que ela determina. Esta compreensão está baseada nos dados de que foi Marisa quem decidiu que estava na hora de casar e fez pressão em Henrico para que isto

acontecesse, e agora tudo indica que será dela a decisão de separar ou não. Henrico se coloca em uma posição de espectador, aguardando os sinais de Marisa e respondendo a eles; não toma decisões e não faz qualquer movimento para interromper o processo de fragilização e enfraquecimento da conjugalidade.

A postura de Marisa, conduzindo seus projetos particulares de escolarização e investindo em uma convivência social, revela que ela está incrementando a sua individualidade, o que parece positivo, mesmo que isto, neste momento, acarrete em um empobrecimento da conjugalidade. É positivo porque o reforço da individualidade permite um funcionamento mais autônomo, ajudando-a a sair da polaridade reativa em que se encontra (Nichols & Schwartz, 1998). Será o reforço da individualidade de Marisa que permitirá que ela saia da posição em que entrou no casamento; a expectativa de complementaridade com o cônjuge, acreditando encontrar no parceiro a resolução de seus problemas. Este reinvestimento de Marisa em seu *self* permite que recupere a capacidade de realização de seus projetos de vida e, talvez, venha até facilitar uma reaproximação do casal, desde que Henrico também inicie um movimento de investimento e crescimento pessoal, adquirindo uma maior autonomia de seus pensamentos e sentimentos (Bowen, 1991). Só com este movimento, de reforço de suas identidades, é que podemos pensar na construção de um relacionamento com maior equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade, pois é preciso, inicialmente, que ambos tenham suas identidades preservadas, ou seja, um completo "ele" e um completo "ela" são necessários para a formação de um "nós" (Silva, 1994).

O aborto espontâneo dos gêmeos, já em fase avançada da gestação, parece ter sido o momento mais marcante de fragilização da conjugalidade. No relato do casal fica claro a falta de sintonia de sentimentos entre eles. Enquanto Marisa relatava todo seu

sentimento de perda, de luto e de projeto inacabado e perdido, Henrico não parecia, em nenhum minuto, conectar-se com o relato dela e se mantinha ordenando e descrevendo os fatos. Identificamos este momento como sendo um momento de crise e desilusão. Sabemos que a parentalidade dá a oportunidade para os membros do casal reforçarem as fronteiras com as famílias de origem e de trabalharem o *self* a partir da exigência de um novo funcionamento. Marisa talvez tenha acreditado que Henrico poderia modificar, amadurecer com o nascimento das gêmeas. Quando abortou, além de perder as filhas, perdeu também a esperança de conquistar a união que desejava com seu parceiro, a idéia de fazer parte de um casal e de uma família. Quando Henrico relata o fato e se distancia tanto do discurso de Marisa, parece que se concretiza a perda e a distância entre os dois, e isto passa a alimentar nela o desejo de separação. Marisa diz: "foi ai que mudou tudo, parece que desabou a casa, tanto que eu fiquei totalmente diferente com ele, não era mais como era antes, porque não sei." Assim, a perda dos filhos parece ter remetido Marisa novamente ao vazio e a todas as lembranças de abandono, ou seja, trouxe à tona conflitos graves (Haley, 1989).

Na educação de Gisele, novamente encontramos posições polarizadas do casal, enquanto Marisa é quem impõe os limites e as regras, Henrico é permissivo e omissivo. Marisa usa da agressão física na educação da filha e Henrico não. Ambos reproduzem com Gisele o modelo de educação que tiveram em suas infâncias (Bowlby, 1989; Klaus & Kennel, 1993). Marisa é firme, durona e punitiva, tal como suas cuidadoras, e Henrico é desligado e negligente, deixando a filha fazer o que quer, sem ao menos, preocupar-se com a segurança, tal como seus pais. Encontramos no exercício da parentalidade mais uma fragilização da dimensão da conjugalidade.

Outros dois momentos da entrevista que consideramos importante destacar aqui são aqueles em que o casal se refere a vida sexual muito empobrecida e às expectativas muito vagas para o futuro. Estes dois temas retratam com muita nitidez o momento que o casal está enfrentando, a distância que se criou entre os cônjuges e o empobrecimento e fragilização da dimensão da conjugalidade. A falta de um espaço conjugal alimenta o sentimento mútuo, de Marisa e Henrico, de rejeição e abandono (Carter & McGoldrick, 1995).

4.1.5.2 O uso da violência como reguladora de distância

A violência psicológica neste casal está presente no seu dia-a-dia. A esposa é muito hostil na forma como se comunica com o marido, e ele também é violento, porém de maneira bastante peculiar, não reagindo às manifestações dela. O fato de ele permanecer imutável, em uma posição passiva e paralisante, infla Marisa de raiva, a ponto de fazê-la lançar contra ele uma panela de água fervente, único episódio de violência física entre o casal. Henrico, com sua forma de ser, não reconhece as necessidades e desejos de Marisa, não consegue se conectar com ela e isto gera a raiva necessária para desencadear as agressões. As agressões verbais parecem estar aumentando, talvez porque seja através delas que Marisa tenta mostrar a Henrico que possui desejos muito distantes dos dele: O principal desejo parece ser o de querer a separação, que em vários momentos da entrevista, ficou subentendido, enquanto Henrico mantém seus planos de convivência comum, sem fazer qualquer menção de que está percebendo as manifestações de Marisa. Esta falta de sintonia entre os cônjuges, em que cada um tem que fazer um esforço muito grande para compreender o outro

(Kerr & Bowen, 1988), confirma-nos a fragilidade desta união e uma interação voltada para a dimensão da individualidade.

Compreendendo a violência como reguladora de distância (Bartle & Rosen, 1994), passamos a entender por que este casal tem utilizado de forma intensa este recurso. A interação conjugal insatisfatória ganhou tanta dimensão, que parece não haver mais o controle das emoções, assim, os cônjuges estão imersos na situação de descontentamento e as brigas e discussões, ou seja, a violência verbal e a psicológica surgem como uma forma de tentar resgatar a relação.

4.1.5.3 A família de origem e a transmissão de padrões de interação e da violência

Tomando as histórias de vida relatada por eles, conseguimos estabelecer algumas conexões no sentido de compreender a relação conjugal que se instalou. Marisa teve uma vivência totalmente restrita de vínculos significativos, não conheceu a mãe nem o pai e foi criada por famílias que a tinham como uma serviçal em suas casas. Estas vivências parecem ter conectado Marisa à rejeição, ao abandono e à negligência, antes que ela pudesse construir qualquer relação de confiança e amor. Parece claro que a relação de Marisa com suas figuras cuidadoras não está bem resolvida, a raiva que transmite em seu discurso, a forma bastante objetiva com que relata este período de sua vida, bem como os próprios dados da história de sua infância denunciam uma vivência traumática e não resolvida. Entendemos que, assim como Bowen (1991) explicou, Marisa hoje em idade adulta tem uma tendência a carregar a reatividade emocional não

resolvida com seus cuidadores sob a forma de uma vulnerabilidade para repetir os mesmos antigos padrões nas suas relações mais íntimas.

Na relação de Marisa com Henrico, há indicações de uma reedição dos sentimentos de abandono e negligência (Grosman, Mesterman, & Adamo, 1989). Pelo discurso dela, parece que todos os movimentos que faz em relação ao marido (brigas, queixas, encaminhamento para médico, e exclusão da convivência com ele) são uma tentativa de fazê-lo perceber as necessidades dela como pessoa e como mulher. Entretanto, vimos pelo seu relato que as estratégias de Marisa não têm dado um bom resultado, ao contrário, parecem estar criando maior distância entre o casal, reforçando, assim, o sentimento de abandono e de desvalorização (Grosman, Mesterman, & Adamo, 1989). Uma outra forma de dizer é que Marisa vem se esforçando para resgatar a conjugalidade do casal, quer recuperar a sua vida sexual, quer que o marido manifeste estar sentindo a sua falta, quer que o marido participe de sua vida, seja como seu parceiro seja como pai de sua filha. Porém, a forma que Marisa encontrou de manifestar estes desejos acabam por implementar mais o pólo da individualidade, pois reforça a sua maneira de encarar a vida diferente de seu cônjuge.

Henrico, retrata as suas relações com os pais como algo tranquilo e pouco desgastante. Porém, nos chama atenção o fato de os dois filhos permanecerem morando com a mãe após constituírem suas próprias famílias. Isto nos sugere uma dificuldade de separação, dos filhos e da mãe, assim como uma dificuldade destes filhos de realmente amadurecer e se responsabilizar pelas suas vidas. Parece que os filhos se cristalizaram no exercício de suas posições e funções filiais e não conseguem desenvolver flexibilidade para assumir novas modalidades de funcionamento (como de marido e de pai), tornando-se incompetentes na sua responsividade (Minuchin, 1991).

Por mais que Henrico justifique a sua estadia na casa da mãe por necessidades financeiras, vimos que Marisa não concorda com este posicionamento, para ela é uma acomodação de Henrico, e dados da história mostram que realmente não houve empenho por parte dele em procurar um novo imóvel após ter que sair do apartamento que alugaram logo que se casaram. A atitude de Henrico retrata a dificuldade de mudar seu centro de gravidade de filho para a posição de pai (Stern, 1997), comprovada através da atitude dele em relação à filha. A única tarefa que Henrico assume com a filha é levá-la até a creche, pois as demais são assumidas pela mãe e pela avó. Parece muito claro que a presença constante da avó resigna mais ainda Henrico a seu lugar de filho. O fato de Henrico não assumir integralmente seu papel de pai e estar funcionando mais como filho do que como pai é referido por Marisa como um conflito entre eles; está claro que não há sincronia entre eles também como pais (Stern, 1997).

Parece que a transição para a parentalidade não fez surgir em Henrico uma conduta mais autônoma e madura, e que a entrada de um terceiro na relação dual foi enfrentada com alguma dificuldade. Este entendimento fica sugerido na forma como ele interage com a filha com discussões e brigas, que levam à interação a se aproximar mais de uma relação fraterna do que uma relação de pai e filha, denunciando uma relação do tipo regressiva, típica de pais que têm dificuldade de aceitar a entrada do terceiro na relação conjugal (Brazelton & Cramer, 1990).

4.2 Aspectos Comuns

4.2.1 A Individualidade e Conjugalidade do Casal em Famílias com Filhos Pequenos

O primeiro aspecto que gostaríamos de destacar é que dos cinco casais estudados, apenas um revelou equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade (casal 3), sendo este o único casal que se preocupou em preservar um espaço só do casal na sua rotina, espaço este em que conversam, namoram e tomam decisões sobre suas vidas.

Para confirmar a associação sugerida acima, analisamos o casal 5, por ter sido aquele que apresentou a dimensão da individualidade mais exacerbada. Na rotina deste casal, percebemos que não há nenhuma preservação de um espaço conjugal. Tanto Marisa quanto Henrico dedicam a maior parte de seu tempo ao trabalho, sendo que Marisa dedica-se quase em tempo integral aos seus estudos e profissionalização, sobrando pouco tempo de convivência familiar e nenhum tempo para o convívio conjugal. A pouca troca entre eles cria uma distância emocional que desperta frustração, desesperança e raiva mútuas, tornando a convivência destrutiva (Ramos,1994).

É interessante que, desde o início da história deste casal, as questões individuais preponderaram em relação às conjugais. Casaram-se para tirar Marisa da situação de convivência familiar em que ela se encontrava, morando de favor com as pessoas em troca de seu trabalho doméstico. Nesta família, há um empobrecimento do convívio conjugal e familiar, os investimentos estão voltadas para questões individuais, necessidades que deveriam ter sido supridas em etapas anteriores. O que ocorre, então, é um desequilíbrio entre os investimentos dos membros do casal e as demandas decorrentes da etapa de vida pela qual estão passando.

A partir da análise feita dos casais 3 (representando o equilíbrio das dimensões) e 5 (representando o predomínio do pólo da individualidade) podemos afirmar que o espaço dedicado ao convívio conjugal tem sido fundamental no estabelecimento do equilíbrio das dimensões, pois é preservando este que se torna possível desenvolver a dimensão da conjugalidade, de outra forma a individualidade passa a predominar e o casal começa a ter problemas no relacionamento.

Nas histórias dos casais, identificamos a escolha do parceiro, ou melhor, as motivações que os levaram a escolher o seu parceiro como outro ponto em que o casal 3 se destaca em relação aos demais, por apresentar um comportamento diferente, e que parece ter contribuído no estabelecimento da dinâmica interacional. Eles revelam que inicialmente sentiram-se atraídos um pelo outro e que, posteriormente, admiraram a personalidade e o caráter do parceiro. Os quatro casais (1, 2, 4 e 5) apontaram situações desencadeadas pela relação conjugal como responsável pela união, e não o desejo consciente de eleger o outro como seu parceiro. O casal 1 e o casal 4 se uniram pela gravidez, o casal 2 por pressão da família após descobrirem que mantinham relações sexuais, e o casal 5 para tirar a mulher da situação de vida em que se encontrava. O único casal que parece ter reconhecido um no outro a parceria desejada foi o casal 3.

Ao tentar compreender estas dinâmicas conjugais, partimos para o entendimento de que possuir decisões conscientes sobre o envolvimento afetivo e declará-las ao parceiro implica se reconhecer e reconhecer o outro (Bowen, 1991). Fazer a escolha do parceiro com base nos sentimentos e na razão é ter a capacidade de estabelecer relacionamentos íntimos. De outra forma, definir uma união por uma situação que se criou pode ser compreendida como uma decisão dominada pelas emoções, que submete o sujeito a uma única perspectiva e que obedece à lógica do tudo ou nada, ou seja,

decisões que se submetem à reatividade emocional. Na história contada pelo caso 1, podemos identificar uma escolha dominada pela emoção, com base no tudo ou nada; quando Luciane, ao descobrir que está grávida, não sabe se aborta ou se casa com Fábio. Através deste entendimento, podemos pensar que já no início da relação conjugal, instala-se o equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade.

No enfrentamento das mudanças relativas à fase do ciclo vital de família com filhos pequenos, houve diferentes manifestações dos casais. Os que revelaram ter enfrentado um período conjugal difícil logo na chegada do bebê foram os casais 1, 3 e o 4. O casal 2 revelou ter melhorado a convivência conjugal, e o casal 5 não conseguiu verbalizar se a relação conjugal melhorou ou piorou. Identificamos, através dos relatos dos casais, que, atualmente, os casais 2 e 3 se sentem satisfeitos com a vida conjugal e os casais 1, 4 e 5 estão insatisfeitos. Estas diferentes manifestações dos casais no enfrentamento das mudanças inerentes a esta fase e no estabelecimento de uma nova dinâmica interacional nos faz acreditar que este momento pode representar oportunidade de crescimento ou ameaça (Haley, 1989). Para aqueles que conseguem estabelecer uma fronteira mais nítida com as famílias de origem e que conseguem formar um funcionamento próprio, distanciando-se e libertando-se das vivências com as famílias de origem, esta fase representa a possibilidade de os indivíduos crescerem e se desenvolverem, dando a oportunidade para que estabeleçam uma dinâmica interacional mais equilibrada (casal 2 e casal 3). Para aqueles em que os vínculos primários se reeditam de forma maciça e que passam a reproduzir na relação conjugal e familiar as vivências do passado, as exigências desta fase passam a representar perigo, pois os indivíduos não conseguem lançar mão de recursos favoráveis para lidar com as

dificuldades, acabam desencadeando um funcionamento mais primitivo e, muitas vezes, lançam mão da violência psicológica e física (casal 1, 4 e 5).

Ainda há outro aspecto a se considerar referente a esta fase do ciclo de vida: com a entrada de um terceiro na relação, a interação conjugal se desequilibra e novas formas de funcionar e interagir surgem. As formas pelas quais os casais vão reencontrar o seu equilíbrio podem variar, podem implicar mudanças individuais para atender às necessidades conjugais ou mudanças na dimensão da conjugalidade para atender as necessidades individuais, por estas se tornarem mais importantes, ou, ainda, pode ser que o casal eleja um elemento para desviar a ansiedade gerada no sistema conjugal, criando um triângulo disfuncional. Neste último caso, a criança pode ser usada para manter o equilíbrio da relação conjugal. Quando a ansiedade ganha proporções intoleráveis, o casal pode passar a declarar as suas emoções através da violência, utilizando-a como uma estratégia de mediação no controle da ruptura dos vínculos.

Dos casos estudados identificamos o casal 4 como estabelecendo uma triangulação, em que a criança é utilizada como depositária das dificuldades encontradas na relação conjugal (Haley, 1989). Durante a entrevista, em muitos momentos, principalmente nas situações de discordância no casal e em temas nos quais a ansiedade aumentava, a criança se aproximava do casal e solicitava o peito da mãe e, em outros momentos, a mãe, Cristina, puxava a criança e oferecia o peito a ela. Nestes momentos, a mãe utilizava seu filho como uma complementação de si mesma, sentia-se frágil com o afastamento do marido, então necessitava se preencher com outro objeto, que passava a ser o filho. Neste caso, a relação de extrema ligação com seu filho parece ser uma tentativa de preencher um espaço vazio criado pelo sentimento de perda do relacionamento com o parceiro ou, ainda, pela falta de intimidade conjugal (Carter &

McGoldrick, 1995). A criança passa a ser usada quando o desequilíbrio entre as dimensões da individualidade e conjugalidade se exacerbam. A cada momento em que Cristina sentia o afastamento de Darlei, ou seja, a individualidade preponderando sobre a conjugalidade, ela buscava a aproximação do filho, na tentativa de resgatar ou fortalecer a conjugalidade.

Em outros casos, como o 1 e o 5, também identificamos manifestações no comportamento das crianças, que pode estar se encaminhando, para o uso destas como elemento mediador da relação conjugal. No caso 5, a menina tem uma atitude em relação ao pai tal como a da mãe, já revelando uma conduta de violência psicológica (xinga o pai e o desvaloriza) e física (bate no pai). Talvez esta criança ao reproduzir o comportamento da mãe, acredite que a mãe ficará liberada para ter outro tipo de conduta com o pai, mais carinhosa, de maior aproximação, havendo a partir daí, um investimento maior no pólo da conjugalidade gerando mais equilíbrio na interação deste casal. Em suma, esta menina estaria desenvolvendo uma atitude agressiva com o pai a fim de preservar a relação conjugal. No caso 1, a relação tão próxima com a mãe e a ausência do pai podem evoluir para uma relação de excessiva ligação do filho com a mãe, em que Luciane pode utilizar o filho, João Pedro, para preencher seus vazios e, principalmente, o vazio da relação conjugal.

Acreditamos que a triangulação pode favorecer o incremento da individualidade ao criar a situação de exclusão de um dos parceiros. Nos casos 1 e 4, identificamos que Fábio e Darlei sentiram-se abandonados com a chegada do filho e isto os conduziu a investir na individualidade. Fábio se envolveu mais intensamente com álcool, drogas e jogo e teve uma relação extra-conjugal, e Darlei voltou a ter uma vida social noturna e também teve envolvimento com outras mulheres.

4.2.2 O Uso da Violência como Reguladora de Distância

Destacamos o casal 4 como aquele que utilizou de forma mais intensa a violência física e psicológica em sua relação. O relato de já terem utilizado várias vezes a violência no casal, já chegando a ponto de Cristina fazer registro policial sobre os mesmos, assim como ter sofrido violência física das famílias de origem, principalmente Darlei, que teve experiência de ter sido vítima de situações sérias de agressão com o pai, levam-nos a pensar que, nestes casos de violência extrema e sistemática, o sujeito fica mais “aprisionado” neste padrão de interação, sofrendo um abalo em sua estrutura que não lhe permite sair do modelo de relacionamento estabelecido na infância com seus próprios pais, ou seja, as relações primordiais do sujeito serão o principal fator na construção de um modelo de interação (Bowby,1989; Klaus & Kennel, 1993).

Outro aspecto que chama atenção nas histórias de vida do caso 4 e que os distingue dos demais casos são as vivências difíceis e de desvalorização que sofreram fora da família, no meio social em que viviam. Cristina chegou a ficar conhecida como "mulher fácil" e adquiriu sífilis, Darlei fugiu de casa, envolveu-se em delitos e violência física séria, ambos com uma história e ocorrências que denunciam a desvalorização de suas imagens. Podemos pensar que as vivências de Cristina e Darlei impediram que eles pudessem evoluir no sentido de estabelecer interações mais equilibradas, que não precisassem utilizar a violência.

Sabemos que tanto o desequilíbrio para o pólo da individualidade quanto para a conjugalidade resultam em uma interação conjugal desfavorável, ou seja, independente do pólo que está dominante; o resultado é um relacionamento marcado por conflitos e

insatisfação. Três casais (1, 4 e 5) relataram estar insatisfeitos com a relação conjugal. Esta insatisfação faz com que estes casais fiquem mais expostos à reatividade emocional, levando-os a utilizar a violência psicológica ou física para regular a distância emocional entre eles. O fato de estes três casais (1, 4 e 5) já terem utilizado a violência física na relação e continuar utilizando a violência psicológica e verbal reforça a idéia de que a interação conjugal desequilibrada pode gerar a violência.

Analisando a dinâmica interacional e a história conjugal dos casais 3 e 4, podemos continuar fazendo algumas reflexões sobre o funcionamento dos casais no que tange ao equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade, e ao uso da violência. O casal 3 foi aquele que não relatou nenhum episódio de violência física e foi também o único casal no qual conseguimos identificar um equilíbrio maior das dimensões de individualidade e conjugalidade. Do outro lado, temos o casal 4, que foi o que apresentou violência conjugal de forma mais exacerbada e em que identificamos estabelecer uma dinâmica interacional mais voltada para a individualidade do que para a conjugalidade. Estes dados, casal com equilíbrio na interação sem violência e casal com violência e sem equilíbrio na interação, apóiam nossa expectativa de que existe uma relação entre o uso da violência nos casais e o tipo de interação que eles estabelecem.

O ciclo da violência inclui uma fase de crescimento de tensão seguida de uma explosão, após uma fase de constrição; e depois começa tudo de novo. Este ciclo funciona para o casal como regulador de distância. Casais que possuem pouco controle das emoções e uma reatividade alta desenvolvem uma comunicação involuntária, que consiste em uma comunicação inicial agressiva por parte de um dos parceiros que resulta num ataque do outro parceiro, e assim por diante, desencadeando e perpetuando uma escalada de interações violentas (Rosen, Bartle-Haring & Stith, 2001). Neste

estudo, quatro casais apresentaram violência psicológica e física como reguladora de distância na relação (casais 1, 2, 4 e o 5). Os quatro casais ainda utilizam a violência psicológica na atualidade. Somente o casal 4 apresenta no presente o uso da violência física.

Estudo recente (Salari & Baldwin, 2002) revela que quanto maior o tempo que o casal está junto, menores as chances de utilizar a agressão física severa. Casais que estão juntos entre 0 e 4 anos apresentam maior probabilidade de experienciar a agressão física (17,7%) do que aqueles que estão juntos entre 5 e 14 anos (11,3%) ou mais anos (2,7%). No presente estudo, confirmamos esta relação entre o tempo de duração da união e uso da violência, tanto física quanto verbal. Os casais que tiveram em algum momento da sua história algum episódio de violência física relataram que o mesmo ocorreu mais no início da relação. Outro dado que obtivemos é que quatro casais referiram ter diminuído as brigas e discussões na atualidade; apenas o casal 5 admite estar utilizando a violência verbal e psicológica de forma intensa neste momento de suas vidas.

Podemos compreender esta associação utilizando o referencial de Bowen (1991), que entende que a escolha conjugal se faz com base nas necessidades individuais de aproximação e separação. Segundo Silva (1994), entra-se no casamento com a "ilusão de fusão", de retorno à experiência simbiótica vivenciada na relação mãe-bebê, com a expectativa de tornar a vida completa e os vazios preenchidos. À medida que o casal consegue transcender a idéia de "ilusão de fusão", resgatando a individualidade de cada cônjuge, eles ingressam num nível de funcionamento que permite a intimidade, ou seja, conseguem manter a existência de um "ele" e um "ela", sem se sentirem apagados pelo "nós".

Esta compreensão do funcionamento conjugal retrata o mesmo como um processo em que os membros do casal desenvolvem ou não a capacidade de transitar entre as dimensões de individualidade e conjugalidade (Carneiro, 1994), e à medida que este processo se dá, a interação conjugal vai sofrendo alterações em sua dinâmica e encontrando maior ou menor equilíbrio. Nos momentos em que o casal não consegue estabelecer uma dinâmica mais equilibrada, fica mais vulnerável a lançar mão de recursos mais primitivos, como a violência.

No presente estudo, não se utilizou a violência como critério de seleção dos casais, e sim, apenas, a fase do ciclo de vida em que os casais se encontravam. Entretanto, chamou-nos a atenção o dado de que 4 dos 5 casais estudados já tinham, em algum momento da união, utilizado a violência física e que todos os cinco casais utilizavam a violência psicológica. Dos cinco casais participantes, um não apresentou nenhum episódio de violência física (casal 3), três deles relataram ter utilizado uma única vez (casal 1, 2 e 5), e um deles utilizou várias vezes (casal 4).

O fato de estes casais apresentarem uma interação que ora inclui o uso da violência, ora exclui, faz-nos pensar em um processo dinâmico em constante transformação. Seguindo esta linha de raciocínio, tentar compreender o uso da violência em períodos distintos do ciclo de vida é acreditar que a dinâmica interacional dos casais sofre alterações conforme as imposições de cada fase. Assim, existe uma flutuação nos níveis de individualidade e conjugalidade na interação dos casais que oscilam conforme as dificuldades enfrentadas por eles, bem como a capacidade que eles encontram como casal e como indivíduo. Isto nos remete a um processo dinâmico, não estanque (Kerr & Bowen, 1988) que tende a capacitar os casais no enfrentamento das crises que se apresentam.

4.2.3 A Família de Origem e a Transmissão de Padrões de Interação e da Violência como Reguladora de Distância

Um dos aspectos que contribui para a dinâmica que se instala no casal e, posteriormente, na família é o estabelecimento de uma nova interação com a família de origem em que os cônjuges devem abdicar do papel de filho(s) e dependente(s) para assumir o papel de alguém autônomo e independente, estabelecendo uma fronteira mais nítida com seus pais (Stern, 1997; Haley, 1989). Quando algum membro não consegue se separar da família de origem, cria-se o primeiro obstáculo para entrar na nova fase, o fato de não conseguir deixar de ser filho(a) acaba desencadeando uma gama de condutas que o mantém distante daquilo que seria esperado para atender às exigências do período vivenciado. Vimos que os casais 1, 4 e 5 revelaram dificuldades, que impediram um melhor funcionamento e enfrentamento dos conflitos conjugais, porque algum membro do casal ainda estava excessivamente ligado à família de origem. Nos três casos, o envolvimento emocional foi denunciado pela dificuldade de afastamento físico; todos moram ou moraram com a família de origem; por uma relação de extrema ligação dos filhos com as mães; resultando em relação conflituada entre sogra e nora.

O que podemos compreender a partir das histórias contadas pelos casais é que a convivência no mesmo espaço dificulta a demarcação de fronteiras e a apropriação de funções e papéis referentes à nova etapa de vida, originando conflitos nas relações. No casal 1 esta dificuldade fica denunciada pela relação difícil da sogra e da nora e pela ausência e omissão de Fábio; no caso 5 vimos que Henrico não funciona como pai de família, mas sim como filho e enfrenta dificuldades de relacionamento com a esposa; e,

finalmente, no caso 4 vimos a relação difícil que se criou entre a sogra e a nora, inclusive envolvendo o conselho tutelar, situação esta que só se interrompeu recentemente quando o casal se mudou para a sua própria casa. Todas as esposas dos casos citados acima referiram enfrentar dificuldades na relação conjugal, e o casal 4 afirma que estão convivendo melhor após a saída da casa da mãe de Darlei.

A partir do exposto, podemos entender que a convivência no mesmo espaço com a família de origem de um dos cônjuges pode dificultar o processo de separação das famílias de origem e de constituição de uma nova família e, conseqüentemente, afetar a dinâmica interacional do casal. Acreditamos que as dificuldades não estão tão somente em assumir os novos papéis, mas também em desenvolver uma dinâmica interacional própria e diferenciada. O casal se vê impulsionado a reproduzir a mesma forma de funcionamento da família de origem nas interações porque não se dá o afastamento necessário para que eles desenvolvam o seu próprio funcionamento; é como se eles fossem engolfados por um funcionamento já existente. Nesta situação, em que os casais se vêem "dominados" pelas famílias de origem, cria-se uma dinâmica desequilibrada, pois sobra pouco espaço para a conjugalidade ser trabalhada e reforçada.

Identificamos, em todos os casos estudados, alguma dificuldade de relacionamento de, pelo menos, um dos membros do casal com as figuras parentais. No casal 1, há a ligação excessiva de Fábio com a mãe; no casal 2, há a relação difícil e distante de Veruza com a figura paterna; no caso 3, na situação de Mariana, existe o abandono da mãe e o distanciamento do pai; no caso 4, há a relação de intenso conflito com uso de violência física de Darlei com o seu pai; no caso 5, a situação de Marisa de não conhecer seus verdadeiros pais e não ter vínculos positivos com seus cuidadores e a relação muito estreita de Henrico com a mãe. Em alguns casos parece que a relação

conflituada com a figura parental tem influenciado a dinâmica da relação conjugal (casal 1, 4 e o 5), mas em outros casos (2 e 3) não identificamos esta associação, pois os casais apresentam um bom funcionamento, apesar das vivências difíceis com as figuras parentais. Através destes dados, podemos entender que a história dos indivíduos não é o destino deles, ou seja, o sofrimento do passado não necessariamente guiará a conduta, pois, muitas vezes, o indivíduo consegue se renovar e construir novas formas de interagir (Fraiberg, Adelson & Shapiro, 1994).

Observando a transmissão transgeracional da violência, encontramos estudos que correlacionam a vivência ou exposição à violência na infância e o uso da violência na relação conjugal, mas existem outros que mostram que não existe esta relação. Para Rosen, Bartle-Haring e Stith (2001), está claro que a exposição à violência doméstica ou a vivência de agressão na infância não é preditora de formar agressores nas relações íntimas. Em seu estudo, somente 30% daqueles que foram testemunhas de violência conjugal entre os pais ou que experienciaram violência das mãos de seus pais perpetuaram a violência quando adultos. Entretanto, este mesmo estudo indica que os indivíduos que foram vítimas da violência dos pais quando criança apresentam uma baixa diferenciação de seu parceiro(a) na relação conjugal. Então, segundo este estudo, o modelo de interação conjugal sofre uma grande influência das vivências individuais com a família de origem e baixos níveis de diferenciação do casal estão associados com alta probabilidade de experienciar a violência no relacionamento conjugal.

Ainda na mesma pesquisa, aqueles que testemunharam a violência entre os pais revelaram uma diferenciação maior na relação conjugal do que os que foram vítimas de agressão na infância. Este resultado pode ser compreendido como uma tentativa do indivíduo de não reproduzir um modelo negativo de interação conjugal, tentando fazer

com que sua interação conjugal seja mais equilibrada do que aquela que observou durante a sua infância (Rosen, Bartle-Haring & Stith, 2001).

No presente estudo, todos os indivíduos referiram ter sofrido violência física de seus pais na infância, tendo a severidade da agressão variado bastante. No que diz respeito a testemunhar violência conjugal entre os pais (física e/ou psicológica), apenas não tiveram esta experiência aqueles que não conviveram com o casal parental, por motivo de separação ou adoção (Fábio - caso 1; Miro - caso 2; Marisa - caso 5). Os indivíduos que presenciaram a violência física dos pais de forma mais freqüente e severa foram Veruza (caso 2) e Darlei (caso 4). Então, no universo que estudamos, podemos verificar uma manifestação grande de violência nas famílias de origem, seja como vítimas de agressão seja como observadores. Apesar deste resultado, entendemos e concordamos, assim como os autores citados acima, que a violência não se trata tão somente de um comportamento aprendido e outros fatores têm um importante papel no processo de transmissão deste comportamento. Portanto, a exposição à violência não é determinante exclusivo do uso da violência na interação conjugal, mas, com certeza, participa no desenvolvimento dos indivíduos.

4.3 Considerações Finais

Neste estudo, tivemos a intenção de compreender a dinâmica interacional estabelecida pelos casais na etapa do ciclo de vida de famílias com filhos pequenos e o uso da violência na relação conjugal, entendendo a dinâmica interacional dos casais a partir do equilíbrio da individualidade e conjugalidade e o uso da violência como reguladora de distância.

Os casais deste estudo apresentaram uma interação em que se sobressai a dimensão da individualidade em relação à conjugalidade. Este funcionamento com predominância da individualidade parece criar uma certa distância entre os cônjuges. Os indivíduos passam a se mostrar descontentes com a relação conjugal, e isto fica evidenciado principalmente nas falas das mulheres. Na busca por maior intimidade e cumplicidade, surgem as queixas, discussões e, algumas vezes, até a violência física. A violência surge, então, como uma forma de conquistar mais intimidade entre os cônjuges quando o casal se vê absorvido pela situação e perde o controle das emoções (Bowen, 1991).

Ainda que pareça contraditório, o uso da violência passa a ser um recurso utilizado para manter o relacionamento, pois este é um mecanismo desencadeado para regular a distância entre os membros do casal (Bartle & Rosen, 1994). Nos casais que estão com a dimensão da individualidade destacada, como nos casos do presente estudo, a violência surge para buscar uma aproximação maior, e nos casais em que a conjugalidade está aumentada a violência surge como uma forma de restituir o "eu" e o "tu", permitindo, então, a manutenção de um "nós"

Durante o desenvolvimento deste estudo, alguns fatos ocorreram que merecem ser mencionados. Ao realizarem-se as entrevistas com os casais, muitos deles se viram mobilizados pelos conteúdos abordados, alguns chegaram a se emocionar, constituindo o espaço de investigação em um "espaço terapêutico", em que os casais puderam abordar temas difíceis, trocar idéias, comunicar seus pensamentos e sentimentos. Alguns casais se mobilizaram tanto que, ao encerrar a entrevista, receberam um encaminhamento da pesquisadora para serviços de atendimento psicológico, outros agradeceram a oportunidade de participação na pesquisa, revelando um sentimento de

ganho em colaborar com o estudo. Diante disto, permitimo-nos dizer que a pesquisa tornou-se um espaço de interação mais saudável dos casais, em que puderam falar e refletir sobre a interação conjugal de forma mais evoluída, controlando suas emoções com o pensamento (Bowen, 1991).

Na realização desta pesquisa, alguns aspectos nos chamaram atenção no sentido de ter impossibilitado uma maior compreensão da dinâmica interacional dos casais, e que merecem mais cuidado em futuras investigações. A primeira questão refere-se ao método de análise das interações familiares que utilizamos, adaptado do estudo de Destri (1996). A leitura dos dados ficou prejudicada pelo grande número de interações que a entrevista proporcionou. Talvez se o instrumento utilizado pelo estudo fosse outro, mais enxuto, a análise da interação ficasse mais viável. Sugerimos, portanto, que futuros estudos que objetivem focar as interações conjugais se utilizem de outro instrumento, ou optem por outro método de análise.

Uma outra questão a ser levantada é a de que uma melhor compreensão da dinâmica interacional do casal, no equilíbrio das dimensões de individualidade e conjugalidade, poderia ser alcançada em um estudo longitudinal, pois este nos permitiria acompanhar o funcionamento do casal antes e depois dos filhos, dando acesso também às principais mudanças nesta transição.

Vimos, na introdução deste estudo, que existem diferentes compreensões sobre a violência conjugal. Alguns autores relacionam a violência com aspectos demográficos, como fator econômico, etnia, nível de escolaridade, sexo, religião (Appel, 2002; Cunrad, Caetano & Schafer, 2002; Jasinski, 2001; Mead, 2001; Rosen & cols., 2002). Outros retratam a mesma sob a lógica da teoria feminista (Appel, 2002; Dilillo & cols., 2001; Gonzales Bravo, 2002; Mead, 2001; Miller & Bukva, 2001; Rosen & cols.,

2002), e há ainda a perspectiva que entende a violência como algo inerente às relações, classificando a violência conjugal em: violência comum entre os casais e violência patriarcal (Greene, 2002; Johnson, 1995).

Não há dúvidas de que todas estas perspectivas ajudam na compreensão deste fenômeno, pois o entendimento de diferentes abordagens poderá nos auxiliar na construção de conhecimento sobre o tema em questão. Entretanto, percebemos que são raras as pesquisas (ex. Salari & Baldwin, 2002; Bartle & Rosen, 1994) que têm por objetivo explorar a violência como um fator decorrente do desenvolvimento familiar, considerando os aspectos evolutivos do ciclo de vida da família, utilizando uma compreensão interacional do fenômeno.

A fase de família com filhos pequenos, foco deste estudo, é tida como um período de mudanças significativas, considerando que é o momento em que ocorre a passagem de interações diádicas para triádicas. A entrada de um terceiro em uma relação dual desorganiza a dinâmica interacional existente, exigindo uma reorganização dos pólos da individualidade e conjugalidade. Dos cinco casais, três referiram ter enfrentado um período difícil do relacionamento conjugal após o nascimento do filho (1, 3, 4) e três referiram ter utilizado a violência física (1, 4, 5). Estes dados sugerem que a entrada de um terceiro na relação conjugal pode representar uma grande ameaça, principalmente àqueles que apresentam reatividade emocional exagerada. As mudanças que ocorrem com o rompimento da dinâmica interacional existente e a necessidade de reorganização desta dinâmica pela entrada de um terceiro, exigem flexibilidade do sistema conjugal. Quando os casais não conseguem restabelecer o equilíbrio na interação podem ficar mais suscetíveis ao uso de violência. Deve-se ressaltar que o equilíbrio entre as dimensões de individualidade e conjugalidade no relacionamento não

é algo estático, mas sim um estado de equilíbrio dinâmico. A natureza dinâmica do equilíbrio é criada por um ajustamento contínuo do casal; mudanças ocorrem minuto após minuto, dia após dia. Cada cônjuge monitora cuidadosamente o outro através de sinais de mudança, sinais de “pouco” ou “muito” envolvimento (Kerr & Bowen, 1988).

Neste estudo, quatro dos cinco casais apresentaram o uso da violência física e todos manifestaram fazer uso da violência psicológica e verbal na relação. Tentando entender o uso da violência na interação conjugal das famílias com filhos pequenos, constatamos o predomínio da individualidade na interação do casal. Podemos pensar que as especificidades deste período podem provocar um desequilíbrio nas dimensões de individualidade e conjugalidade e ativar um modo de funcionamento com menor controle das emoções, que os leva a usar a violência como reguladora de distância para restabelecer o equilíbrio. Um casal que consegue manter o equilíbrio nas dimensões de individualidade e conjugalidade parece conseguir estabelecer uma interação sem utilizar a violência, ou seja, vimos que existe uma relação entre a dinâmica interacional do casal e o uso da violência. No presente estudo, o único casal que revelou uma dinâmica interacional equilibrada e sem uso de violência foi também o único que apresentou em sua entrevista a preservação de um tempo e espaço para o convívio apenas do casal.

O fato de os casais aqui estudados apresentarem a dimensão da conjugalidade diminuída está previsto na literatura, pois nesta etapa de vida o casal está envolvido com o cuidado com o filho, trabalho e administração da vida doméstica (Stern, 1997; Carter & McGoldrick, 1995), diminuindo o espaço para a intimidade e o diálogo privado. Talvez uma forma de não entrar neste funcionamento, cujos aspectos individuais estão se sobressaindo aos conjugais e em que o casal se vê lançado a utilizar a violência para manter a relação, seja investir em um espaço onde o casal possa

desenvolver a intimidade e a cumplicidade e, conseqüentemente, reforçar o pólo da conjugalidade (a exemplo do casal 3). Entretanto, no universo estudado parece ficar difícil a criação de um espaço conjugal, por outras necessidades ganharem prioridade, como as financeiras. Os casais que participaram deste estudo fazem parte de uma classe social menos favorecida, que se caracteriza por um envolvimento muito grande com o trabalho de pelo menos um dos cônjuges. Este envolvimento impede que se crie um espaço de dedicação às relações familiares e às relações conjugais, colocando as questões práticas e de sobrevivência acima das questões emocionais e de qualidade de relacionamento.

Gostaríamos ainda de levantar a questão da violência como um padrão de interação que se mantém geração pós-geração. Neste estudo, todos os casais tiveram experiência de violência psicológica e física em suas famílias de origem, seja como observadores da violência na relação conjugal dos pais, seja como vítimas da agressão dos pais. Parece que no universo em que realizamos o nosso estudo, classe média baixa, a violência é tida como um recurso aceito. Esta influência do meio acaba por permitir a perpetuação da violência, pois não exige dos indivíduos o desenvolvimento de recursos mais evoluídos. Entendemos que a violência nasce no seio familiar como um padrão de interação entre os membros do casal e da família e se mantém, ou ganha força, quando a sociedade mais ampla não questiona esta conduta.

Sem dúvida, pesquisas futuras com o uso de abordagens teóricas que contemplem a questão do desenvolvimento e a perspectiva interacional viriam contribuir enormemente na compreensão da violência conjugal. Entre estas futuras pesquisas, sugerimos investigar aspectos do desenvolvimento individual de cada um dos membros do casal e, em especial, o nível de diferenciação do *self*, relacionando este

com o uso da violência na interação conjugal. Este aspecto não pôde ser explorado no presente estudo. Seria interessante, investigar em que medida a preponderância da individualidade, observada nestes casais, e o uso da violência estão relacionados a um nível mais baixo de diferenciação do *self*. Para Bowen (1991) é a diferenciação do *self* que permitirá a estes indivíduos estabelecer intimidade e cumplicidade na relação conjugal sem ter a individualidade ameaçada.

V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). Tempo e mito em terapia familiar. Trad. Fiorangela Desidério. Porto Alegre: Artes Médicas.

Andolfi, M. & Saccu, A. (1995). O casal em crise. São Paulo: Sumus.

Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. Em M. Andolf (Org). O casal em crise (pp. 47-57), São Paulo: Sumus.

Appel, A. E. (2002). Co-occurring partner violence and physical child abuse: A test of competing models. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 62 (9-b).

Armstrong, T. G., Wernke, J., Medina, K., & Schafer, J. (2002). Do partners agree about the occurrence of intimate partner violence? A review of the current literature. Trauma Violence and Abuse, 3 (3), 181-183.

Baugh, S. (2001). An examination of relationship between male-to-female physical aggression and psychoactive substance use severity in men entering treatment for domestic violence. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 61 (9-b) 4971.

Billigham, R. (1987). Courtship violence: The patterns of conflict resolution strategies across seven levels of emotional commitment. Family Relations, 36 (3), 283-290.

Brazelton, T.B. & Cramer, B.G. (1992). As primeiras relações. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes.

Brasil (2002). Ministério da Saúde - Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde.

- Bowlby, J. (1989). Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego. Trad. Sonia Monteiro de Barros. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowen, M. (1991). De la familia al individuo: La diferenciación del si mismo en el sistema familiar. Trad. Beatriz Anastasi de Lonné. Buenos Aires: Paidós.
- Carneiro, T.F. (1996). Família: Diagnóstico e terapia. Petrópolis, Vozes.
- Carneiro, T.F. (1994). Terapia de casal: Um estudo sobre a manutenção e ruptura do casamento. Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, 2, 475-486.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Cervený, C. (1994). A família como modelo: Descobrimos a patologia. Campinas: Editorial Psy.
- Cirillo, S. & Blasio, P. (1991). Niños maltratados: Diagnóstico e terapia familiar. Trad. Nélica Bellani & Claudia Tarquati. Buenos Aires: Paidós.
- Cogan, R. & Porcerelli, J. (1996). Object relations in abusive partner relationships: An empirical investigation. Journal of Personality Assessment, 66 (1), 106-115.
- Cunrad, C., Caetano, R., & Schafer, J. (2002). Socioeconomic predictors of intimate partner violence among white, black, and hispanic couples in the United States. Journal of Family Violence, 17 (4), 377-389.
- Destri, F. S. (1996). Relações entre pais e filhos adolescentes e o processo da escolha profissional. Dissertação de Mestrado Não Publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Dillillo, D. e Cols. (2001). A close look at the nature of intimate partner violence reported by women with history of child sexual abuse. Journal of Interpersonal Violence, 16(2), 116-132.

Doumas, D.; Margolin, G. & John, R. (1994). The intergeracional transmission of aggression across three generations. Journal of Family Violence, 9 (2), 157-175.

DeMoris, A (2001).The influence of intimate violence on transitions out of cohabitation. Journal of Marriage and Family, 63 (1), 235-267.

Falicov, J.C. (1991).Transiciones de la familia: Continuidad Y cambio em el ciclo de vida. Buenos Aires. Amorrurtu.

Fishman. H.C. (1997). Tratando adolescentes com problemas: Uma abordagem da terapia familiar. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fraiberg, S., Adelson, E., & Shapiro, V. (1994). Fantasmas no quarto do bebê: Uma abordagem psicanalítica dos problemas que entravam a relação mãe-bebê. Revista CEAPIA, 7, 12-34.

Gonzales, B. e Cols. (2002). Representaciones sociales de la violencia en la pareja en la zona rural. Psykhe: Revista de la Escuela de Psicología, 10 (2), 37-46.

Greene, K. & Bogo, M. (2003). The different faces of intimate violence: Implications for assessment and treatment. Journal of Marital and Family Therapy, 28 (4), 455-466.

Grosman, C., Mesterman, S. & Adamo, M. (1989). Violencia en la familia. Buenos Aires: Editorial Universidad.

Graham, K. & Archer, J. (2003). Physical aggression and control in heterosexual relationships: The effect of sampling. Violence and Victims, 18 (2), 181-196.

Grotevant, H. D. & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships. A perspective on individual differences in the development of identity and role-taking skill in adolescence. Human Development, 29, 82-100.

Hackel, L. & Ruble, D. (1992). Change in marital relationship after the first baby is born: Predicting the impact of expectanancy disconfirmation. Journal of Personality and Social Psychology, 62 (6), 944-957.

Haley, J. (1989). Terapia no convencional: Las técnicas psiquiátricas de Milton Erickson. Buenos Aires: Amorrortu.

Hockenberry, S. L. (1995). Dyadic violence, shame and narcissism. Contemporary-Psychonalysis, 31 (2), 301-325.

Jablonski, B. (1978). Catarse da agressão: Um exame crítico. Dissertação de Mestrado Não Publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.

Jasinski, J. (2001). Psycical violence among anglo, african american, and hispanics couples: ethnic differences in persistence and cessation. Violence and Victims, 16 (5) 479-490.

Johnson, M. (1995). Patriarchal terrorism and commom couple violence: two forms of violence against womem. Journal of Marriage and Family, 51 (2), 283- 295.

Kernberg, O. (1992). Agression and love in the relationship of the couple. Psyche Zeitschrift fur Psychoanalyse und thre Anwendungen, 46 (9), 797-820.

Kerr, M. & Bowen, M. (1988). Family evaluation. New York: W.W. Norton & Company.

Klaus, M., & Kennel, J. (1993). Pais-bebê: A formação do apego. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Kurdek, L.A. (1993). Nature of prediction of changes in marital quality for first-time parent and nonparent husband and wives. Journal of Family Psychology, 6 (3), 255-265
- Lawrence, E. (2002). Understanding the trajectories of physical aggression in newlywed marriages. Dissertation Abstracts International: Section B: The Science and Engineering. 62 (8-b): 3807.
- Lewis, J. & Owen, M.T. (1995). Stability and change in family of origin recollections over the first four years of parenthood. Familiy Process, 34, 455-469.
- Lopes, R. C. S. & Castoldi, L. (1998). Entrevista com o casal sobre sua história. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Madanes, C. (1997). Sexo, amor e violência: Estratégias para a transformação. Trad. Maria do Carmo Mercedes Lopes e Sonia Maria Cerqueira Machado. Campinas: Editorial Psy.
- Marre, J. L. (1991). História de vida e método biográfico. Cadernos de Sociologia, 3 (3), 89-141.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (1985). Genograma en la evaluation familiar. Buenos Aires: Gedisa.
- Mead, L. (2001). The relationship of community attitudes toward battered wives to the race of the victim and the racial mix of the couple. Dissertation abstracts International: Section B, The Sciences and Engineering, 62 (2-b): 1091.
- Miermont, J. & cols. (1994). Dicionário de terapias familiares: Teoria e prática. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations from the ciclos of family therapy. Child Development, 56, 283-302.

- Minuchin, S. (1982). Famílias funcionamento e tratamento. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes médicas.
- Miller, J. & Bukva, K. (2001). Intimate violence perceptions: Young adult's judgments of abuse escalating from verbal arguments. Journal of Interpersonal Violence, 16 (2), 133-150.
- Murphy, C., Meyer, S. & O'Leary, K.D.(1994). Dependency characteristics of partner assaultive men. Journal of Abnormal Psychology, 103 (49), 729-735.
- Nelson, S. (2002). The intergeneration transmission of violence among white, black and hispanic couples: Using history of childhood abuse and witnessing parental violence to predict intimate partner violence in 1615 U.S. couple. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 63 (1-b), 542.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R.C. (1998). Terapia familiar: Conceitos e métodos. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas.
- O'Connor, M. (2002). Court mandated treatment for male batterers: communication skills as a test of treatment outcomes. Dissertation Abstracts International Section B: The Science and Engineering, 62 (9-b), 4230.
- Olson, L. (2002). Exploring "common couple violence" in heterosexual romantic relationships. Western Journal Of Communication, 66 (1), 104-128.
- Petzold, M. (1990). Marital satisfaction five years after the birth of the first child. Psychologie in Erziehung und Unterricht, 37 (2), 101-110.
- Piccinini, C., Lopes, R., Averbuch, A., Castoldi, L., Gianlupi, A. & Ribeiro, L. (1998a). Entrevista de dados demográficos do casal. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

- Piccinini, C., Lopes, R., Averbuch, A., Castoldi, L., Gianlupi, A. & Ribeiro, L. (1998b). Consentimento livre e esclarecido. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Ramos, M.M. (1994). Amor conjugal e terapia de casal. Em Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar. NUFAC, São Paulo.
- Rathus, J. H. & O'Leary, D. (1995). Spouse specific dependency scale: Scale development. Journal of Family Violence, 12 (2), 159-168.
- Rosen, K., Bartle-Haring, S. & Stith, S. (2001). Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. Journal of Family Issues, 22 (1), 124-142.
- Rio Grande do Sul (2003). Secretaria da Saúde. Núcleo de Informações em Saúde. Estatística de saúde; Mortalidade 2002. Porto Alegre: Secretaria Estadual de Saúde.
- Salari, S. & Baldwin, B. (2002). Verbal, physical and injurious aggression among intimate couples over time. Journal of Family Issues, 23 (4), 523-550.
- Sager, (1980). Contrato matrimonial y terapia de pareja. Buenos Aires: Amorrortu.
- Schafer, J. & Caetano, R. (1998). Rates of intimate partner violence in the United States. American Journal of Public Health, 88 (11), p. 1702.
- Satir, V. (1972). Peoplemaking. Palo Alto: Science and Behavior Books.
- Severino, R. (1996). Casais construindo seus caminhos: A terapia de casal e a família de origem. Em L.C. Prado (Org.) Família e terapeutas: Construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, C. N. (1994). Manutenção e ruptura na terapia de casal. Anais do I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, 2, 487-502.

Stake, R. (1994). Case Studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.). Anais do I Handbook of Qualitative Research. Londres: Sage.

Stern, D. (1997). A constelação da maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê.

Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

Veroff, J., Sutherland, L., Chadiha, L. & Ortega, R. (1993). Newlyweds tell their story: A narrative method for assessing marital experience. Journal of Social and Personal Relationship, 10, 437-457.

Whitaker, C. & Bumberry, W.M. (1990). Dançando com a família. Trad. Rose Eliane Starosta. Porto Alegre: Artes Médicas.

Willi, J. (1978). La pareja humana: Relación y conflicto. Madrid: Edicions Morate.

Wilson, M., Jovic, V. & Daly, M. (2001). Extracting implicit theories about the risk of coercive control in romantic relationships. Personal Relationships, 8 (4), 457-477.

APÊNDICE A

Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento

(GIDEP - UFRGS)

Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa visa investigar a dinâmica de casais que estejam na fase de transição do casal para a família, ou seja, casais que estejam passando pela experiência de parentalidade pela primeira vez.

Serão realizadas pelo pesquisador duas entrevistas com o casal, as quais serão acompanhadas por um auxiliar de pesquisa. As entrevistas serão gravadas em vídeo e áudio, para melhor avaliação e estudo das interações familiares.

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a dinâmica interacional do casal.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das entrevistas realizadas com o casal.

As pesquisadoras responsáveis por este Projeto de Pesquisa são as psicólogas Fernanda Vaz Hartmann e a Dr^a. Rita Sobreira Lopes, que poderão ser contatadas, respectivamente, pelos telefones 3231-80-33 e 3316-51-45.

Data: _____

Nome e assinatura dos participantes: _____

APÊNDICE B

Autorização para Uso da Imagem

Esta pesquisa visa investigar a dinâmica relacional de casais que estejam na fase de transição do casal para a família. Para tanto serão realizadas pelo pesquisador duas entrevistas com o casal, sendo estas acompanhadas por um segundo membro (auxiliar de pesquisa) que comandará uma câmara de vídeo a fim de registrar as interações conjugais que se dão durante as entrevistas. Também haverá na sala um gravador que registrará em áudio o conteúdo das entrevistas. O registro em áudio e vídeo permitirá o detalhado estudo das interações do casal. Estes registros serão utilizados somente para fins da pesquisa e do tratamento psicoterápico. Esta autorização pode ser cancelada, a pedido de casal ou de um dos cônjuges, a qualquer momento desejado.

Pela presente autorização para uso da imagem, declaro que fui esclarecido, de forma clara e detalhada, livre de qualquer constrangimento, dos objetivos, justificativa e procedimentos a que serei submetida na qualidade de participante desta pesquisa

Data. _____

Nome e assinatura dos participantes:

APÊNDICE C

Entrevista de Dados Demográficos do Casal

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupe, & Ribeiro, 1998a)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e seu marido:

Esposa:

Nome

Data de Nascimento:.....Idade:.....

Escolaridade (ano concluído):.....

Religião:Praticante: () sim () às vezes () não

Estado civil: () casada () separada () solteira () viúva () com companheiro

Moras com o pai do bebê? () sim () não. Desde quando?.....

Quem mais mora na casa?.....

Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?.....

O que tu fazes(ias)?.....Horas/semana.....

Grupo étnico:.....

Foi tua primeira gravidez?.....(Se não for) Tens outros filhos?.....

Como foi tua saúde durante a gravidez?.....

Marido

Nome:

Data de Nascimento:.....Idade:.....

Escolaridade (ano concluído):.....

Religião:Praticante: () sim () às vezes () não

Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?.....

O que tu fazes(ias)?.....Horas/semana.....

Grupo étnico:.....

Tens outros filhos?.....

Endereço para contato:.....

Cidade:.....CEP.....Telefone.....

Telefone emprego/contato: Esposa:Marido:.....

Telefone de parente/amigo para contato:.....

APÊNDICE D

Entrevista com o Casal

Nome da Esposa:.....

Nome do Marido:.....

Data da Entrevista:.....

Entrevistador:.....

"Eu gostaria que vocês me contassem a história do seu relacionamento, desde que vocês se conheceram até como pensam a vida no futuro. Gostaria que me falassem de sua vida juntos, como se fosse uma história, com um início, um meio e um fim. Vocês não precisam concordar com a história, eu vou escutar o que os dois falam. Falem da forma que for mais fácil para vocês..."

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos).

Vocês poderiam me falar um pouco mais sobre ...

Namoro:

- Como vocês se encontraram;
- O que levou vocês se interessarem um pelo outro;
- Como era o namoro (rotina, trabalho, lazer, negociações, brigas, ciúmes);
- Até quando vocês viveram com os pais de vocês;

- Como foi a saída da casa dos pais;

Casamento:

- Como foi a decisão de morarem juntos (casarem);
- Como as famílias de origem aceitaram a união de vocês;
- Como foi o início da vida a dois, logo após a união (período de adaptação);

Como está sendo a vida a dois agora (rotina, trabalho, lazer, negociações, brigas):

- O que acontece quando o seu marido/esposa (parceiro(a)) é frustrado ou as coisas não correm a maneira dele(a)?
- Como são as brigas do casal e com que frequência elas ocorrem?

Brigas

- Que tipo de agressão vocês utilizam nas brigas (psicológica, verbal, física)?
- Alguma vez vocês já brigaram de se bater?
- Alguma vez houve ameaça de agressão física e morte?
- Em algum momento sentiste medo de seu marido/esposa (parceiro(a))? Em que situação?
- Que tipo de violência você já sofreu de seu marido/esposa (parceiro(a))? Conte como foi.
- Quando vocês brigam alguém de vocês destrói objetos que são importantes para o outro?

Ciúmes

- Como é o ciúme na relação de vocês? Vocês se acusam de ter relações amorosas com outros homens/mulheres?
- O ciúmes leva a proibições do tipo sair de casa, buscar emprego ou freqüentar a escola?

Sexo

- Como é a vida sexual de vocês?
- Em algum momento o sexo é usado para fazer as pazes? Acontece depois de uma discussão?

Vida pregressa- Você já esteve em alguma relação, tirante a relação conjugal, em que você foi vítima de agressão física? Conte como foi.

- Existe algum membro de tua família que usa da agressão nas relações que estabelece?
- Alguma vez presenciaste, ou ficaste sabendo, que houve violência entre os teus pais?
- Alguma vez apanhaste de teus pais? Como foi?

Nascimento do Filho:

- Como ficou a vida de vocês após o nascimento do bebê;
- Era como vocês imaginavam;
- O que mudou nos planos de vocês;
- Como tem sido o relacionamento de vocês três;
- Como tem sido o relacionamento do casal?
- Após o nascimento do bebê como ficaram as brigas e os desacordos do casal?
- Quais são os motivos mais freqüentes que levam o casal a se desentender?

- Como vocês administram os desacordos?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?
- O seu marido/esposa (parceiro(a)) bate no bebê?

Rotina

- Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordaram até que o último de vocês vai dormir...
- Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família?
- Vocês costumam sair ou ficar em casa?

Expectativas para o Futuro

- O que vocês esperam para o relacionamento do casal no futuro

APÊNDICE E

Genograma Familiar do Casal

(Adaptado de Carter & McGoldrick, 1989, por Castoldi & Sobreira Lopes, 1998)

Nome da Esposa:.....

Nome do Marido:.....

Data da Entrevista:.....

" Eu gostaria que vocês me ajudassem a fazer o desenho das famílias de origem de vocês: dos seus pais, irmãos, tios e avós...Gostaria que me contassem quem são as pessoas que fazem parte de sua família, quais as idades e suas ocupações...Eu gostaria de assinalar as pessoas que já morreram, que estão doentes ou que apresentam alguma situação especial... Podem começar por onde quiserem... Cada um fala da sua própria família... Quem quer começar?..."

(Caso não fique explícito retomar, os seguintes tópicos):

Vocês poderiam me falar um pouco sobre ...

1. Como é o relacionamento entre as pessoas da família de vocês?
2. Existe alguma ligação especial entre os familiares?
3. Existe alguma briga especial entre alguns familiares?

4. Eu agora vou listar para vocês uma série de dificuldades (eventos estressores) e gostaria que vocês me falassem quando algum deles aconteceu com vocês próprios, ou com a família de vocês:

- hospitalização
- doença grave da família
- doença mental
- uso constante de medicação
- acidente
- nascimento de filho doente
- adoção
- aborto
- afastamento temporário de filho
- entrada ou saída de pessoas na família
- mudança de cidade
- mudança de endereço
- aposentadoria
- encarceramento
- separação do casal
- conflitos graves na família
- perda ou mudança de emprego
- perda de pessoas da família
- perda de amigos
- violência conjugal
- uso de álcool e/ou drogas

5. Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

APÊNDICE F

Análise da Interação dos Casais

1. Casal 1: Fábio e Luciane

A história do casal:

A pesquisadora introduz um tema: F e L se olham e F pergunta se L quer falar (m), depois F começa a contar a história (a); F pede confirmação à L (m) e L confirma (m). A pesquisadora pede confirmação e o casal confirma, L balança a cabeça positivamente (a), F responde (a) e continua desenvolvendo sua resposta. A pesquisadora intervém: L concorda com a cabeça (a) e F continua explorando o tema (a). A pesquisadora pergunta: L e F respondem simultaneamente ("a" para L e F) e F continua respondendo por mais tempo. A pesquisadora introduz questão sobre o namoro: o casal se olha ("m" para L e F), F começa a responder (a), L confirma o que F diz (p) e F continua falando, F pede confirmação à L (m), L atende (m) e F continua a responder (a).

A pesquisadora pergunta ao casal por que se escolheram: L olha para F (m), mas F não olha L (d) e começa a responder (a), F solicita participação de L (m), L atende (m) e F repete confirmando a resposta de L (p). A pesquisadora faz pergunta direta à L e L responde (a). A pesquisadora introduz nova pergunta: L responde (a) e pede confirmação (m) a F, F concorda (p). A pesquisadora tenta esclarecer, L responde (a) e F continua explorando mais a resposta (a); L então fala junto com F complementando-o (m), F continua falando (a) e olha para L (m), L sorri para F (m). A pesquisadora introduz nova pergunta: L inicia a responder (a) e F começa a responder sem considerar

a resposta de L (a), L concorda com F (p), F continua respondendo (a) e L introduz nova idéia (a), F segue respondendo sem levar em conta a resposta de L. A pesquisadora questiona e o casal responde simultaneamente ("a" para L e F). A pesquisadora faz outra pergunta e os dois respondem ao mesmo tempo de novo ("a" para L e F). A pesquisadora pede confirmação e ambos novamente respondem na mesma hora ("a" para L e F), L concorda (p) com F e F continua explorando.

Ciúmes e brigas no namoro:

A pesquisadora introduz pergunta sobre brigas: F responde (a) e L concorda (p). A pesquisadora pergunta sobre ciúmes: o casal responde simultaneamente ("a" para L e F). A pesquisadora questiona: F responde (a) e L concorda (p). A pesquisadora confirma: L responde (a) e F concorda (p). A pesquisadora faz outra pergunta: F responde (a) e L concorda (p). A pesquisadora pergunta algo diretamente para L e L responde (a). A pesquisadora faz pergunta para F e F responde (a); depois a pergunta é dirigida à L e L responde (a), F continua explorando a pergunta (a). A pesquisadora confirma e ambos respondem na mesma hora ("a" para L e F). A pesquisadora dirige uma pergunta para L e L responde (a); a pesquisadora confirma com L e L responde (a). A pesquisadora faz nova pergunta: L responde (a) e olha para F solicitando sua participação (m); F responde (a) e solicita esclarecimento à L (m), L atende (m), mas discorda (d) de F, F discorda (d) e L concorda (p) com F, F por fim continua a explorar o tema (a). A pesquisadora pede esclarecimento e ambos respondem simultaneamente ("a" para L e F), F continua falando (a) e L concorda com o que F disse (p). A pesquisadora pergunta para F e F responde (a), L concorda (p) com F. A pesquisadora confirma com L e L explica (a), F complementa (m) e L concorda (p) com F. A

pesquisadora sintetiza a resposta do casal e os dois respondem ("a" para L e F), F continua e coloca novas idéias (a).

Casamento:

A pesquisadora introduz pergunta: F responde (a) e pede participação de L (m), L atende (m), F continua (a). A pesquisadora pergunta de novo e L responde (a). É feita outra pergunta e os dois respondem ("a" para L e F), F pergunta algo para L (m), mas L não responde (d). A pesquisadora dirige uma pergunta para L e L responde (a), discordando do que F falou (d). A pesquisadora pergunta ao casal, mas F interrompe e introduz novo tema (a). A pesquisadora resume o que F disse: L concorda (p) e continua falando (a) explorando o tema de forma diferente da de F (d). A pesquisadora tenta esclarecer: L responde (a), F concorda (p) e continua falando (a). A pesquisadora resume e ambos respondem ("a" para L e F). A pesquisadora faz uma pergunta nova e o casal responde ("a" para L e F), F continua explorando o tema (a). A pesquisadora pergunta e o casal responde ("a" para L e F).

Brigas no casamento:

A pesquisadora introduz nova pergunta: L responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta e L responde novamente (a). A pesquisadora questiona e o casal balança a cabeça para responder ("a" para L e F). É feita outra pergunta: L responde (a), F complementa (m) e L concorda (p). F começa a introduzir novas questões (a), detalhando seu envolvimento com diferentes vícios e nesse momento a criança chama a mãe; a mãe se volta para o filho enquanto F continua sua exposição. A pesquisadora pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora questiona o casal: F olha para L

solicitando que inicie (m), L diz que não (d), F emite opinião de forma vaga (a). A pesquisadora repete explicando: L responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida para L e L responde (a), F concorda (p) com L.

A pesquisadora faz nova pergunta e F responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta e L responde (a), F concorda (p). A pesquisadora questiona algo novo: F responde (a), L concorda (p). A pesquisadora pergunta reformulando: F responde (a), L concorda (p). A pesquisadora faz outra nova pergunta e L responde (a), F também (a). A pesquisadora pergunta: L responde (a) e F discorda (d), então L concorda (p). A pesquisadora pergunta e F responde (a) explorando o tema. A pesquisadora direciona pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora pergunta e F responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta e F responde (a); a pesquisadora retoma a pergunta e ambos respondem ("a" para L e F). A pesquisadora pergunta algo à L e L responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta à L e L responde (a). A pesquisadora pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora faz nova questão: F responde (a). A pesquisadora questiona F e F responde (a); a pesquisadora faz outra pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora pergunta a F de novo e F responde (a); a pesquisadora pergunta outra coisa a F e F responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta: L balança a cabeça respondendo (a) e F também (a), mas explora mais o tema; neste momento a criança vai para o meio do casal. A pesquisadora retoma direcionando a F e F responde (a).

Ciúmes no casamento:

A pesquisadora introduz pergunta e F responde (a), L concorda (p). A pesquisadora faz uma pergunta direciona a F e F responde (a); depois a pergunta é feita para L e L responde (a). A pesquisadora questiona: F responde (a) e L concorda (p), F

continua explicando (a), L finalmente responde a pergunta (a). A pesquisadora faz uma pergunta à L e L responde; depois pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta: L solicita resposta de F (m), F então responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta para F e F responde (a); a pesquisadora então sintetiza e F responde (a) novamente. A pesquisadora faz outra pergunta a F e F responde (a); depois pergunta à L e L responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta e ambos respondem ("a" para L e F) se olhando antes ("m" para L e F). A pesquisadora pergunta e L responde vagamente (a), F solicita esclarecimento à pesquisadora (a) e depois responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a F e F responde (a).

A pesquisadora faz uma nova pergunta: L responde (a); a pesquisadora retoma e L responde (a), F complementa (p), L concorda (p) e F continua explicando (a). A pesquisadora pergunta e o casal responde ("a" para L e F). A pesquisadora questiona: L responde (a); depois outra pergunta é direcionada à L e L responde (a). A pesquisadora direciona pergunta a F e F responde (a); a pesquisadora pergunta outra coisa a F e F responde (a). A pesquisadora questiona F novamente e F responde (a), L complementa (m) e F concorda (p). A pesquisadora faz uma nova questão: L responde (a) e depois F responde também (a). A pesquisadora pergunta algo a F e F responde (a); a pesquisadora faz uma pergunta para L e L responde (a). A pesquisadora introduz nova pergunta e L responde (a). A pesquisadora dirige pergunta à L e L responde (a); outra pergunta é feita para L e L responde (a), depois é feita para F e F responde (a) A pesquisadora dirige outra pergunta a F e F responde (a).

Gravidez:

A pesquisadora faz uma nova questão: L responde (a), F ajuda (m), L continua (a). A pesquisadora reformula e F responde (a), L complementa (p) e F continua (a); L complementa (m), F explica (p). A pesquisadora sintetiza para F e F responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta para L e L responde (a); a pesquisadora faz outra pergunta à L e L responde (a). A pesquisadora pergunta ao casal: L responde (a), depois F também (a), L concorda (p) e F continua (a). A pesquisadora faz outra questão: F responde (a), L complementa (p) e F continua (a). É feita outra pergunta: F responde (a), L concorda (p). A pesquisadora faz outra pergunta e F responde (a), depois L também (a), F continua explorando o tema (a). A pesquisadora confirma com F e F responde (a).

A pesquisadora faz uma nova questão: F responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta a F e F responde (a); a pergunta é então dirigida para L e L responde (a), F complementa (m) e L concorda (p). A pesquisadora faz outra pergunta dirigida à L e L responde (a), F também responde, mencionando L (m). A pesquisadora dirige pergunta a cada membro do casal: ambos respondem ("a" para L e F). A pesquisadora faz uma nova pergunta: L olha para F (m) e F responde (m), L depois se refere ao tema de forma diferente (d). A pesquisadora então retoma e L responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta: L responde (a), F estimula L a falar (m) e L responde (m). A pesquisadora questiona L e L responde (a). A pesquisadora faz uma nova pergunta: F responde (a) e solicita que L participe (m), L concorda (p) com F; F continua explicando (a), L dá sua opinião (a) e F continua (a). A pesquisadora pergunta à L e L responde (a). A pesquisadora retoma: L responde (a), F também (a) e L concorda (p). É feita nova pergunta: L responde (a), F também (a). A pesquisadora pergunta a F e F

responde (a). A pesquisadora faz então nova pergunta: L responde (a), F concorda (p) continuando a explorar o assunto (a). A pesquisadora dirige pergunta a F e F responde (a).

Rotina:

A pesquisadora pergunta e F responde (a). Uma pergunta é feita ao casal e ambos respondem ("a" para L e F), F continua explorando o tema (a). A pesquisadora faz outra pergunta e os dois respondem ("a" para F e L). A pesquisadora direciona então uma pergunta à L e L responde (a). Outra pergunta é dirigida à L e L responde (a). A pesquisadora faz uma questão e L responde (a). A pesquisadora introduz nova pergunta: F responde (a) e L também (a), F continua falando; L chama o filho para o seu colo, mas ele não vem. A pesquisadora faz uma pergunta para F e F responde (a). A pesquisadora questiona e F responde (a), L complementa (m). A pesquisadora faz outra pergunta e ambos respondem ("a" para F e L). A pesquisadora dirige pergunta a F e F responde (a); depois a pergunta é direcionada para L e L responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta para F e F responde (a). Uma pergunta é feita para o casal e os dois respondem ("a" para F e L). A pesquisadora faz uma nova pergunta: F responde (a), L concorda com a cabeça (p). A pesquisadora questiona F e F responde (a), L acrescenta diferenciando sua idéia da de F (d), F concorda (p) e L continua sua explicação (a). A pesquisadora retoma e F responde (a). A pesquisadora retoma outra questão: F responde (a) e depois L também (a).

Expectativas para o Futuro:

A pesquisadora introduz nova questão: L responde (a). A pesquisadora dirige a pergunta a F e F responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para F e F responde (a). A pesquisadora solicita à L que repita o que tinha dito e L atende (a), depois de ter pedido esclarecimento (a). A pesquisadora retoma e L responde (a), F concorda (p), L por fim provoca F (d).

Tabela F1

Interação do Casal 1

		Categorias de Interação							
		Auto - Asserção		Diferenciação		Mutualidade		Permeabilidade	
		ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA
Categorias Temáticas	História do Casal	14	11	01	08	06	08	02	03
	Ciúmes e Brigas no Namoro	13	10	01	01	02	02	01	07
	Casamento	09	08	0	03	02	01	01	01
	Brigas no Casamento	22	13	01	01	02	0	02	04
	Ciúmes no Casamento	22	16	00	00	01	03	02	03
	Gravidez	23	17	01	0	06	03	02	07
	Rotina	15	11	0	01	0	01	01	01
	Expectativas para o Futuro	02	04	0	01	0	0	01	0
	Total	120	88	04	07	19	18	12	26

2. Casal 2 - Miro e Veruza

A história do casal:

A pesquisadora pede que o casal conte sua história: V começa (a), M complementa (m) e V concorda (p), M continua a contar (a) e V complementa (m). A pesquisadora retoma e ambos respondem ("a" para V e M), V concorda (m), continua (a) e pede participação de M (a), M atende (m). A pesquisadora pergunta: M e V respondem simultaneamente ("a" para V e M), V continua sua resposta (a) e M continua falando o que V tinha dito (m), V então retoma trazendo idéia nova (a) e M

complementa (m); V continua sua explicação (a), M complementa o que V falou (m) e V concorda (p), M complementa (m), V continua o que M falou (m). A pesquisadora retoma e ambos respondem ("a" para V e M), M continua explicando (m) e V complementa (m); M então traz idéia nova (a), V complementa (m), M concorda (p) e V segue explicando (a). A pesquisadora pede confirmação e M lhe confirma (a), V responde com a cabeça (a). A pesquisadora faz uma pergunta e o casal responde ("a" para V e M). A pesquisadora faz uma pergunta para cada um deles e ambos respondem ("a" para V e M). A pesquisadora faz outra questão e os dois respondem novamente ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta e M responde (a), V também responde (a) e continua explicando. A pesquisadora faz uma nova questão: V responde (a) e M complementa (m). A pesquisadora confirma e ambos respondem ("a" para M e V), M complementa (m). A pesquisadora retoma: M e V respondem ("a" para M e V), V continua (a).

A pesquisadora pergunta o que levou um a se interessar pelo outro e V responde (a). É feita uma pergunta dirigida a M e M responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para M e M responde (a), V complementa (m), M concorda (p) e explica (a) e V por fim complementa (m). A pesquisadora questiona e o casal responde ("a" para V e M), M continua explicando (a) e V complementa (m). É feita outra pergunta e os dois respondem ("a" para V e M).

Ciúmes e Brigas no Namoro:

A pesquisadora pergunta sobre brigas e ciúmes e V responde (a). A pesquisadora pergunta e M responde (a), V complementa (m), M concorda (p). A pesquisadora dirige pergunta a M: M responde (a) e continua explicando. A

pesquisadora direciona outra pergunta a M e M responde (a); novamente a pesquisadora lhe pergunta e M responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para M e M responde (a). A pesquisadora pergunta a M sobre a saída da casa da família e M responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para M e M responde (a). É feita uma questão para V e V responde (a), M concorda (p). A pesquisadora pergunta ao casal e os dois respondem ("a" para V e M). É feita uma pergunta dirigida à V e V responde (a), M complementa (m), V concorda (p) e explica. A pesquisadora faz uma pergunta para V e V responde (a). A pesquisadora retoma e o casal responde ("a" para V e M), V continua, M traz uma idéia nova (a), V continua falando a partir do que M falou (m), M complementa (m) e V concorda (p). A pesquisadora faz uma pergunta e ambos respondem ("a" para V e M), V continua explorando e M complementa (m), V continua (a), M complementa novamente (m), V concorda (p) e continua falando, M confirma (m). A pesquisadora pergunta e o casal responde ("a" para V e M), M continua e V acrescenta dados (a).

A pesquisadora pergunta sobre período de adaptação e o casal responde ("a" para V e M), M complementa (m), V concorda (p) e continua (a), M complementa (m) e V continua. A pesquisadora faz uma pergunta para V e V responde (a), M complementa com nova idéia (m), V e M continuam a explorar suas idéias, V concorda (p), M continua explorando o que dizia. A pesquisadora retoma com V e V responde (a), M complementa (m), V concorda (p); M continua (a), V complementa (m) e M continua falando.

Casamento:

A pesquisadora pergunta sobre vida atual, rotina, lazer: V responde sobre brigas (a), M concorda (p). A pesquisadora pergunta e V responde (a), M introduz nova idéia

(a), V concorda (p) e continua explorando (a) e M complementa (m). A pesquisadora pergunta e ambos respondem ("a" para V e M), V continua, M complementa (m) e V continua (a), M complementa (m) e V concorda (p). A pesquisadora retoma e os dois respondem ("a" para V e M), V continua (a) e M introduz nova idéia (a), V complementa (m). A pesquisadora faz uma nova questão: V e M respondem simultaneamente ("a" para V e M), V continua e refere M (m), M concorda (p) e complementa (m). A pesquisadora faz outra pergunta e o casal responde ("a" para V e M).

Brigas no casamento:

A pesquisadora pergunta sobre brigas e o casal responde ("a" para V e M), V explora a pergunta (a). A pesquisadora retoma e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta e V responde (a), M complementa (m), V complementa (m) e M continua falando. A pesquisadora faz outra pergunta e ambos respondem ("a" para V e M), V continua e M complementa (m), V continua (m) e M também explora o tema (m). A pesquisadora confirma e os dois respondem ("a" para V e M), V continua.

A pesquisadora pergunta sobre tipos de agressão e M responde (a), V complementa (m); o menino então, solicita atenção e V o atende rapidamente. A pesquisadora pergunta: M responde (a) e V concorda (p). A pesquisadora faz outra pergunta e o casal responde ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta se o casal já se bateu: V responde (a), M concorda (m) e V continua (a). A pesquisadora faz outra pergunta e V responde (a). É feita uma pergunta para V e V responde (a); V continua e M se volta para o filho, depois M fala o que V disse (p) e V continua (a). A pesquisadora dirige pergunta à V e V responde (a). A pesquisadora dirige então uma

pergunta para M e M responde (a), V complementa (m), M continua (a); neste momento o menino pede atenção à V.

A pesquisadora pergunta sobre fim-de-semana e o casal responde ("a" para V e M), M continua (a). É perguntado ao casal sobre ameaça de bater: V responde (a), M pede esclarecimento (a); V responde novamente (a) e M também (a). A pesquisadora questiona sobre medo do companheiro: ambos respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta sobre outros tipos de violência e os dois respondem ("a" para V e M). É feita uma pergunta sobre destruir coisas: ambos respondem ("a" para V e M).

Ciúmes no Casamento:

É feita uma pergunta: ambos respondem ("a" para V e M). A pesquisadora faz uma pergunta e V responde (a). A pesquisadora pergunta sobre restrições e V responde (a). É dirigida uma pergunta a M: M responde (a) e pede esclarecimento (a), depois vagamente responde (a). A pesquisadora pede que V esclareça: V responde (a) e continua, M discorda (d). A pesquisadora faz uma pergunta e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta sobre vida sexual: V responde (a), depois M responde (a) e V concorda (p). A pesquisadora faz outra pergunta: V responde (a) e continua explorando (a), M concorda (p) e V continua desenvolvendo. A pesquisadora faz uma pergunta e ambos respondem ("a" para V e M), M continua e V complementa (m). É feita outra pergunta e o casal responde ("a" para V e M). A pesquisadora questiona e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta e M responde (a), V concorda (p), M continua; B introduz nova idéia (a) e M concorda (p), o casal então explora junto o tema. A pesquisadora retoma e os dois respondem ("a" para V e M). É feita uma pergunta e B responde (a) e M concorda (p).

A pesquisadora pergunta sobre agressão física e os dois respondem ("a" para V e M). Pergunta-se sobre outras agressões: ambos respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta sobre violência na família: M responde (a), V pede esclarecimento (a); depois do esclarecimento o casal responde simultaneamente ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta sobre agressão física entre os pais do casal e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora pede que V esclareça e V responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta à V, V responde (a) e continua explorando. A pesquisadora faz outra pergunta à V e V responde (a); novamente se pergunta à V e V responde (a). A pesquisadora pergunta sobre outros tipos de violência entre os pais do casal: M pede esclarecimento (a) e depois o casal responde ("a" para V e M). A pesquisadora dirige pergunta a M e M responde (a). Pergunta-se sobre apanhar e V responde (a), depois V explica toda a história (a). A pesquisadora questiona M e M responde (a). É feita outra pergunta a M e M responde (a), V emite opinião (m). A pesquisadora pergunta a M e M esclarece (a). Outra pergunta é feita e M responde (a); o filho chama atenção, M retoma sua resposta (a).

Gravidez:

A pesquisadora pergunta sobre o período de gravidez: V começa a responder (a) e M responde (a), V complementa (m); V continua (a) e o filho pede que o pai que desenhe para ele. A pesquisadora questiona e V responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida à V e V responde (a). É feita outra pergunta para V e V responde (a). A pesquisadora pergunta sobre a vida depois da vinda do bebê e M responde (a), V complementa (m), M concorda (p). A pesquisadora questiona e ambos respondem ("a" para V e M). Outra pergunta é feita e o casal responde ("a" para V e M), M continua e V

complementa (m). A pesquisadora pergunta outra questão e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora faz outra pergunta e o casal responde ("a" para V e M), V continua e solicita participação de M (m), M atende (m); V esclarece e continua (a), M complementa (m). A pesquisadora faz nova questão e o casal responde ("a" para V e M), o filho se aproxima.

A pesquisadora pergunta sobre as mudanças e os dois respondem ("a" para V e M). A pesquisadora faz outra pergunta e V responde (a); a pergunta é dirigida a M e M responde (a). A pesquisadora questiona sobre a relação dos três (V, M e o filho): M responde (a), depois V também (a) e V continua explicando (a). É feita uma pergunta e V responde (a), M complementa (m). A pesquisadora pergunta sobre a relação do casal depois do nascimento do filho: ambos respondem ("a" para V e M). A pesquisadora faz outra pergunta e os dois respondem ("a" para V e M), depois V explora mais o tema (a); pergunta-se sobre brigas após o nascimento, M responde (a) e V fala o mesmo com outras palavras (p). A pesquisadora pergunta: V responde (a), M depois também responde (a). Pergunta-se sobre motivos de desentendimento: M se volta para o filho, V responde (a) e M complementa (m), V continua (a). A pesquisadora retoma e o casal responde simultaneamente ("a" para V e M). A pesquisadora pergunta e V responde (a); outra pergunta é feita e V responde (a) novamente. A pesquisadora questiona e ambos respondem ("a" para V e M), M introduz novo dado (a), V concorda (p) e continua falando a seu respeito (a). A pesquisadora dirige pergunta à V e V responde (a); depois dirige a M e M responde (a).

A pesquisadora pergunta sobre discordâncias nos cuidados com o bebê e M responde (a). A pesquisadora pergunta, V responde (a) e M concorda (p); a pesquisadora confirma e M responde (a). É feita uma pergunta dirigida à V e V

responde (a). Pergunta-se sobre bater no bebê e M responde (a), V complementa (m). A pesquisadora faz uma pergunta a M e M responde (a); depois pergunta à V e V responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta: M responde (a) e V concorda (p). É feita uma pergunta para M e M responde (a); a pesquisadora pede que M esclareça, M responde (a) e V complementa (m). A pesquisadora questiona sobre a creche e V responde (a), M concorda (p). Outra pergunta é feita e V responde (a), M também (a); V complementa (m) e M concorda (p). A pesquisadora faz uma pergunta e o casal responde ao mesmo tempo ("a" para V e M).

Rotina:

A pesquisadora pede que descrevam um dia e M pede esclarecimento (a); depois M responde (a). É feita uma pergunta e ambos respondem ("a" para V e M), V continua, M complementa (m), V continua (a), M complementa novamente (m); V continua, M complementa (m) e V continua. A pesquisadora pergunta para V e V responde (a), M complementa (m), V continua. A pesquisadora faz outra pergunta e V responde (a). A pesquisadora dirige pergunta a M e M responde (a). Questiona-se o casal e ambos respondem ("a" para V e M), M continua explicando (a).

A pesquisadora pergunta sobre o fim-de-semana e M responde (a), V concorda (p). É feita uma nova pergunta e M responde (a). A pesquisadora pergunta: V responde (a) e M também (a). É feita outra pergunta: M responde (a), V concorda (p) e continua explorando (a). A pesquisadora pergunta e os dois respondem ("a" para V e M), V continua falando (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a M e M responde (a); outra pergunta é feita para M e M responde (a). Pergunta-se sobre o domingo e M responde (a), V complementa (m) e M concorda (p). A pesquisadora pergunta a M e M

responde (a). A pesquisadora questiona e os dois respondem ("a" para V e M), V continua (a), M complementa (m), V concorda (p) e continua explorando o assunto (a). A pesquisadora pergunta e V responde (a).

A pesquisadora pergunta sobre os cuidados do filho e M pede esclarecimento (a); depois o casal responde ("a" para V e M). A pesquisadora dirige pergunta à V e V responde (a). A pesquisadora retoma e ambos respondem ("a" para V e M). É feita outra pergunta: o casal responde ("a" para V e M), V continua e M complementa (m), V concorda (p). A pesquisadora questiona e os dois respondem ("a" para V e M), M continua (a).

Expectativas para o futuro:

A pesquisadora pergunta o que esperam para o casal no futuro: M pede esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora dirige a pergunta à V e V responde (a). Outra pergunta é feita e V responde (a), M complementa (m) e V concorda (p). A pesquisadora questiona e o casal responde ("a" para V e M), M continua. Faze-se outra questão: ambos respondem ("a" para V e M).

Tabela F2

Interação do Casal 2

		C a t e g o r i a s d e I n t e r a ç ã o							
		A u t o - A s s e r ç ã o		D i f e r e n c i a ç ã o		M u t u a l i d a d e		P e r m e a b i l i d a d e	
		E L E	E L A	E L E	E L A	E L E	E L A	E L E	E L A
C a t e g o r i a s T e m á t i c a s	História do Casal	18	22	0	0	09	08	02	02
	Ciúmes e Brigas no Namoro	16	17	0	0	12	03	02	08
	Casamento	06	09	0	0	04	02	03	01
	Brigas no Casamento	16	19	0	0	04	04	01	01
	Ciúmes no Casamento	26	25	01	0	0	02	01	04
	Gravidez	27	35	0	0	04	07	04	0
	Rotina	22	18	0	0	05	02	01	04
	Expectativas para o Futuro	04	04	0	0	01	0	0	01
	Total	135	149	01	0	39	28	14	21

3. Casal 3 - Gil e Mariana

História do Casal:

M se dirige a G com uma pergunta "E agora" (m). Se olham : " Começa ai" diz G (m). M pede esclarecimento a entrevistadora (a). M pergunta a G "Como começou?" (m). G inicia a resposta após solicitação de M (m), que complementa a sua fala (m). M toca G ao lembrar da história do casal, manifestando afeto (m), e ele sorri (m). G concorda com a afirmação de M (m). G fala (a) e M concorda (m). G fala (a) e M discorda (d). G concorda com ela (m) retomando a fala (a). M solicita ajuda de G (m), ele responde complementando a idéia dela (m). M responde usando "nós"- a gente não tava junto, lembra? (m), ele concorda " é" (p). M continua a fala (a) e solicita a participação de G com o olhar (m) , ele balança a cabeça positivamente (p). Os dois contam juntos sua história complementando-se (m). M retoma a fala (a).

A pesquisadora pergunta. Eles respondem juntos a pergunta (m). M discorda dele (d) e retoma a fala corrigindo-o (d). a P faz uma pergunta a M que responde (a). G complementa a fala dela (m) e fala de si (a). M repete o que ele disse (p). M e G respondem juntos a pergunta (a). M retoma a fala (a) e G complementa (m). M concorda (p). G complementa (m). M concorda explicando com outras palavras (p). M inicia outro assunto (a). M solicita participação de G (m) e ele não responde (d). A pesquisadora introduz pergunta sobre o assunto que M introduziu - namoro. M inicia a responder (a). G explica o que ela está dizendo (p). M concorda (p) e complementa (m) . Eles contam juntos como era o namoro, complementando-se (m). M continua o assunto(a). M faz uma afirmação (a) solicitando a participação dele " agora a gente não briga mais né?" (m) G responde concordando com M (p). M complementa a resposta dando mais detalhes (m). G explica o que M diz com outras palavras " estamos mais família" (p).

G faz uma afirmativa (a). M concorda (P). A pesquisadora faz uma pergunta. Ele responde (a). Ela explica a resposta que é diferente daquilo que a pesquisadora está respondendo (a). G responde a pesquisadora o que ela perguntou (a). M confirma (P). A pesquisadora retoma o assunto anterior em forma de questionamento. M responde (a). G confirma o que ela diz (M). Os dois, G e M, complementam-se na resposta (M).

M introduz um novo assunto (gravidez) (a). A pesquisadora faz uma pergunta (rotina do namoro). M não compreende bem e pede explicação (a). A pesquisadora explica. G e M respondem simultaneamente (a). M continua a explorar o assunto (a). M solicita a participação dele com olhar e com um "né" (M). Ele balança a cabeça concordando, de forma sutil (P).

Ciúmes e Brigas no Namoro:

A pesquisadora introduz um novo tema (ciúmes). G responde (a). M concorda (P) e complementa (M). A filha do casal entra na sala interrompendo a entrevista, o casal atende as solicitações da filha e ela sai da sala. A pesquisadora retoma a pergunta. M inicia a responder "era horrível" (a). G fala por cima (a). A pesquisadora repete a resposta de M. G discorda dela (d). Ela reformula sua resposta, concordando com ele (M). Ela explora mais o tema (a). A pesquisadora faz uma pergunta. O casal demora a responder, G responde (a). M repete a pergunta e depois responde (a). A filha entra de novo na sala. M continua explorando o tema ciúmes (a). G desliga-se do assunto ficando atento a menina (D).

A pesquisadora faz uma pergunta dirigida ao marido. G responde (A). Em seguida, a pesquisadora direciona a pergunta a M. M responde (A).

A pesquisadora introduz nova pergunta "o que levou a se interessarem um pelo outro." O casal se olha e sorri (M). M faz um comentário e inicia a responder (A). M

tente introduzi-lo no assunto dizendo "e ele eu não sei" (M): G começa a responder (A). Mara sorri com a resposta dele (M). A pesquisadora retoma as respostas deles. G responde (A) e M baixa a cabeça e não responde (D).

Casamento:

A pesquisadora introduz nova pergunta. G responde (A). A pesquisadora retoma. G responde (A). M complementa (M). G explica e ela continua a explicação (M). O casal se complementa na resposta, falando alternada mente (M).

A pesquisadora faz nova pergunta (aceitação da família de origem). G responde (A). M baixa a cabeça e concorda com ele (M). M continua a explorar o tema (A). G complementa (M). M concorda usando outras palavras (P). Mara fala mais sobre o tema (A). G dá a opinião dele (A). M discorda dele (D), olhando para ele. Eles falam complementando-se na resposta (M). M dá maiores detalhes (A). G complementa a resposta dela (M). O casal se olha e sorri (M).

A pesquisadora faz nova pergunta "como foi o início da vida a dois?." O casal inicia a resposta simultaneamente (A). G pede esclarecimento sobre a pergunta (A). M começa a responder (A) e após pede esclarecimento (A) e segue falando (A). M faz uma pergunta para ele sobre o assunto (M) e olha sorrindo, solicitando a participação de forma indireta (M) e ele responde á solicitação dela (M). M continua explorando o tema (A).

A pesquisadora pergunta sobre o período de adaptação do casal. Eles respondem junto, concordando (M). M responde a questão (A) e G discorda (D). M discorda dele (D). G explica sua resposta (A) e M continua discordando (D), mas em seguida incorpora a idéia dele (P).

A pesquisadora faz nova pergunta: "Já passou a adaptação?" G responde (A). M responde em tom de brincadeira (M) e os dois riem (M).

A pesquisadora faz nova pergunta "Como está agora?." G responde (A). M olha para ele e concorda (P) e introduz outro tema (A). M solicita com o olhar a participação dele (M) mas G abaixa a cabeça, não respondendo à solicitação (D) e ela continua explorando o tema (A) e olha novamente para ele (M) que permanece olhando para ela (M).

Ocorre uma interrupção por uma funcionária da creche e o casal dispersa-se temporariamente. M continua a resposta (A) e solicita a participação de G com uma pergunta e com o olhar (M). G responde a solicitação concordando (P). M inicia a resposta (A) e G complementa (M). Os dois seguem respondendo ao mesmo tempo, cada um responde isoladamente se levar em consideração o que o outro diz (A de M e de G).

A pesquisadora retoma a questão conjugal e M responde (A) e depois G responde (A), e logo após solicita a participação dela (M) que responde a solicitação (M) e ele complementa a idéia (M) e continua explorando o tema (A). M introduz uma nova questão, o desejo de não repetir a história dos pais se separando (A) solicitando em seguida a participação dele (M) e ele sorri (M).

Brigas no Casamento:

A pesquisadora introduz um novo tema. M responde (A) e depois G responde (A). A pesquisadora tenta esclarecer a resposta. G especifica mais (A) e M demonstra concordância a resposta de G sacudindo a cabeça (P). A pesquisadora dirige a pergunta à M, para clarear sua resposta e ambos respondem, concordando (P).

G responde a nova pergunta da pesquisadora (A) e M concorda (P). G recomeça a responder (A) e ela interrompe e complementa o que G está dizendo (M), G complementa (M) e M concorda (P).

Nova pergunta é lançada e G responde (A). M concorda com o que G diz (P) e explora mais o tema (A). G interrompe discordando do que M diz (D). M continua defendendo o seu ponto de vista, discordando de G (D). G continua discordando (D) explicando o seu ponto de vista (A). Ela interrompe discordando (D), ele discorda novamente dela (D) e M discorda novamente de G (D). A pesquisadora tenta resumir a idéia que eles exploraram e ambos concordam (P).

A pesquisadora introduz uma nova questão e M começa a responder (a) referindo hábitos do outro (M) e G complementa a fala dela (m) e M segue explicando o assunto (a) referindo o comportamento dele novamente (m).

A pesquisadora questiona o casal sobre o tipo de agressão que utilizam. G começa a responder (a) e depois seguem respondendo juntos (a de M e a de G) e complementando-se (m de M e m de G), ambos repetem a fala do outro com outras palavras (p de M e p de G). M pede esclarecimento antes de seguir explorando o tema (a). M solicita a participação de G (m) que responde concordando (m e p). M continua explicando (a) e G concorda, exemplifica, incorpora a idéia dela (p) e após complementa a idéia dela (m) e M complementa (m) exemplificando.

Nova pergunta é lançada ao casal. M começa a responder e ao mesmo tempo G pede esclarecimento sobre a pergunta (a de M e a de G). Após o esclarecimento, G responde (a) e M também responde (a), referindo-se a G (m). Ambos respondem juntos a pergunta (a de M e a de G)

M responde uma nova pergunta solicitando a participação de G (a e m) e ele responde (m) e M discorda (d) e ele mantém sua posição (a ou d ???), M discorda novamente (d) e G mantém sua posição (a ou d ???) explicando-a melhor (a) e M discorda (d) e G discorda (d). A pesquisadora faz outra pergunta. G responde (a) e M discorda (d) solicitando esclarecimento a G (m).

Uma nova pergunta é introduzida ao casal (violência física). G responde (a) e m também responde (a). M responde a uma nova pergunta (a) e G responde à próxima (a). A filha do casal entra na sala.

Outra pergunta é feita pela pesquisadora. M e G respondem simultaneamente (a de M e a de G). M responde solicitando a participação de G (m) e g responde a solicitação da esposa (m).

Ciúmes no Casamento:

Nova pergunta é feita (ciúmes). M responde (a) solicitando a participação de G (m) que a atende (m). M explica mais sua resposta (a) e G complementa a resposta dela, referindo o comportamento dela (m 2x???). M dirige-se ao marido mencionando o sentimento dele (m) e G discorda (d). M começa a contar uma história exemplificando o tema em questão (a) e G discorda dela indiretamente (rindo) (d).

Uma nova pergunta é feita pela pesquisadora. M começa a responder (a) solicitando a participação dele (m). G responde, discordando (d). m discorda de G (d) e g começa a contar uma história (a) e termina discordando dela (d), M mantém sua posição (d) e dá sua versão da história (a).

A pesquisadora faz outra pergunta e G responde (a) e M incorpora a idéia dele (p) e ele segue respondendo (a) e solicita auxílio de M (m). M não responde (d). A

pesquisadora tenta auxiliar e ela responde de maneira vaga (a). G interfere e começa a falar sobre ele (a) e depois solicita a participação de M (m) e ela não responde (d).

Novo tema é introduzido pela pesquisadora (vida sexual). G inicia (a) pedindo para m responder (m) e m responde (m). O casal segue respondendo juntos, complementando-se (a e m de M e de G).

Nova pergunta é feita. M e G respondem juntos (a de M e a de G). A pesquisadora repete a pergunta com outras palavras e M responde de forma vaga (a).

Outra pergunta é feita. Os dois pedem esclarecimento (a de M e a de G), ao mesmo tempo em que tentam entender melhor a questão. M responde (a). A pesquisadora esclarece a pergunta para G, que responde (a). Ela intervém dando sua opinião (a) e G segue falando, ignorando a intervenção de m (d) e continua explorando o tema (a) e ela ri do que ele fala (m).

A pesquisadora faz nova pergunta. M responde (a) e G pede esclarecimento (a) e M explica para ele (m) e segue respondendo (a). Ele também responde (a). A pesquisadora pergunta para M, que responde (a). G complementa a resposta dela (m) e M discorda (d).

Nova pergunta é feita, M começa a responder (a). Rúbia entra e interrompe. G retoma a pergunta respondendo (a). A pesquisadora pede que M esclareça a sua resposta. M responde (a). A pesquisadora começa a formular nova pergunta e ele responde, referindo-se a ela (m).

A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a M, mas ambos respondem simultaneamente (a de M e a de G). M fala (a) e G complementa (m) e ela segue respondendo (a), G complementa a resposta dela (m). M incorpora a idéia dele (p).

Gravidez:

M responde (a), referindo-se aos sentimentos dele (m), ele concorda (p), em seguida eles falam se complementando (m para M e m para G). A pesquisadora introduz uma pergunta e eles respondem juntos (a para M e a para G). M começa a explorar o tema (a) e ele complementa (m). Nova pergunta é introduzida. M e G começam a responder juntos (a de M e a de G). M começa a explorar o tema (a) e ele complementa (m). Nova pergunta. M e G começam a responder juntos (a de M e a de G) e M segue respondendo esta nova pergunta. M responde (a) e G responde em seguida (a), M segue falando (a) e G repete a fala de M em outras palavras (p), M segue (a) e G complementa (m).

Nova pergunta, G responde (a) e M concorda (p) e dá maiores explicações (a). Ela solicita a participação dele (m) que atende concordando com ela (p). Rúbia entra na sala. A pesquisadora faz nova pergunta. G responde (a) e M complementa (m) e continua explorando o assunto (a). O casal volta a atenção para a criança. A pesquisadora lança nova pergunta e M responde (a). Outra nova pergunta é feita, M responde (a) solicitando a participação dele (m), que atende concordando (p). A pesquisadora solicita a participação de G e esta responde (a), M complementa a resposta de G (m). Nova pergunta é feita, G pede esclarecimento (a), a pesquisadora repete a pergunta e M responde (a) e solicita a participação de G (m) que responde concordando (p). Nova pergunta, M e G respondem juntos (a de M e a de G), em seguida ele discorda de M (d) e M discorda de G (d) e ele incorpora a idéia de M (p).

Rotina:

A pesquisadora solicita que descrevam a rotina, M responde (a), G tenta participar de forma equivocada (a) e M esclarece a pergunta para ele (m), M segue respondendo (a) e G interrompe (a) introduzindo novo tema, M incorpora a idéia dele, concordando (p), depois tenta retomar a resposta (a) e G volta ao que estava falando (a) e M discorda (d), G discorda dela também (d) e ela segue respondendo (a), G complementa a idéia de M (m) e M continua respondendo (a). G interrompe com outra idéia (a) e M discorda (d), G defende sua idéia (d) e M discorda (d) e continua respondendo (a). Ela solicita a participação de G (m) que responde concordando (p). M e G falam juntos (a de M e a de G) e M continua explorando o tema (a) e ele complementa a idéia dela (m). M continua (a) e G responde a uma pergunta do pesquisador (a) e M discorda da resposta dele (d) e G incorpora a resposta dela (p) e M continua explorando a idéia (a).

Nova questão é introduzida, M e G respondem juntos (a de M e a de G). A pesquisadora especifica mais a questão e M responde (a), G complementa (m) e M segue (a). G interrompe M (a) e M continua a falar (a), solicita a participação dele (m) e ele balança a cabeça concordando com ela (p). M continua (a) e G complementa (m), M continua (a) e G complementa novamente (m) e M segue falando (a).

A pesquisadora faz uma pergunta dirigida para G. ele responde (a) e M complementa (m), G continua concordando com a idéia exposta por ela (p).

Nova pergunta é feita, M responde (a). Outra nova pergunta e G responde (a), e M responde com a cabeça (a). Outra questão é introduzida pelo pesquisador e eles respondem juntos (a de M e a de G), G segue explorando o tema (a). Ela fala sobre ele (m) e G continua (a). M discorda (d) explorando o seu ponto de vista (a), G discorda (d). M explica melhor (a) e G incorpora a idéia dela (p).

Nova questão é introduzida pelo pesquisador, G responde (a) e M responde (a). G responde novamente (a) e M concorda (p) e G continua (a). Nova pergunta é feita, M e G falam ao mesmo tempo (a de M e a de G) ela continua (a) e G complementa (m) e M concorda com ele (p).

Expectativas para o Futuro:

A pesquisadora lança uma questão, G ri e olha para ela (m), ela não responde (d), G começa a responder (a) e M responde também (a).

Tabela F3

Interação do Casal 3

		C a t e g o r i a s d e I n t e r a ç ã o							
		A u t o - A s s e r ç ã o		D i f e r e n c i a ç ã o		M u t u a l i d a d e		P e r m e a b i l i d a d e	
		ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA
C a t e g o r i a s T e m á t i c a s	História do Casal	09	16	01	03	14	15	06	06
	Ciúmes e Brigas no Namoro	06	06	02	01	01	05	0	01
	Casamento	11	16	02	03	12	14	01	03
	Brigas Casamento	no 15	15	05	05	08	09	05	07
	Ciúmes Casamento	no 13	19	05	05	10	07	0	02
	Gravidez	09	15	01	01	04	07	06	01
	Rotina	17	24	03	05	06	05	05	03
	Expectativas para o Futuro	01	01	0	01	01	0	0	0
	Total	81	112	19	24	56	62	23	23

4. Casal 4 - Darlei e Cristina

História do casal:

C inicia a resposta (a) e solicita a ajuda de D de forma indireta - sorrindo - (m), C solicita então diretamente ajuda a D (m); D não responde (d). A pesquisadora solicita que D participe e D pede ajuda à C (m), mas C não responde (d). D começa a falar (a), C concorda (p) com D e D retoma a fala (a). A pesquisadora faz nova pergunta: C responde (a) e D complementa (m); D segue falando (a). O casal pára de falar, logo a pesquisadora incentiva e C recomeça a responder (a).

A pesquisadora pergunta por que eles escolheram um ao outro: C responde (a) e pede auxílio a D (m), mas D não ajuda (d); C continua explicando (a). Neste momento a criança se aproxima e pede para mamar, C pára de falar. A pesquisadora pede a D que continue: D responde (a), C complementa (m) a história e explora o tema (a). A pesquisadora faz nova pergunta e C pede esclarecimento (a), depois C responde (a) e D complementa (m), C discorda (d) do que D falou. A pesquisadora pergunta diretamente à C, a qual responde (a). A pesquisadora sintetiza o que foi dito e ambos concordam ("p" para C e para D). C começa a falar (a), D mostra que concorda com gestos (p). A pesquisadora pergunta: C responde (a) e D concorda gesticulando (p). Quando a pesquisadora faz nova pergunta C responde (a) e D concorda (p).

Ciúmes e brigas no namoro:

A pesquisadora introduz novo tema: C responde (a). A pesquisadora solicita a participação de D, D então responde (a) com a cabeça; a criança se aproxima e C dá de mamar, depois C responde (a) também. A pesquisadora faz nova pergunta: C começa a falar (a) e pede ajuda (m) a D, D sacode a cabeça negativamente (d) e então, C retorna à

sua resposta (a). A pesquisadora intervém, C explora o assunto (a), a pesquisadora intervém C responde (a), a pesquisadora interrompe novamente e C continua (a).

A pesquisadora pergunta sobre ciúmes e C responde (a). A pesquisadora pergunta para D e D responde com a cabeça (a), depois retoma a resposta, verbalizando (a), a pesquisadora faz questionamento e D responde (a); depois a pergunta é feita para C e C responde (a). A pesquisadora faz nova questão e C pede esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta e D responde (a), C concorda (p). Em outra questão feita, D responde (a) e C complementa (m). A pesquisadora faz nova questão e C responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a D e D responde (a). Neste momento o menino se aproxima da mãe e C dá o peito para a criança. A pesquisadora pergunta e D responde (a).

Casamento:

A pesquisadora faz uma nova questão, C responde (a) e D concorda (p). A pesquisadora dirige pergunta a D, C e D respondem com a cabeça ("a" para C e D) e D desenvolve a resposta (a). Depois a pesquisadora faz uma nova pergunta direcionada a D e D responde (a). Nova questão é feita ao casal, eles respondem ("a" para C e D) e D explora mais o tema (a); C concorda (p) com D e D continua desenvolvendo sua resposta. A pesquisadora dirige uma pergunta a D e ele responde (a). A pesquisadora faz pergunta dirigida a D, que responde (a), depois C concorda com ele (p). É feita então, uma pergunta dirigida a C, ela responde (a), D complementa (m), depois C complementa (m) e novamente D (m). A pesquisadora faz uma nova pergunta, C e D respondem ("a" para C e D). É feita uma questão sobre a adaptação ao início da vida de casal: C responde (a) e D concorda com a cabeça (p). A pesquisadora faz pergunta

dirigida a D e ele responde (a) e C complementa (m). Nova questão é feita. C responde (a), D complementa (m), C complementa (m) e D continua respondendo (a); neste momento C discorda (d), mas D continua falando (a) e C complementa (m), D ignora enquanto C continua falando (a).

A pesquisadora introduz novo tema referente a como está a vida do casal agora: D e C respondem simultaneamente ("a" para C e D), mas D desenvolve mais sua resposta, C complementa o que D falou duas vezes (duas "m" para C) e concorda também (p). O menino se aproxima, mas C não dá de mamar dessa vez; D continua falando e C concorda (p), C concorda novamente sorrindo (p). A pesquisadora pergunte sobre lazer: D responde (a), C concorda (p). Quando a pesquisadora pergunta a respeito de frustração, C pede esclarecimento (a) e depois de entender responde (a), D concorda (p) com C e a criança se aproxima da mãe pedindo para mamar (mama por aproximadamente 1 segundo); D continua respondendo (a).

Brigas no casamento:

A pesquisadora questiona sobre brigas. D responde (a), C complementa (m) e D continua a resposta ignorando C (d). Nova questão é feita e D responde (a). Em outra questão é C quem responde (a), faz isso gesticulando, D concorda (p) e explora o tema (a), C discorda (d) de D e D concorda (p) com C, que continua explorando o tema (a); em determinado momento C critica D (d) e D discorda (d). A pesquisadora pede que o casal esclareça, C inicia a explicar (a) e D discorda (d), C continua respondendo (a) e D agora concorda (p) e explora mais a questão (a). A pesquisadora pergunta sobre a frequência das brigas do casal. C responde (a), D inicialmente concorda (p) e depois

explora mais a questão discordando de C (d para D); então C complementa (m), D complementa (m) e C novamente complementa (m).

A pesquisadora pergunta sobre o tipo de agressão que é utilizada. C responde (a), D complementa (m) e então C discorda (d); D ignora C e continua falando (a), C então discorda de D (d para C), mas D discorda (d), então C discorda (d) de D e D discorda novamente (d). C mostra-se incomodada e o menino se aproxima da mãe, ela o pega no colo, pergunta se quer mamar, o larga, pega-o novamente e por fim dá de mamar até a criança recusar; C então reclama de D (d), D discorda (d) de C, C discorda (d) de novo de D e D discorda (d) outra vez. A pesquisadora faz uma síntese dos aspectos trazidos por eles e C e D se manifestam ("a" para C e D), D explora o tema (a) e C discorda (d); D ignora a manifestação de C (d) e continua explorando o assunto (a). A pesquisadora interrompe D com uma nova questão e D ignora, C responde a questão (a), D continua falando, C discorda (d) de D e D discorda (d) também. A pesquisadora tenta novamente intervir, mas D continua falando (a).

A pesquisadora faz então uma outra pergunta. C e D respondem ("a" para C e D) e seguem falando sobre assuntos distintos ("a" para C e D). A pesquisadora dirige pergunta a C e ela responde (a) e D continua falando sobre o tema anterior (a), C discorda de D (d para C), D complementa (m) e C também (m). A pesquisadora pergunta sobre agressão física. C e D respondem ("a" para C e D). A pesquisadora faz uma nova pergunta e C responde (a). É feita então, uma pergunta à C e ela responde (a); depois para D e ele responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta dirigida a D e ele responde (a), C complementa (m) e segue explorando o tema (a). A pesquisadora faz outra pergunta e C responde (a). A pesquisadora direciona pergunta a C e C responde (a), D complementa (m), C complementa (m) e D outra vez complementa (m).

A pesquisadora faz uma nova questão. C responde (a) e D concorda (p) com gestos. A pesquisadora faz uma pergunta e C responde (a). A pesquisadora dirige questão à C e C responde (a). A pesquisadora dirige outra pergunta à C e ela responde (a) enquanto o filho se aproxima e C o pega no colo e lhe dá o seio. A pesquisadora questiona D e ele responde com a cabeça (a). A pesquisadora faz pergunta à C e C pede esclarecimento (a) à pesquisadora, depois C responde (a). A pesquisadora pergunta então a D, mas C continua falando (a), depois D responde (a) e C concorda (p) com o que D disse, mas aí D discorda (d) de C. A pesquisadora faz nova pergunta. C responde (a); a pesquisadora dirige outra questão à C e C responde novamente (a), D então complementa (m) e C complementa também (m). A pesquisadora intervém, em seguida C e D respondem ("a" para C e D), e depois D e C discordam ("d" para C e D).

Ciúmes no casamento:

A pesquisadora introduz novo tema e C responde (a), D complementa (m), C discorda (d). A pesquisadora pergunta diretamente à C, ela responde (a), D complementa (m), C também complementa (m) e outra vez D e C complementam ("m" para C e D). A pesquisadora faz outra pergunta: C responde (a) e solicita participação de D (m), D atende (m) e discorda (d), C então discorda (d), D também (d) e outra vez discordam ("d" para C e D), até que C reclama (d) e D discorda de novo (d); C fala algo novo (a). A pesquisadora tenta esclarecer: D e C respondem ao mesmo tempo ("a" para C e D), C explora mais a questão (a) e D discorda (d) de C.

A pesquisadora expõe uma nova questão, D e C respondem ("a" para C e D), D explora o tema (a) e C tenta se reafirmar (d), D discorda (d), C reforça sua opinião (d) e D discorda novamente (d); C continua desenvolvendo sua idéia (d) e D questiona C (m),

C então responde à solicitação de D (m), D questiona outra vez (m) e C responde (m) mais uma vez. A pesquisadora pede confirmação, C reafirma o que disse (a) e D começa a falar (a), C discorda (d), D continua explorando o assunto ignorando a participação de C (a); C retoma seu ponto de vista (d), D questiona C (m) e C responde sua pergunta (m), D por fim discorda (d). A pesquisadora retoma a questão do ciúme e das proibições, lançando uma questão à C, ela responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para C e ela responde (a) novamente. Nova questão é feita, C responde (a), D pede esclarecimento (a); a pesquisadora esclarece, C e D respondem ("a" para C e D). A pesquisadora direciona pergunta a D e ele responde (a).

A pesquisadora introduz o tema vida sexual, o casal se olha e sorri, um solicitando que o outro participe ("m" para C e D), C pede esclarecimento à pesquisadora (a) e pede ajuda a D (m), D então responde (m), mas C discorda (d). A pesquisadora questiona C e C responde (a) enquanto o filho se aproxima, D reclama e se defende (d), C discorda (d) e D também (d); enquanto isso, C pega o filho no colo e lhe dá de mamar, D continua discordando (d), C pede para que D pare de falar (d), mas D não atende à solicitação (d). A pesquisadora dirige pergunta a D e ele pede que a mesma esclareça (a) e, depois responde (a) a queatão, C discorda de D gesticulando (d). É feita uma nova questão e D responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta para C e ela responde (a). A pesquisadora faz outra questão à C e C responde (a). A pesquisadora pergunta se o sexo é utilizado para fazer as pazes, C responde (a), D discorda (d) e C também discorda (d).

A pesquisadora pergunta sobre violência nas outras relações do casal. D inicia respondendo com a cabeça (a) e C responde depois (a). A pesquisadora dirige uma pergunta à C e ela responde (a), D complementa (m). A pesquisadora dirige outra

questão à C, que responde (a). A pesquisadora pergunta então sobre outros tipos de violência. C responde (a), D interrompendo também responde (a). A pesquisadora faz então uma pergunta dirigida à D e ele responde (a); enquanto isso a criança faz algo perigoso/proibido e C corre para pegá-lo. A pesquisadora pergunta à C e ela responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para C e novamente ela responde (a), mas dessa vez a pesquisadora pede que C esclareça e C explica (a). A pesquisadora pergunta sobre agressão entre outros membros da família. C começa a responder (a), mas o filho se aproxima e chama sua atenção, C dá o peito para acalmá-lo. A pesquisadora faz uma pergunta direcionada a D e ele responde (a), depois a pesquisadora lhe pergunta outra coisa e D responde de novo (a).

A pesquisadora faz uma pergunta sobre a agressão entre os pais do casal. D e C respondem ("a" para C e D). A pesquisadora pergunta à C e C responde (a). A pesquisadora pergunta então sobre outros tipos de agressão existentes entre os pais do casal. C responde (a), D responde com a cabeça (a); C então introduz nova questão (a), D concorda (p), C continua falando (a). A pesquisadora dirige uma pergunta à C e ela responde (a). A pesquisadora pede para que contem se apanhavam dos pais, primeiro pede para D responder e ele atende a solicitação da pesquisadora (a); a pesquisadora pergunta algo a D, D responde (a) e olha (m) para C, C atende (m). A pesquisadora questiona D, mas C responde (m), D complementa (m) e pede que C participe (m), C participa (m). A pesquisadora faz pergunta à C e ela responde (a), D também responde (a). A pesquisadora pergunta para C se já apanhou dos pais, C responde (a); a pesquisadora questiona C novamente e C responde (a). A pesquisadora retoma o que C disse e C responde (a).

Gravidez:

A pesquisadora pergunta como foi a notícia da gravidez e C responde (a). A pesquisadora faz pergunta para C, que pede esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora pergunta como foi o período da gravidez, C responde (a); a pesquisadora dirige a pergunta a D e D responde (a). A pesquisadora pergunta como foi a vida a dois após o nascimento do bebê, C responde (a); a pesquisadora dirige a questão a D e D responde (a). A pesquisadora faz nova pergunta e C responde (a), D complementa (m) e responde (a), C tenta continuar e D interrompe e complementa (m); C então continua (a), D interrompe e introduz uma nova idéia (a) e C complementa (m).

A pesquisadora pergunta sobre os planos do casal depois do nascimento do filho. C responde (a). A pesquisadora retoma a pergunta: D e C respondem simultaneamente ("a" para C e D). A pesquisadora questiona então sobre o relacionamento dos três, C pede esclarecimento (a) e depois responde (a), D responde com a cabeça (a). A pesquisadora faz nova pergunta, D responde (a), C concorda (p); a pesquisadora retoma e C responde (a). A pesquisadora pergunta sobre brigas entre o casal e C responde (a). A pesquisadora faz pergunta à C e C responde (a); a pesquisadora faz outra pergunta à C e C responde (a). A pesquisadora então retoma e o casal responde ("a" para C e D). A pesquisadora questiona novamente o casal e os dois respondem com a cabeça ("a" para C e D). A pesquisadora pede que esclareçam e C responde (a). A pesquisadora confirma e D responde (a).

A pesquisadora pergunta sobre discordâncias nos cuidados com o bebê. D responde (a) com a cabeça e depois verbaliza. A pesquisadora questiona D e ele responde (a) e explora, C se manifesta (a). A pesquisadora tenta esclarecer, C responde (a), D discorda (d), C discorda (d) de D e D concorda (p). A pesquisadora pergunta se

batem no filho, C responde (a), D responde depois (a), C continua, D introduz nova idéia (a); C continua (a), D explica seu ponto de vista (a), C interrompe mostrando seu ponto de vista (a), D discorda (d), C também discorda (d), D continua desenvolvendo o que falava antes (a) e C faz isso também (a), D por fim discorda (d). A pesquisadora dirige pergunta a D e ele responde (a).

Rotina:

A pesquisadora pede que contem um dia da semana. D pede esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora faz pergunta e o casal responde ("a" para C e D), D explora mais o tema. A pesquisadora faz outra pergunta e os dois respondem novamente ("a" para C e D), D continua. A pesquisadora dirige pergunta a D e ele responde (a). A pesquisadora dirige outra pergunta a D e ele responde (a); a pesquisadora retoma e o casal responde ("a" para C e D). A pesquisadora faz uma nova pergunta. D responde (a), C discorda (d). A pesquisadora pergunta para C e ela responde (a). A pesquisadora pergunta então para D e ele responde (a), depois pergunta para C, que responde (a). É feita outra pergunta, D responde (a). A pesquisadora pergunta e ambos respondem ("a" para C e D), D continua e C concorda (p). A pesquisadora questiona, D responde (a), C concorda (p), D explica sua resposta, C continua e critica D (d).

A pesquisadora pergunta sobre o final de semana. C responde (a), D complementa (m). É feita outra pergunta e os dois respondem ("a" para C e D), D continua. A pesquisadora dirige pergunta à C e ela responde (a). A pesquisadora pergunta sobre cuidados com o bebê, C pede esclarecimento (a) e depois responde (a), D responde (a), C concorda (p). A pesquisadora pergunta a D e ele responde (a), C concorda (p). A pesquisadora questiona D e ele responde (a), C complementa (m) e D

concorda (p). A pesquisadora questiona C e ela responde (a), neste momento o filho se aproxima de C, que lhe dá o peito.

A pesquisadora pergunta sobre lazer e os dois respondem ("a" para C e D). A pesquisadora retoma e ambos respondem novamente ("a" para C e D), C acrescenta nova idéia (a). A pesquisadora pergunta e o casal responde ("a" para C e D), D continua, C explica sua resposta (a).

Expectativas para o futuro:

A pesquisadora pergunta sobre as expectativas para o futuro do casal e D responde (a); a pesquisadora pede explicação e D esclarece (a). A pesquisadora explica sua pergunta, D pede novo esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora dirige a pergunta à C e ela responde (a).

Tabela F4

Interação do Casal 4

		C a t e g o r i a s d e I n t e r a ç ã o							
		Auto - Asserção		Diferenciação		Mutualidade		Permeabilidade	
		ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA
C a t e g o r i a s T e m á t i c a s	História do Casal	04	12	02	02	03	04	03	03
	Ciúmes e Brigas no Namoro	08	12	01	0	0	02	0	01
	Casamento	15	12	0	01	03	06	03	06
	Brigas no Casamento	18	27	12	11	06	07	05	01
	Ciúmes no Casamento	21	36	13	13	13	11	01	0
	Gravidez	17	23	03	02	02	01	01	01
	Rotina	19	17	0	02	01	01	01	04
	Expectativas para o Futuro	04	01	0	0	0	0	0	0
	Total	106	141	31	31	28	32	14	16

5. Casal 5 - Henrico e Marisa

História do casal:

A pesquisadora inicia a apresentação da narrativa instrutiva de início da entrevista, M solicita que H comece (m), H não atende (d) e M então começa a falar (a). A pesquisadora pergunta à M sobre a situação familiar e M responde (a); outra pergunta é dirigida à M e ela responde (a). A pesquisadora pede esclarecimento e o casal responde ("a" para H e M). A pesquisadora pergunta à M se está desgostosa com a relação, M responde (a). A pesquisadora resume a fala de M, ela concorda e continua sua explicação (a). Uma pergunta sobre a perda dos bebês é dirigida à M e ela responde (a), H continua explicando (a). A pesquisadora pergunta e os dois respondem ("a" para H e M), H continua (a), M complementa (m), H continua explicando e pede participação de M (m), M atende (m). A pesquisadora pergunta se foi um fato que marcou muito e M responde (a), H segue falando o que dizia antes (a). A pesquisadora pergunta diretamente a H e ele responde (a) sobre a perda dos bebês.

A pesquisadora retoma o assunto do primeiro encontro dos dois e H responde (a), M o corrige (d), H então concorda (p) e continua explicando (a). A pesquisadora sintetiza e H continua falando (a). A pesquisadora resume e M responde (a). Introduz-se nova questão sobre o que levou um a se interessar pelo outro, M responde (a), H responde também (a). A pesquisadora pergunta sobre o noivado e H responde (a). A pesquisadora dirige pergunta à M e ela responde (a), H complementa sua história (m). A pesquisadora faz nova pergunta: M responde (a), H também (a). É feita uma pergunta sobre autorização para casar, H responde (a), M discorda (d), H concorda (p) e explica melhor (a).

A pesquisadora pergunta sobre a rotina de namoro e M responde (a). A pesquisadora retoma e M pede esclarecimento (a) e responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta e M responde (a), H complementa (m), M continua explorando o tema do namoro (a); H introduz um pensamento (a), mas M discorda (d), H continua falando (a). A pesquisadora resume a pergunta e H responde (a), M discorda (d), H continua falando (a), M provoca H (d) e H discorda do que M falou (d). A pesquisadora tenta esclarecer e H responde (a). Dirige-se uma pergunta à M, mas M não responde; H continua falando o que dizia antes (a), M discorda (d), H discorda de M (d), M discorda novamente (d), H discorda outra vez (d). A pesquisadora resume e H responde (a).

Ciúmes e Brigas no Namoro: Esta categoria foi excluída da entrevista pois o casal alegou não ter conteúdo à respeito, tendo em vista o brevíssimo tempo de namoro.

Casamento:

A pesquisadora pergunta e H responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta sobre a saída da casa dos pais e H responde (a), M discorda (d), H continua o assunto de antes (a). A pesquisadora pergunta sobre a moradia no apartamento e com a mãe, H responde (a). A pesquisadora faz pergunta para H e ele responde (a); depois pergunta para M e ela responde (a). A pesquisadora direciona questão para H e ele responde (a); pergunta então para M e ela responde (a). A pesquisadora faz outra pergunta para M, que responde (a). Pede-se esclarecimento para M e ela responde (a). A pesquisadora pergunta sobre a decisão de casar, M responde (a), H interrompe com nova idéia (a), M concorda (p) e H continua explicando (a).

A pesquisadora pergunta a H sobre a aceitação pela família da escolha do cônjuge e H responde (a), M discorda censurando H com o olhar (d). A pesquisadora pergunta a H e ele responde (a). A pesquisadora faz nova questão a H e ele responde (a). Dirige-se pergunta à M e ela responde (a), H explora mais o tema da procura da família de Maria; M complementa (m), H continua falando (a). Pergunta-se à M sobre o início da vida a dois e M responde (a). A pesquisadora pergunta e M responde (a), a filha se aproxima e o casal desvia sua atenção para ela. A pesquisadora retoma e M responde (a); a menina solicita atenção. A pesquisadora retoma e M responde (a); então dirige a pergunta sobre os seis primeiros meses a H e ele responde (a). H introduz nova situação, M discorda (d), H continua falando (a), M repreende H com o olhar (d) e H continua reforçando sua idéia (a).

A pesquisadora faz uma pergunta para H e ele responde (a). A pesquisadora resume e M responde (a), H concorda (p) e M discorda (d) de alguns aspectos apontados por H, H discorda (d). A pesquisadora pergunta sobre a rotina atual do casal, M responde (a), H complementa (m), M continua de acordo com o que H falou (m) e H complementa a idéia de M (m), M concorda (p). A pesquisadora tenta esclarecer e M responde (a). Pergunta-se sobre brigas no casamento e ambos respondem ("a" para M e H), M explica (a) e H interrompe (a); M não considera e continua falando (a). A pesquisadora pergunta nova questão à M e ela responde (a), H também responde por M (m) e continua explicando sobre si mesmo (a), M continua falando (a) e H também (a).

A pesquisadora pergunta sobre discussões e o casal fala junto ("a" para M e H), ambos concordam ("p" para H e M). A pesquisadora faz uma nova questão e M responde (a) e H complementa (m); M incorpora esta idéia e continua (p). A pesquisadora dirige uma pergunta à M e M responde (a); a pesquisadora esclarece e M

responde (a). H tenta esclarecer (a). A pesquisadora pergunta quando os dois ficam juntos e o casal responde ("a" para M e H), H fala sobre M (m). É feita nova pergunta e ambos respondem ("a" para M e H), H continua explicando (a).

Brigas no casamento:

A pesquisadora pergunta que tipo de agressão um utiliza contra o outro. M responde primeiro (a), depois H responde (a), M continua sua explicação concordando com H (p). A pesquisadora tenta esclarecer, M responde (a) e fala por H (m). A pesquisadora pergunta se um destrói coisas do outro e ambos respondem ("a" para M e H). Pergunta-se sobre ameaça de bater e M responde (a), H pede esclarecimento à M (m); M responde concordando (p), H explica mais a situação (a) e M discorda (d), H explica seu ponto de vista (a) e M explica o seu (a). A pesquisadora pergunta algo para M e ela responde (a); a pesquisadora tenta esclarecer e M explica (a).

A pesquisadora faz uma nova questão e M responde (a); a pergunta é dirigida a H e ele responde (a). Pergunta-se sobre outros tipos de violência e ambos respondem vagamente ("a" para M e H), M pede esclarecimento (a) e então responde (a). A pesquisadora pergunta sobre destruir coisas e ambos respondem ("a" para M e H), H explica melhor (a), mas M discorda (d); H continua falando, M explica seu modo de ver a situação (a). A pesquisadora direciona uma questão para H, mas M responde (m); dirige-se então outra pergunta à M e ela responde (a).

Ciúmes no casamento:

A pesquisadora pergunta e ambos respondem ("a" para M e H), H continua explicando (a) e introduz nova idéia, M discorda (d) e H continua falando concordando

(p). A pesquisadora retoma pergunta e M responde (a), H complementa (m), M continua (a) e H também (a), M discorda (d), H continua explicando (a) e M também (a); H começa a dar mais explicações (a). É feita outra questão e o casal responde ("a" para M e H), a pesquisadora continua a pergunta e M responde (a), H depois responde (a) e continua falando (a); M incorpora sua idéia e acrescenta (p), H discorda (d) e M continua falando (a).

A pesquisadora pergunta e H responde (a). Pergunta-se sobre o lazer do casal e M responde (a), H concorda (p) e M concorda reforçando (p). A pesquisadora faz outra pergunta e M responde (a) e H também (a), depois M complementa (m).

A pesquisadora pergunta como é a vida sexual do casal, ambos sacodem a cabeça negativamente ao mesmo tempo ("a" para M e H), e H depois verbaliza (a). A pesquisadora retoma e M responde (a). É feita outra pergunta e H responde (a) e solicita participação de M (m), M atende (m). A pesquisadora resume e faz nova pergunta, M responde (a) e H esclarece (a). A pesquisadora pergunta sobre a frequência das relações, M responde (a) e depois H também (a). A pesquisadora retoma e H responde (a). A pesquisadora dirige pergunta à M e ela responde (a). Pergunta-se como era antes e M responde (a). Dirige-se uma pergunta à M e ela responde (a); a pesquisadora dirige uma pergunta a H e ele responde (a), M também responde (a). A pesquisadora confirma e H responde (a); a pesquisadora dirige a pergunta à M e ela responde (a), H então interrompe discordando (d), M discorda (d), H continua explicando (a) e M discorda (d), H continua explicando (a). Pergunta-se algo a H e ele responde (a); a menina interrompe e M se volta para ela, mas H continua falando. A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a H e ele responde (a). Questiona-se o casal, M responde (a) e responde por H também (m). A pesquisadora faz outra pergunta e M responde (a). A

pesquisadora pergunta se o casal usa o sexo para fazer as pazes e M responde (a), H também (a).

A pesquisadora faz nova pergunta sobre agressão física e o casal responde ("a" para M e H). A pesquisadora faz outra pergunta e ambos respondem ("a" para M e H). Pergunta-se algo e M pede esclarecimento (a), depois M responde (a). A pesquisadora retoma e M responde (a). Faz-se uma pergunta dirigida à M e ela responde (a). Dirige-se pergunta a H e ele responde (a); a pesquisadora pergunta de novo para H e ele responde (a).

A pesquisadora pergunta sobre violência dos pais, M responde (a), H responde também (a); a pesquisadora pede que H esclareça e ele responde (a). A pesquisadora retoma a pergunta e H responde (a); pede-se novo esclarecimento a H e ele explica (a). A pesquisadora dirige outra pergunta a H, que responde (a). Questiona-se sobre apanhar dos pais e M responde (a), a pesquisadora tenta esclarecer e M responde (a). Dirige-se pergunta à M e ela responde (a). A pesquisadora dirige outra pergunta à M e ela responde (a); a menina interrompe e o casal se volta para ela, depois M continua a explicar (a). A pesquisadora pede que M esclareça e M responde (a). A pesquisadora dirige outra pergunta à M, que responde (a). Questiona-se H e ele responde (a); questiona-se H novamente e ele responde (a) e outra vez se pergunta a H e ele responde (a) novamente, M interrompe dando sua opinião (m), H continua explicando (a).

Gravidez:

A pesquisadora pergunta como receberam a notícia da gravidez. M pede esclarecimento (a) e depois responde (a). A pesquisadora pede que esclareçam e M responde (a). Dirige-se a pergunta a H e ele responde (a); A pesquisadora dirige outra

pergunta a H e ele responde (a), M concorda (p), H continua explicando (a) e M explica também (a), H interrompe (m) e M continua (a). A pesquisadora faz nova questão sobre gestação e M responde (a). Faz-se outra pergunta e o casal responde ("a" para M e H), M continua explorando (a), H interrompe complementando (m) e M discorda (d). A pesquisadora faz uma compreensão e M responde (a). É feita uma pergunta: M responde (a), H complementa (m) e M discorda (d).

A pesquisadora pergunta sobre brigas naquela época e M responde (a). A pesquisadora questiona e o casal responde ("a" para M e H). A pesquisadora pergunta como foi a vida após o nascimento do bebê e M responde (a). A pesquisadora faz uma pergunta e os dois respondem ("a" para M e H), M continua explorando (a) e H interrompe com nova idéia (a). A pesquisadora dirige pergunta à M e ela responde (a), H acrescenta outra idéia ao que M falou (m). É feita outra pergunta e M responde (a). A pesquisadora pede que M esclareça e M responde (a). A pesquisadora dirige questão a H e ele responde (a), M interrompe e começa a explicar mais (a) e H tenta complementar (m), M mostra que não é o mesmo ao que se refere (d), H tenta complementar (m), M concorda (p) e H explora mais o tema (a).

A pesquisadora faz pergunta sobre mudança de planos depois do nascimento do bebê e M responde (a). Pergunta-se sobre o relacionamento dos três e M responde (a); a pesquisadora pede esclarecimento e M dá (a), a menina interrompe e M se volta para ela. A pesquisadora dirige pergunta a H e ele responde (a), M interrompe complementando (m). A pesquisadora pede esclarecimento ao casal e M esclarece (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a H e ele responde (a), M também responde (m); H continua explorando (a), M interrompe explorando também (a). A menina se aproxima, mas H continua explicando (a). Pergunta-se a H e ele responde (a), M

complementa (m) e H concorda (p). A pesquisadora sintetiza, o casal responde ("a" para M e H) e M explica mais depois (a).

A pesquisadora pergunta sobre brigas depois que o bebê nasceu. M pede esclarecimento (a) e depois responde (a), H responde (a), M desafia H (d), H continua falando (a) e M discorda novamente (d), H discorda de M (d). A pesquisadora pergunta a H e ele responde (a), M discorda (d). A pesquisadora tenta sintetizar e M retoma (a). Faze-se outra pergunta e M responde (a). A pesquisadora pede confirmação e M fala (a). A pesquisadora dirige pergunta à M e ela responde (a).

A pesquisadora pergunta sobre discordâncias nos cuidados com a criança e M responde (a). A pesquisadora dirige uma pergunta à M e ela responde (a). A pesquisadora dirige pergunta a H e ele responde (a); a pesquisadora retoma e M responde (a). A pesquisadora pergunta sobre bater na criança e o casal responde ("a" para M e H). A pesquisadora tenta esclarecer e M responde (a); a menina se aproxima de M e ela continua falando. A pesquisadora tenta entender o que M fala e M esclarece (a). Dirige-se pergunta a H e ele responde (a), M concorda (p). Faz-se questionamento e M responde (a), H interrompe tentando se manifestar (a) e M continua falando (a); H retoma o assunto (a) e M concorda com H (p).

Rotina:

A pesquisadora pede que contem um dia de suas vidas. M dá gargalhada e responde (a). A pesquisadora retoma a solicitação e dirige à M, ela responde (a). Dirige-se uma questão à M e ela responde (a); H começa a falar (a). A pesquisadora faz uma pergunta dirigida a H e M responde (m); H explora mais o tema (a) e pede que M participe (m), M atende (m). A pesquisadora dirige à M uma pergunta e M responde (a);

dirige-se a pergunta a H e ele responde (a). Faz-se uma questão e o casal responde ("a" para M e H), mas H continua (a) e M discorda (d). A pesquisadora dirige pergunta a H e ele responde (a). Faz-se outra pergunta e H responde (a), M complementa (m). A pesquisadora pede esclarecimento e M responde (a). Pergunta-se e é H quem responde (a). A pesquisadora resume e o casal responde ("a" para M e H), M acrescenta nova idéia (a) e H continua falando sobre o assunto (a). A pesquisadora retoma e ambos tentam dar resposta ("a" para M e H). Dirige-se pergunta à M e ela responde (a); a pesquisadora dirige outra questão para H e ele responde (a).

A pesquisadora pergunta como é o fim-de-semana, M responde (a) e H também (a), M volta a falar explicando o que H disse (m). Dirige-se pergunta à M e ela responde (a); a pesquisadora resume para M e ela retoma (a). A pesquisadora faz nova questão sobre os cuidados com a criança e o casal responde ("a" para M e H), M explora mais o tema (a). A pesquisadora sintetiza, M responde (a) e H depois responde (a). Pergunta-se sobre as atividades de lazer, M dá gargalhada, H responde (a), M emite opinião sobre o que H falou (m) e responde (a). A pesquisadora pergunta novamente e M responde (a), H concorda (p).

Expectativas para o futuro:

A pesquisadora pergunta e M responde (a). Pergunta-se para H e ele responde vagamente (a). A pesquisadora pede que H esclareça e ele responde (a). A pesquisadora pergunta a H sobre expectativas para o casal e H responde (a).

Tabela F5

Interação do Casal 5

		C a t e g o r i a s d e I n t e r a ç ã o							
		Auto - Asserção		Diferenciação		Mutualidade		Permeabilidade	
		ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA	ELE	ELA
C a t e g o r i a s T e m á t i c a s	História do Casal	21	18	04	07	03	03	02	0
	Ciúmes e Brigas no Namoro	0	0	0	0	0	0	0	0
	Casamento	25	24	01	05	05	02	02	04
	Brigas no Casamento	08	14	0	02	01	02	0	02
	Ciúmes no Casamento	36	35	02	04	02	04	02	02
	Gravidez	23	40	01	06	06	03	01	04
	Rotina	16	18	0	01	01	05	01	0
	Expectativas para o Futuro	03	01	0	0	0	0	0	0
	Total	132	150	08	25	18	19	08	12